

Darcilia Simões

ICONICIDADE E VEROSSIMILHANÇA

2007



Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

Copyright © 2005 Darcilia Simões

Publicações Dialogarts

(<http://www.darcilia.simoes.com>)

Coordenadora/autora do volume:

Darcilia Simões – darcilia@simoes.com

Co-coordenador do projeto:

Flavio García – flavgarc@uol.com.br

Coordenador de divulgação:

Cláudio Cezar Henriques: claudioc@bighost.com.br

Diagramação e Revisão:

Darcilia Simões – darcilia@simoes.com

Logotipo: Rogério Coutinho

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores – DELE

Instituto de Letras – LIPO

UERJ- DEPEXT – SR3 - *Publicações Dialogarts*

2007

FICHA CATALOGRÁFICA

S410	ICONICIDADE E VEROSSIMILHANÇA. Semiótica aplicada ao texto verbal Darcilia Simões Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. p.110 Publicações Dialogarts Bibliografia. ISBN 978-85-86837-30-2 1. Semiótica. 2. Léxico. 3. Verossimilhança. 4. Redação 5. Ensino. I. Simões, Darcilia - - I - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. II - Departamento de Extensão. III. Título.
------	---

CDD.410.412

ISBN 978-85-86837-30-2



Correspondências para:
UERJ/IL - a/c Darcilia Simões
R. São Francisco Xavier, 524 sala 11.139-F
Maracanã - Rio de Janeiro: CEP 20 569-900
Contatos: dialogarts@oi.com.br
darcilia.simoess@globo.com
flavgarc@uol.com.br
URL: <http://www.dialogarts.uerj.br>

A semiótica aquém, além e na parceria com a lingüística

A maioria das correntes de semiótica vem de uma tradição da lingüística. A lingüística é a ciência da linguagem verbal. Para dar conta de outros sistemas de significação e textos culturais, distintos do verbal, as correntes semióticas de extração lingüística alargaram os conceitos lingüísticos, criando teorias mais amplas do que a lingüística, mas ainda ligadas a ela.

Diferentemente de todas as outras correntes semióticas, a semiótica peirceana não está filiada à lingüística. Ela é uma das disciplinas de uma arquitetura filosófica muito geral que também inclui a fenomenologia, a estética, a ética e a metafísica.

Por estar alicerçada na fenomenologia, a semiótica peirceana nos permite estudar como signos os fenômenos que estão muito aquém do universo lingüístico, tais como sentimentos, emoções, percepções etc.

Por ser sinônimo de lógica, concebida em um sentido muito vasto, a semiótica peirceana também nos permite ir além dos signos lingüísticos, alicerçando o estudo de todos os outros tipos de símbolos de que o verbal é apenas uma espécie.

Entretanto, em parceria com a lingüística, a semiótica nos leva a enxergar que a língua não é feita só de símbolos, mas de outros tipos de signos que a língua compartilha com as imagens e com a música, por exemplo. Neste caso, um conceito-chave para a detecção do não-verbal no seio do verbal é o conceito de ícone. Quanto mais esse conceito for explorado com acuidade, mais ele será capaz de nos revelar a riqueza semiótica de que a linguagem verbal está preñhe.

Este estudo, que aqui apresento, levado a cabo por Darcilia Simões sobre "Iconicidade e verossimilhança" é um exemplo eloquente das parcerias possíveis e rendosas da lingüística com a semiótica. Centralizada no papel desempenhado pela iconicidade na língua, a investigação penetra nos meandros delicados da teoria para deles extrair conceitos operacionais passíveis de aplicações lúidas e precisas. Digna de nota é a utilização de programas computacionais como ferramentas de auxílio para a análise textual, o que aumenta sobremaneira a precisão das análises.

Darcília Simões, 2007

Para aqueles que se interessam pelos cruzamentos de áreas com poder para alargar o espectro de nossa compreensão, neste caso, das sutilezas da língua que falamos, este trabalho de Darcília Simões tem muito a oferecer, especialmente para aqueles que lidam com o ensino da língua e desejam exercer sua missão com acuidade e competência.

Lucia Santaella¹

Professora titular no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUCSP

¹ Lucia Santaella supervisionou o estágio pós-doutoral (2006-2007) de que resultou a produção deste livro.

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

Apresentação

É com satisfação que entrego aos leitores mais uma obra que visa contribuir com a melhoria da qualidade do ensino da língua portuguesa, em especial no plano da produção de textos técnico-acadêmicos. É notória a dificuldade dos discentes em produzir suas dissertações – sejam as solicitadas ao longo dos cursos sejam as que se impõem como trabalho de conclusão de curso.

Como nosso objeto de estudo, historicamente estabelecido, é a produção de textos escritos, desta vez ofereço ao leitor o produto de meu estágio de pesquisa pós-doutoral realizado sob a supervisão da Professora Doutora Lucia Santaella na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, ao longo do ano de 2006.

Buscando construir material técnico-teórico que possa auxiliar os colegas docentes na condução do processo de ensino-aprendizagem da produção de dissertações, reunimos materiais durante três anos, recolhendo as redações produzidas por nossas turmas de graduação em Letras, com vistas a usar o material como corpus de pesquisa.

Vimos perseguindo a teoria da iconicidade e tentando avançar nas discussões semióticas. Buscamos aplicar ao signo verbal matrizes teóricas deixadas por Peirce. Focalizamos dessa vez a iconicidade como produtora da verossimilhança, avaliando a seleção lexical presente nos textos produzidos pelos estudantes e provocada pela leitura de textos prévios de autoridades da área.

Assim sendo, o presente livro apresenta-se organizado conforme descrição a seguir.

Na PARTE I – A SEMIÓTICA E O ESTUDO DE TEXTOS – é feita uma apresentação, ainda que sumária, da Semiótica e sua trajetória com a intenção de inserir o leitor na moldura semiótica. Nesta parte, Roman Jakobson, Ferdinand Saussure, Roland Barthes, Yuri Lotman, Hjelmslev e A. J. Greimas aparecem na construção do cenário semiótico. Faz-se ainda uma breve descrição das categorias peircianas dos signos e das relações que vimos construindo entre tais categorias e a proficiência textual (em dois estágios).

Trazem-se ao texto informações teóricas acerca do contexto de produção textual, encaminhando-o para a iconicidade. A seguir, abre-se a conversa sobre verossimilhança, fazendo uma breve recapitulação dessa categoria nos estudos semióticos, em especial no âmbito literário, onde são trazidos à cena Julia Kristeva, Tzvetan Todorov e Umberto Eco.

Ainda na Parte I, imagem e persuasão são incorporadas à discussão e observadas como pertinentes ao âmbito da iconicidade e da verossimilhança. Para tanto se discute texto, verossimilhança, mensagens, modelos e imagens. A esta altura, teóricos como Santaella, Nöth, Le Bon, Dubois, Perelman, entre outros são chamados ao texto para iluminar a discussão.

Givón, Halliday & Hasan, Lakoff, Fauconier, Bahktin, vêm enriquecer o estudo permitindo um enfoque mais abrangente da produção da iconicidade e das estratégias textuais presentes na diagramação do texto e na caracterização dos gêneros.

A leitura de Peirce, auxiliada por Nöth, permite avançar-se na aplicação da teoria da iconicidade, situando-a no nível da iconicidade imagética e diagramática, ao mesmo tempo que cruza essa abordagem com questões relativas à cognição: base da semióse.

Koch, Travaglia e Sautchuk dão suporte à leitura da coerência, coesão e cognição. E a certa altura do estudo, tese e argumento (processo cognitivo) fazem com que estes teóricos subsidiem nossa proposta quanto à seleção lexical e iconicidade sintagmática diagramática. A Parte I se conduziu com a apresentação do processo de automação na análise de dados aplicado no levantamento de dados na pesquisa.

A Parte II – APLICAÇÃO – descreve a constituição técnica e apresenta o corpus. Isto é seguido dos critérios estabelecidos para a discussão dos dados do corpus, segundo a visão pautada na iconicidade emergente da seleção lexical. Tabelas exemplificam o trabalho com os dados. Surgem então novas figuras que operarão durante a análise de dados como: cotexto, palavras-chave, textos-fonte, textos-corpus, a partir das quais os mecanismos icônicos serão observados como responsáveis pela coesão textual. Léxico e iconicidade são explorados a partir de um suporte semântico-funcional obtido na análise da iconicidade diagramática sintagmática.

A Parte III – CONCLUSÕES PARA FINS DIDÁTICOS – fornece ao leitor uma visão detalhada da fundamentação teórica eleita e do porquê dessa eleição. Traz à tona a metodologia utilizada de modo a clarificar o percurso trilhado desde o projeto didático gerador do corpus até a iconicidade mesma do projeto gerador deste livro, que é a apresentação de uma proposta de avaliação de redações a partir da seleção lexical que é, então, vista como fator icônico garantidor da verossimilhança, ou da legibilidade textual que, por sua vez, deverá revelar um projeto prévio de texto, ou projeto comunicativo.

SUMÁRIO

A semiótica aquém, além e na parceria com a lingüística.....	
Apresentação	
PARTE I: A SEMIÓTICA E O ESTUDO DE TEXTOS.....	
Desenhando o cenário inicial	12
As categorias sógnicas e a sua relação com a proficiência textual (I)	16
A propósito das categorias	16
Sobre contexto de produção.....	17
As categorias sógnicas e a sua relação com a proficiência textual (II).....	25
Imagem e persuasão – da iconicidade à verossimilhança.....	32
Texto e verossimilhança: uma questão semiótica	36
Mensagens, modelos, imagens.	46
A produção da iconicidade: estratégias textuais	48
Tese e argumento: processo cognitivo.....	57
Seleção lexical e iconicidade sintagmática diagramática	60
Automação na análise de dados.....	61
Parte II: APLICAÇÃO.....	
Constituição técnica e apresentação do corpus	65
Tabela de palavras-chave do texto-fonte 1:....	76
Léxico e iconicidade	81
Iconicidade diagramática sintagmática.....	84

Parte III: CONCLUSÕES PARA FINS DIDÁTICOS	
Sobre a fundamentação e metodologia	90
Sobre o projeto didático gerador do corpus	98
Referências bibliográficas.....	105
Outras fontes:	107
Outras obras da autora.....	109

PARTE I: A SEMIÓTICA E O ESTUDO DE TEXTOS

Desenhando o cenário inicial

Semiologia e Semiótica são termos freqüentes nos estudos da comunicação e, atualmente, nos estudos da linguagem verbal. Comumente, os conhecimentos referentes a tais áreas mostram-se confusos, sobretudo nas aulas de leitura e produção textual. Isso acontece por razões diversas, das quais focalizaremos a da escolha de matriz de análise como problema teórico-metodológico fundamental.

Antes, no entanto de abordar a questão da matriz, há que se minimizar a confusão terminológica. Durante muito tempo houve um embate entre os termos Semiologia e Semiótica, na busca de definir seus âmbitos e desfazerem-se possíveis equívocos quanto ao objeto formal de cada uma, já que se pretendiam ciências distintas. Graças à intervenção salutar de Roman Jakobson, que definiu *semiótica* como termo geral que englobaria as tradições da semiologia e da semiótica geral (v. Nöth, 1995), passou-se então a usar-se a *semiótica* como o nome prevalente da ciência dos signos, e aceitar-se *semiologia* como um sinônimo sem maiores conseqüências.

Retomando então a questão da matriz operacional, cumpre lembrar que existem três matrizes de estudos semióticos, que surgiram quase que simultaneamente no período entre o final do século XIX e início do século XX, a partir da necessidade de se compreender os novos fenômenos de linguagem. São elas: a) a norte-americana² de autoria de Charles Sanders Peirce (abordagem lógico-filosófica da linguagem, tendo o signo, a unidade mínima de representação, como referência para se pensar os níveis de percepção sobre o mundo (primeiridade, secundidade e terceiridade); b) a francesa iniciada por Ferdinand de Saussure³ (ciência maior que estudava os signos no seio da vida social, ou seja, propunha o estudo de outras linguagens não-verbais, tendo como referência a lingüística) que estuda os mecanismos gerais de todas as línguas (linguagem verbal); c) a russa inaugurada por Yuri Lotman (que buscou a compreensão da cultura como linguagem).

² De todas as teorias semióticas essa é a única que, em sua origem, não tem referência nos estudos lingüísticos.

³ Saussure inaugura uma tradição de pesquisas que se caracterizou como *Lingüística imanente*, centrada nos estudos dos textos, na organização e no sentido das obras em si, desconectadas de seus contextos de produção discursiva.

Nos anos 50, célebres pesquisadores europeus como o dinamarquês Hjelmslev, o russo Roman Jakobson e o francês Roland Barthes ressignificam a obra saussureana e inauguram o movimento estruturalista. Propõem uma *semiologia estrutural*, que tinha como referência a língua como sistema de linguagem maior para os estudos das outras linguagens não-verbais.

A teoria semiológica é revista em meados dos anos 60, quando surge o movimento teórico conhecido como pós-estruturalismo. Hjelmslev modifica a noção de signo, que passa de significado e significante para conteúdo e expressão. Busca desligar o signo de seu viés linguístico e possibilita a criação de uma teoria gerativa que vem a ter como grande expoente o pesquisador Algirdas Julien Greimas. A partir daí o nome semiologia cai em desuso, sendo encampado pela chamada semiótica narrativa e discursiva.

Constatada a necessidade de aperfeiçoamento dos estudos sobre leitura e produção textual, inúmeros estudiosos⁴ vêm se debruçando sobre o tema e lançando mão das mais variadas matrizes teóricas. A Linguística Textual (Koch⁵, Fávero⁶, Bastos⁷), a Análise de Discurso - AD (Orlandi⁸, Fiorin⁹, Paulikonis¹⁰) e o Estudo de Gêneros Textuais - GT (Marcuschi¹¹, Dionísio¹², Meurer¹³) - as duas últimas (AD e GT), ainda em inicial

⁴ Os autores e obras citados em nota são apenas algumas referências aos estudos em desenvolvimento no Brasil.

⁵ KOCH, Ingedore Villaga. O texto e a construção dos sentidos. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 1995. _____. A interação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1997.

⁶ FAVERO, Leonor Lopes. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Ática, 2003. FAVERO, Leonor; KOCH, Ingedore. Linguística textual: introdução. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

⁷ BASTOS, Lúcia K. Coesão e coerência em narrativas escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

⁸ ORLANDI, E. P. Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996. _____. Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas/SP: Pontes, 2001.

⁹ FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996. _____. Elementos de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto.

¹⁰ PAULIKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid Texto e discurso. Mídia, Literatura e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

¹¹ MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

¹² DIONÍSIO, A. P. (Org.); HOFFNAGEL, J. C. (Org.); BAZERMAN, C. (Org.). Gêneros Textuais, Tipificação e Interação. São Paulo: Cortez, 2005. _____. (Org.); BEZERRA, M. A. (Org.); MACHADO, A. R. (Org.). Gêneros textuais e Ensino. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

formação teórica - são as molduras mais produtivas atualmente no cenário brasileiro da pesquisa sobre textos.

Verifica-se ainda que a aplicação de pressupostos semióticos à investigação dos processos de leitura e produção textual no Brasil, de um modo geral, restringe-se a operações com a semiótica francesa de base greimasiana (Fiorin, Barros¹⁴). No entanto, há algum tempo, tem-se visto manifestações de trabalho com a semiótica norte-americana de Charles Sanders Peirce. Contudo, em função do desconhecimento da ciência peirceana, o que se vê é um uso indiscriminado dos tipos sógnicos - *icone*, *índice* e *símbolo* - como classificadores de manifestações textuais variadas, sem que, entretanto, se perceba contribuição efetiva nessa ótica de análise. A falta de embasamento na teoria tem levado estudiosos a definirem equivocadamente os tipos sógnicos e, por conseguinte, sua aplicação resulta deformada.

Em se tratando de uma ciência de base filosófica e não-lingüística, a semiótica de Peirce demanda um mergulho profundo na constituição do pensamento filosófico, para que, transposta a fenomenologia, seja possível compreender as projeções dessa ciência na fundação da semiótica peirceana. A caracterização filosófica é o marco diferencial dessa semiótica, uma vez que ela não se constituiu direcionada para um dado sistema sógnico, mas, ao contrário, buscou formular matrizes de interpretação universais, que se aplicassem a qualquer sistema, fosse interpretado por seres ou por máquinas. Logo, suas bases são muito mais amplas que a de um sistema particular de signos. Busca formular matrizes universais que expliquem a interação entre as mentes e os fenômenos.

Chamo ao texto palavras de Santaella que justificam a busca da semiótica de Peirce na análise de objetos empíricos, dentre os quais insiro os textos. Veja-se o excerto:

(...) a proliferação ininterrupta de signos vem criando cada vez mais a necessidade de que possamos, lê-os, dialogar com eles em um nível um pouco mais profundo do que aquele que nasce da mera convivência e familiaridade (Santaella, 2002: XIV).

¹³ MEURER, J.L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros textuais. São Paulo: EDUSC, 2002.

¹⁴ BARROS, Diana L. P. de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 1990. _____. "Estudos do texto e do discurso e questões de ensino no Brasil" [p.101-ss]. In AZEREDO, José Carlos S. de. Aulas de Português: perspectivas inovadoras. Petrópolis: Vozes, 1999

Assim sendo, recorrer à teoria de Peirce com vistas a compreender, interpretar e gerenciar a produção textual no sistema verbal demanda a assimilação madura dessa teoria, e mais: uma vez incorporados os preceitos fundadores da teoria, buscar a construção de esquemas aplicativos que a acomodem ao objeto de estudo de modo a propiciar o intercâmbio proficiente de dados entre os dois sistemas: o teórico semiótico e o textual verbal, no caso.

Observando-se a redução do conteúdo semiótico à classificação dos objetos observados em *ícones*, *índices* e *símbolos*, percebe-se a limitação em que se encontram os estudos aplicados, uma vez que não dão conta da grande teia que se forma no tecido textual, de qualquer sistema signífico. E essa redução tem sido consequência do não-entendimento do fundamento daquela tríade. Não é bastante se estabelecerem relações de semelhança, contigüidade e convencionalidade - consecutivamente - para explicar funções e valores emergentes da trama textual. Inclusive, a aplicação imprópria da grade teórica, via de regra, resulta na deformação do objeto e, por conseguinte, da análise.

Cumpra então, criarem-se materiais técnico-teóricos que iniciem de forma adequada os estudiosos na ciência de Peirce, para que, uma vez compreendida a sua estruturação fundamental, seja possível relacioná-la com esse ou aquele sistema signífico; e dessa relação possam brotar paradigmas de análise de alta produtividade (*quando bem-definidos e bem-compreendidos na sua formulação, os conceitos nos oferecem sua eficácia como recompensa* - Santaella, 2004, 5), no que tange ao entendimento do processo de apreensão dos fenômenos e sua subsequente tradução intersemiótica, a partir do que se produzem os textos. Isto porque os textos, em última análise, materializam nossos pensamentos, que são interpretação dos fenômenos que se nos apresentam. A tese peirciana de que não há pensamento sem signos é complementada por outra de que os raciocínios empregados nos métodos científicos demandam um estudo de todos os tipos de signos, suas misturas e o modo como evoluem (Santaella, 2001, 32). Isto é fundamental na investigação da tessitura textual, uma vez que o objeto-texto não se apresenta acabado e será reconstruído a cada leitura, demonstrando de modo pleno o que se chama tecnicamente de *semiose ilimitada*.

Concluindo, o problema de pesquisa perseguido na produção deste estudo durante estágio de pós-doutoramento, acolhido no Programa de Pós-

graduação em Comunicação & Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, supervisionado pela semiotista Lúcia Santaella, foi a *verificação da possibilidade de, a partir de uma seleção lexical apropriada, garantir-se a realização do projeto comunicativo do texto, administrando seu potencial de verossimilhança*.

As categorias signíficas e a sua relação com a proficiência textual (I)

A propósito das categorias

Peirce interpreta a experiência e a construção do pensamento segundo um composto doutrinário fundado nas categorias fenomenológicas. Segundo Peirce, a fenomenologia busca descrever o modo geral como os fenômenos aparecem no mundo. O estudioso entende como fenômeno todo e qualquer acontecimento: um sonho, uma idéia, uma guerra, uma catástrofe ou ainda uma fórmula matemática.

Veja-se o excerto:

O objeto da fenomenologia é o fenômeno universal, o *phaneron*, que é "o todo coletivo do que de qualquer modo ou em qualquer sentido está presente na mente, independentemente de representar uma coisa real ou não". (CP 1.284, ano 1905)¹⁵.

O filósofo norte-americano conduziu a existência de apenas três modos de ser (induzindo idéias e coisas) de qualquer fenômeno. Entendendo que o diferencial humano (animal que fala - *homo loquens*) faz deste uma verdadeira usina textual e que o sistema de signos verbais é o código-base da percepção/manifestação humana, toma-se nessa pesquisa o texto verbal escrito como objeto de estudo. Empréstimo-se-lhe a condição de signo, para que, no seu interior possam ser exploradas as relações resultantes do intercâmbio entre as categorias fenomenológicas - *primeiridade* (qualidade de sentimento), *secundidade* (relação de

¹⁵ Texto original: El objeto de la fenomenología es el fenómeno universal, o *phaneron*, que es "el todo colectivo de lo que en cualquier modo o en cualquier sentido está presente a la mente, independientemente de que represente una cosa real o no" (CP 1.284, año 1905). (In SANGINETTO, Diego Mariano. "La semiótica como ciencia de la terceridad". <http://www.unav.es/gep/donadaArgentinaSanginetto.html>

alteridade) e *terceiridade* (mediação) – no sentido de se constituírem elementos gerenciadores da produção de sentido (semiose), garantidores da comunicatividade textual.

Essa concepção tripartite da experiência implica o reconhecimento de que o homem constitui um modo de estar, perceber e agir no mundo. Isso se manifesta nos textos produzidos e julga-se possível identificar as marcações das intenções comunicativas maiores inscritas no tecido textual, com vistas a simular ou indicar trilhas semióticas a serem seguidas durante a leitura.

Refinando o foco de abordagem, persegue-se nessa pesquisa o potencial icônico do texto verbal escrito. Busca-se, portanto, construir um modelo de análise em que o texto seja visto como imagem e observado em suas qualidades sensíveis. Por meio dessas supõe-se serem gerados signos icônicos ou trilhas de iconicidade capazes de estimular a produção de imagens mentais gerenciadoras da semiose, da interpretação.

O foco de observação no objeto-texto busca discutir em seu interior a presença de palavras e expressões (itens léxicos) que atuam como *âncoras textuais* (Simões, 1997¹⁶) por servirem de bússola na descoberta do sentido mais apropriado à interpretação do texto, levando em conta as condições de produção (ou da enunciação ou da leitura).

Sobre contexto de produção

O leitor então indagaria: - Como falar sobre as condições de produção da enunciação? Sem intenções de análises esotéricas ou extravagantes, tem-se a crença de que a situação histórico-cultural do texto oferece dados de entrada para a sua interpretação. Por exemplo, quando se discute a questão da possível traição de Capitu, leva-se em conta o cenário que contextualiza aquela narrativa, a qual poderia ser lida em outras direções, por exemplo, substituindo-se traição por dume.

Sobre o intercâmbio de dados entre expressão e contexto, trago ao texto um fragmento de Julio Plaza que trata da relação dialógica entre homem e signos:

¹⁶ Simões, Darcilia. "A construção fonosemiótica dos personagens de *Desenredo* de Guimarães Rosa" In: *Revista Philologus*, 1997–set-dez/97-p. 67-81.) disponível em <http://www.filologia.org> [Revisto e publicado em Simões, Darcilia. *Considerações sobre a fala e a escrita*. Fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola, 2006. pp.77-90]

Pela mediação de linguagem como "terceiro universo" entre o real e a consciência, temos um pivô que define as relações do homem com o real. Como sistema-padrão organizado culturalmente, cada linguagem nos faz perceber o real de forma diferenciada, organizando nosso pensamento e constituindo nossa consciência. (...) A expressão de nossos pensamentos é circunscrita pelas limitações da linguagem. Ao povoar o mundo de signos, dá-se um sentido ao mundo, o homem educa o mundo e é educado por ele, o homem pensa com os signos e é pensado pelos signos, a natureza se faz paisagem e o mundo uma "floresta de símbolos". Ou como diz Ransdell: "O homem propõe, o signo dispõe". (Plaza, 1987: 19).

Quanto às produções de leitura, é indiscutível que o próprio enunciador numa nova leitura de seu texto já não o interpreta com os mesmos olhos. É freqüente escreverem-se textos e, depois de algum tempo distante deles, retomar-lhes para leitura e discutir-lhes a clareza, uma vez que os referenciais empregados na sua produção já não mais estão presentes na mente leitora. Dessa forma é possível aceitar-se o texto como signo. A interação mente e signo é dinâmica, por conseguinte, mutante. Logo, se o texto é signo, está sujeito à mesma dinâmica e mutabilidade das funções e valores carregados pelos signos e deles emergentes segundo o momento de produção de leitura.

Vale aqui a inclusão de uma fala de Bakhtin. "A ação física do homem deve ser interpretada como atitude mas não se pode interpretar a atitude fora da sua eventual (criada por nós) expressão semiótica (motivos, objetivos, estímulos, graus de assimilação etc.)" (Bakhtin, 2003: 319).

Destarte, retomando-se a relação das categorias signícas e destas com a proficiência textual, já se torna possível ir formulando conjecturas acerca da classificação (para fins didáticos) dos signos presentes na superfície textual, com vistas a usá-los como critério de avaliação da comunicatividade ou não do texto; levando em conta que todo texto, a princípio, cumpre um projeto comunicativo, mesmo quando resumido a um simples desejo de dizer algo.

Então, admitindo a possibilidade de classificar as palavras-chave de um texto como sendo as âncoras textuais (palavras e expressões gerenciadoras de sentido) e considerando a hipótese de que, segundo seu grau de transparência ou opacidade (cf. Ullmann, 1977), possam ser classificadas como signos icônicos ou indiciais (porque simbólicos já o são

por natureza). E, em prosseguimento, mediante a incidência substancial desses tipos sónicos, poder tipificar os textos como mais (ou menos) dotados de iconicidade.

Traduzo *iconicidade textual* como sendo uma potencialidade de gerar imagens na mente interpretadora, a partir das quais seja possível aproximar-se do projeto comunicativo inscrito no texto.

Sobre iconicidade

Nossa abordagem considera o texto um objeto visual e, por isso, a iconicidade, fundada na plasticidade, ganha relevância. Para clarificar a idéia de iconicidade, traz-se ao texto o fragmento de uma comunicação de Simões e Dutra¹⁷ sobre "A iconicidade, a leitura e o projeto do texto":

Segundo Simões (1994), *plasticidade* é a propriedade da matéria de adquirir formas sensíveis por efeito de uma força exterior, a partir do que a imagem pode ser gravada na mente do observador mesmo em ausência. E mais: a plasticidade torna possível modelizarem-se seres imaginários — os que não têm referente material, objetivo — por meio de imagens.

No caso da produção verbal escrita, o código linguístico é uma das forças exteriores que constrói a plasticidade textual. (Simões & Dutra, 2004: 39-40)

A investigação do projeto de texto e suas relações com a iconicidade vem sendo nosso objeto de estudo desde 2002, ano em que, participando do III Congresso Internacional Venezolano de Semiótica (Maracaibo/VEN) com a comunicação já citada, publicamos nossas hipóteses sobre as relações entre *seleção vocabular*, *produção de iconicidade* e *projeto de texto*. Nessa oportunidade, trouxemos à discussão a idéia de iconicidade projetada sobre textos referenciais.

É relevante transcrever aqui mais um trecho da comunicação em referência:

Reconhecendo que a leitura de textos procede de uma negociação entre imagens mentais construídas por um enunciador e reconstruídas por um co-enunciador (leitor ou intérprete), que tais imagens são traduzidas em signos

¹⁷ Doutoranda em Letras (Língua portuguesa – UERJ), minha orientanda, cuja pesquisa se volta para os mecanismos de coesão textual.

verbais e não-verbais combinados na folha de papel (no caso do texto escrito) e que tanto a enunciação quanto a co-enunciação refletem mundos particulares mediados (no caso) pelo código verbal, entendemos que a *plasticidade* textual é referência de *iconicidade* e pode funcionar como base para a condução do intérprete à mensagem básica inscrita no texto. (Simões & Dutra, 2004: 38)

Observe-se que o dialogismo é condição básica do processo de comunicação, uma vez que da negociação de visões de mundo entre enunciador e enunciatário (ou co-enunciador) decorre a compreensão e a interpretação do texto, assim como o alcance do projeto comunicativo. Nessa perspectiva, o domínio do código pelo qual se constrói a expressão ganha relevância, já que passa a ser qualidade indispensável dos interlocutores. Além desse domínio, impõe-se o reconhecimento histórico da palavra como dado de identificação do contexto de produção, seja da enunciação seja da leitura.

Veja-se o que diz Bakhtin:

A palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da "alma", fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém). (Bakhtin *Apud* Brait {org.}, 2005: 203).

Assim sendo, a produção textual trilha um caminho complexo, por reunir numa mesma superfície signos de tipos variados cuja carga semiótica é individual (do ponto de vista da escolha do enunciatário) e interindividual (considerada a sua pertinência a um sistema histórico-cultural). Ao lado disso, a multiplicidade semiótica permite que os signos provoquem reações diferenciadas nos intérpretes; e estas dependerão do potencial qualitativo ou relacional emergente do signo.

Temos que palavras e expressões funcionam como signos icônicos ou indiciais segundo características que neles se inscrevem na trama textual de que participam. O potencial icônico, qualitativo, do signo estaria condicionado à facilidade de adotar esquemas mentais e, por conseguinte, estimular a produção de imagens que gerariam a interpretação. Já o potencial indicial, que é inerente aos signos verbais a

princípio¹⁸, resulta da faculdade de induzir raciocínios, provocar inferências e implicaturas. O signo indicial funciona como um vetor que indica caminhos possíveis na trilha textual.

Supomos já se possa deduzir que o signo icônico, a despeito da inicial relação de semelhança com o objeto representado, é um tipo mais subjetivo; enquanto que o indicial, por sua base relacional, mostra-se menos subjetivo, uma vez que, ao apontar para o sistema sócnico em si ou para o diálogo deste com o contexto histórico-cultural que emoldura a produção, minimiza a intervenção das subjetividades.

Enfim, para avançar na definição da iconicidade perseguida nesta pesquisa, pode-se dizer que o potencial gerador de imagens emergente do texto, por força das palavras e expressões nele atualizadas, é elemento garantidor da consecução do objetivo comunicativo do texto. Isto porque conduzirá a interpretação segundo determinados parâmetros (verbais e contextuais), mediante os quais o intérprete poderá ler o texto com certa margem de segurança.

Como definir e identificar a iconicidade?

Antes de iniciar a busca de uma definição com projeção didática para iconicidade no plano do texto verbal escrito, trago ao texto palavras de Nöth (1999a¹⁹) que falam sobre uma tendência dos estudos literários para o âmbito da cognição e aponta alguns problemas correlatos:

¹⁸ Digo que os signos verbais têm inerente o potencial indicial pelo fato de dirigirem os intérpretes para referentes convencionados a priori. O cotexto (contexto intratextual, segundo Sautchuk) é que regulará a definição mais ajustada dos significados.

¹⁹ Texto original: Cognition has become a rising paradigm in the field of literary studies. The field of Cognitive Science, however, is itself a rather diffuse multidisciplinary enterprise. Which of its branches provide particularly promising contributions to which domains of literary studies? At present, I see three such domains. The first is the study of metaphors. This domain has profited greatly from schema theory and the theory of cognitive models, which Lakoff, Johnson, Turner, and others¹⁷ have applied to show what literary metaphors reveal about the mind and its perception of the world. The second domain is the theory of literary genres and the cognitive approach to literary comprehension. In this domain, the theories of frames, scripts, and scenarios have been applied to determine the structure of the expectations which readers have about literary texts and the cognitive specifics of literary vs. nonliterary text comprehension have been investigated. So far, these approaches have been especially flourishing in the search for the essence of narrativity and literary prose. The third domain of fruitful interaction between cognitive and literary studies, in my view, is research in the evolutionary roots of cognition, emotion, and patterns of behavior as they

A cognição vem sendo um crescente paradigma no campo dos estudos literários. O âmbito da ciência cognitiva, contudo, é em si mesmo um projeto de algum modo multidisciplinar. Como seus ramos podem trazer contribuições para quais domínios dos estudos literários? Até então, vejo três desses domínios. O primeiro é o estudo das metáforas. Esse domínio tem sido grandemente produtivo para a teoria dos esquemas e para a teoria dos modelos cognitivos, com Lakoff, Johnson, Turner, e outros que o tem aplicado para mostrar o que as metáforas literárias revelam sobre a mente e sua percepção de mundo. O segundo domínio é a teoria dos gêneros literários e a abordagem cognitiva da compreensão literária. Nesse domínio, as teorias de molduras, roteiros e cenários têm sido aplicadas para determinar a estrutura que as expectativas dos leitores sobre textos literários e as especificidades cognitivas da compreensão de textos literários e não-literários tem sido investigada. Assim, essas abordagens têm sido especialmente prósperas na busca da essência da narratividade e da prosa literária. O terceiro domínio de frutífera interação entre estudos cognitivos e literários, a meu ver, é pesquisar as rotas evolucionárias da cognição, emoção e padrões de comportamento tal qual eles são representados em textos literários na forma de clichês, estereótipos, ou rituais em sentido amplo.

Deste modo, persegue-se a configuração do texto literário e o seu potencial de representação de mundo, buscando-se interpretar dados que explicitem esquemas cognitivos aplicados na compreensão dos textos. Tais esquemas indubitavelmente se manifestam quando da produção do texto. Assim, autor e leitor estarão sujeitos a esquemas, molduras, roteiros, cenários, que lhes ajudarão a compor o desenho verbal da expressão com que intentam atingir determinada idéia e determinado enfoque dessa idéia. E a semiótica investiga precisamente o trabalho das mentes na produção de signos por meio dos quais a comunicação se tome possível. Os signos são os mediadores da comunicação, e a semiótica se

are depicted in literary texts in the form of clichés, stereotypes, or rituals in the broadest sense. (Tradução livre). Winfried Nöth. Cognition, iconicity, and Blake's fearful symmetry. In *Interdigitations: Essays for Immergard Rauch*, G. F. Carr, W. Harbert & L. Zhang (eds.). New York: Peter Lang, 647-655. – Also in: *International Journal of Applied Semiotics* 1: 7-16. 1999a.

ocupa exatamente da interpretação dos processos produtores de signos, com vistas a amplificar o potencial comunicacional entre os seres.

No âmbito da cognição, cremos que a iconicidade ganha relevo, pois, entendida como qualidade de um signo que busca representar uma idéia, de algum modo e com fundamento plástico, destacar-se-á entre as características textuais observáveis como sendo algo mais aproximado dos processos analógicos de interpretação de dados e, ao mesmo tempo, reaproveitável na construção de ferramentas digitais de interpretação. Isto porque, a iconicidade está sendo tomada como uma qualidade signíca emergente de um potencial figurativo (lato sensu) oriundo da trilha criada pelos itens léxicos (palavras e expressões) ativados no texto. Persigo a idéia de que a trama textual pode "desenhar" itinerários de leitura.

A chave para esse problema é a teoria semiótica da iconicidade, sucessora para o antigo conceito de mimesis. Signos icônicos são aqueles cujos veículos signícos são percebidos como de alguma forma similar ao seu objeto de referência. Assim, literatura e cognição estão em relação de iconicidade à medida que um texto literário representa de várias maneiras os esquemas de cognição pelos quais o mundo é percebido. Essa tese tem sido um dos principais argumentos de Lakoff & Turner's (1989) em sua abordagem cognitiva da metáfora poética. Contudo, as metáforas convencionais da linguagem cotidiana são também signos icônicos dos processos cognitivos, como Lakoff mostrou junto com Johnson em *Metaphors We Live By* (1980). É preciso, no entanto, distinguir os processos de produção das metáforas cotidianas em relação às metáforas poéticas.

A nosso ver, as metáforas cotidianas emergem pura e simplesmente da vivência e da necessidade de expressão; contudo, as poéticas embora tenham a mesma origem têm objetivo diverso que é a reinauguração do dizer, com vistas a um efeito artístico universal e atemporalizante. As metáforas poéticas estão sempre frescas e ajustam-se ao momento de interação independentemente de serem produção recente ou não. Já as metáforas cotidianas vão-se reajustando ao longo dos tempos, em função das imagens de mundo que se vão construindo e substituindo (ou apagando imagens que lhes antecedem). Para darificar, verifique-se uma

expressão como "sabonete de malandro" (para pequeno rádio de pilhas²⁰) em confronto com "radiocínio *windows*". A primeira expressão tornou-se obsoleta em função do próprio objeto que deixou de existir: pequeno rádio de pilhas. A segunda é corrente e busca designar pessoas que têm o radiocínio fragmentado, como se abrissem janelas de vínculos variados sobre o tema em discussão. A expressão *Windows* (que se refere a um sistema operacional digital) temporaliza objetivamente a expressão como posterior à popularização do computador na sociedade.

Em se tratando de textos informativos acadêmicos, verifica-se a imposição de alguma "atemporalidade" no sentido de garantir sua permanência comunicativa no contexto técnico-científico. Assim sendo, os processos cognitivos inscritos em metáforas cotidianas eventualmente ativadas em textos acadêmicos deverão ser o mais generalizantes possível para que não atuem como obstáculos à compreensão, sobretudo quando afastadas de seu tempo originário, ou de criação.

Nesta perspectiva e levando em conta que perseguimos a iconicidade textual e seu compromisso com a criação de verdades prováveis, possíveis, é preciso considerar que as verdades consuetudinariamente aceitas não garantem a construção de verdades absolutas. Assim como no Direito, as verdades textuais (orais ou escritas) não passam de artifícios comunicativos que garantam o êxito da ação do advogado em um caso concreto, quer seja a absolvição quer a condenação do sujeito ou do ato em julgamento.

Ilustrando:

"... a verdade não é o desvelamento do que está oculto como os pré-socráticos e Heidegger pretenderam: a verdade é feita e não encontrada, e diagnosticar a verdade é tão difícil como diagnosticar a virtude (Bunge²¹, 1974)".

A busca que decidimos enfrentar nos textos dos alunos é de uma probabilidade de verdade. Isso porque se tem por intento a consecução de um projeto comunicativo. Logo, isto demanda a produção de uma

²⁰ Os populares transitavam com tal objeto, que tinha o tamanho de um sabonete, encostado à orelha, em geral, para acompanhar jogos de futebol ou novelas radiofônicas.

²¹ Texto disponível em <http://www.via-rs.com.br/pessoais/joseluongo/consideracao.htm> - ftn9

superfície textual que reúna material capaz de produzir a iconicidade perseguida: aquela que se produz por meio das escolhas e combinações ajustadas dos signos.

Portanto, combinando-se uma iconicidade meio que imanente aos signos, do ponto de vista de sua distribuição/classificação gramatical, com a iconicidade decorrente da organização diagramática sintagmática desses signos no texto, acredito na possibilidade de uma discussão da produção textual acadêmico-estudantil que venha, entre outras coisas, a aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem da redação.

Sobre a verdade textual, vale esclarecer que não estão sendo consideradas as condições de verdade, mas o potencial de verossimilhança inscrito no texto. Passemos à verossimilhança.

As categorias sógnicas e a sua relação com a proficiência textual (II)

Sobre verossimilhança

A obra de arte, por não ser relacionada diretamente com um referente do mundo exterior, não é verdadeira, mas possui a equivalência da verdade, a verossimilhança, que é característica indicadora do *poder ser do poder acontecer*. (D'Onofrio, 1995: 21)

A não-referência direta com o mundo exterior não anula a possibilidade de constituição de uma probabilidade de existência. Há uma confusão entre valores de verdade consuetudinariamente aceitos ou mesmo legislados e outros valores construídos a partir de raciocínios diversos dos utilizados naquelas construções preexistentes e reguladoras. Isto porque a tradição faz com que se busque uma *verossimilhança externa ao texto*, "que confere ao imaginário a caução formal do real pelo respeito às regras do bom senso e da opinião comum". (D'Onofrio, id. ib.)

Essas considerações acerca de certa regulação do que venha ser verdade é objeto de nossa investigação na construção do texto, uma vez que entendo que cada texto constrói uma verdade peculiar, uma verdade textual. Esta não será necessariamente coincidente com os valores circulantes na sociedade em que se insere. Isso porque o texto é uma produção individual e, mesmo quando o enunciadador está deliberadamente inserido no contexto, sua forma de ler e dizer o mundo será particular. Desde a seleção dos itens léxicos até a eleição dos argumentos com que

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

defenderá sua tese, ou vice-versa. Por conta desse enquadramento da questão verdade textual, decidi por operar comparativamente com o texto acadêmico e o literário, entendendo que eles se aproximam no aspecto da produção de uma verdade textual.

Mais um excerto relevante:

O narrador pós-moderno é o que transmite uma "sabedoria" que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar "autenticidade" a uma ação que, por não ter respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. *Esta advém da verossimilhança que é produto da lógica interna do relato*. O narrador pós-moderno sabe que o "real" e o "autêntico" são construções de linguagem. (Santiago, 1989: 40) [grifos nossos]

Dando seguimento ao raciocínio inscrito no excerto em epígrafe para este capítulo, o recorte de texto de Santiago realça a importância da semiótica da linguagem. A linguagem como produtora de mundos semióticos possíveis, ainda que não condizentes com o vigente, o em voga na sociedade que emoldura a interação.

A partir dos estudos da coerência textual passou-se a repensar essa transposição de uma verdade externa para os textos, uma vez que a construção da coerência decorre de uma intervenção contextual; são as condições de produção e de interlocução que determinam a possibilidade ou não de coerência a um texto.

Como nossos objeto de estudo é o texto acadêmico, é óbvio que não se trata de texto artístico. No entanto, isso não o afasta da condição de produtor de verossimilhança, ou seja, de uma verdade textual, interna ao texto. Essa verossimilhança é a mais relevante para o estudo dos textos, uma vez que ela decorre da estruturação dos signos na tessitura textual. O diálogo ou não-diálogo com verdades extratextuais assentes é outro tema. Focaliza-se aqui a potencialidade de organização textual de modo a construir uma verossimilhança e conduzir o leitor até ela ou a outras análogas, afins.

O texto literário é livre dessas balizas. A ele é possível criar tantos mundos quantos alcance a genialidade do escritor. Basta relembrar a habilidade em transformar um homem em quadrúpede (*O asno de ouro*, de Apuleio) ou

em inseto (*A metamorfose*, de Kafka) e conferir a esses seres não-humanos inteligência e sentimentos, cujas leis podem ser homólogas, mas nunca idênticas às do mundo real. Mas essas liberdades não são dadas ao texto acadêmico, técnico-científico. Nessas liberdades de criação são outras, quase sempre e meramente de natureza estilística, não-conceituais.

O texto jurídico, por exemplo, explora a verossimilhança como fonte de construção de verdades necessárias à proteção dos indivíduos ante a possibilidade de incriminação. Afastando-se de certas bases históricas conceituais do que seja verossímil, o direito assim explica a verossimilhança:

A verossimilhança não é, em direito processual, o que se apresenta semelhante à verdade, mas o que se pode ver (inferir) pela similitude (conjectura sobre base físico-corroborativa – verossimilitude) (22) das alegações condutoras dos conteúdos de materialidade da prova instrumentalizados e vistos (já existentes) nos autos do procedimento. O esclarecimento da verossimilhança pela verossimilitude encontra, neste século, em Popper, testabilidade máxima ao apontar a verossimilitude como asserção que se torna forte pela amplitude de conteúdos sobre os quais se elabora, ainda que refutáveis ou falseáveis. Colhendo-se essas lições, é que entendemos que a expressão “verossimilhança das alegações” refere-se à existência demonstrada dos conteúdos legais da prova (elemento, meio, instrumento), como matéria necessária das “alegações”. (Leal²², 2000)

Assim sendo, tem-se que o juízo de *verossimilhança* nada mais é do que um juízo de probabilidade construída por meio da coesão e da coerência na articulação dos signos que tecem o texto.

Veja-se mais uma fala sobre verossimilhança no Direito:

(...) a prova inequívoca da verossimilhança é o que aparenta ser verdadeiro, menos do que a certeza, mais do que uma simples credibilidade, comprovada pelo autor, e que sirva para o convencimento, provisório do julgador, de que sua pretensão jurídica será, ao final, julgada procedente. (op.cit)

²² Rosemário Pereira Leal - Doutor em Direito pela UFMG - Professor da Faculdade de Direito da UFMG - Professor do Mestrado da PUC/MG e JUMEC/MG

Fora do âmbito jurídico, o julgamento relativo a *procedente* e *não-procedente* também é relevante, uma vez que esse valor (da procedência ou improcedência) será fator de validade para o texto. Não é possível validar um texto cujas afirmações não tenham consistência de modo a garantir sua procedência (Jur. *Justa causa; fundamento, razão* [Aurélio, s.v.]).

Desse modo, nesse estudo procurou-se a verossimilhança nos textos com base numa atualização (ou releitura) pós-moderna da idéia da mimesis aristotélica em que a criação reunia arte e técnica e ultrapassava a realidade objetiva, demonstrando assim a capacidade inventiva dos sujeitos, assim como o domínio do código por eles utilizado.

Assim sendo, embora as obras humanas sejam consideradas como mimeticamente elaboradas e, para tanto vinculadas à verossimilhança do real pelas regras da *techné*, elas o suplantam, na dinâmica da não-necessidade, da possibilidade, da não-determinabilidade, da contingência. A produção humana, momento a verbal, tem sua simbologia originalmente sujeita às idiossincrasias idiomáticas (abarcando o histórico, o geográfico e o social) e individuais.

Rafael Capelato, em “Conceito de mimese na poética de Aristóteles” (em trabalho apresentado na UNICAMP, 1998), diz que:

A compreensão da mimese aristotélica é imprescindível para a compreensão das realidades artísticas, principalmente da teoria literária, no Ocidente, notadamente na contemporaneidade quando da reprodução técnica da uma cultura “espetacular”, do simulacro, da cópia ou duplicação ilusionística da realidade (Capelato²³, 1998).

Com isso toda a produção humana de linguagem nunca ultrapassará a condição de simulacro (termo então despidido de toda carga semântica negativa ou pejorativa que se lhe possa ter sido atribuída ao longo dos tempos).

Para corroborar a idéia do parágrafo anterior, acrescento que o verossímil leva em conta que é melhor um argumento impossível que convença do

²³ Disponível em <http://groups.msn.com/SEMANTICA/ammese.msnw>

que um possível que não convença; mesmo o irracional pode ser utilizado com aparência razoável de racional e tornar-se aceitável (cf. Costa, 2006: 52).

Segundo Domelas no artigo "A mimese no sermão da montanha", Aristóteles encaminharia o seguinte raciocínio sobre mimese e aqui o estendo à verossimilhança. Veja-se o excerto:

No discurso de Mateus, a MIMESIS é justamente isso, CRIAR A VEROSSIMILHANÇA de maneira tal que quem lê o relato acredita nele, embora não estando presente e embora não esteja sendo narrado pela pessoa que de fato vivenciou aquilo tudo, o próprio Jesus, pois ele não escreveu uma só linha. Então aquilo tudo é o processo mimético criado por Mateus para que os outros acreditem que são as supostas palavras de Jesus ditas por Mateus e não por Jesus. Talvez pudéssemos aplicar aqui o que Aristóteles diz a propósito da poesia: "deve-se preferir o impossível crível ao possível incrível" (p. 274) (cf. Domélas, 2003) [grifos nossos]

Assim sendo, o homem se sente feliz quando é persuadido de uma verdade conveniente, porque assim parece acomodar-se ao contexto argumentativo. Isso reitera a noção de que seria tautológica (asserção de conteúdo zero) a verossimilhança se sua aferição estivesse adstrita ao senso absolutista de verdade ou probabilidade do juízo e não na verossimilitude que traduz, conforme entendem os juristas em especial (cf. Leal, 2004).

Segundo o autor:

Na elucidação do termo jurídico *verossimilhança*, há de se afastar a semântica aristotélica que situa o vocábulo como atributo de representação do que "poderia acontecer", sem ter pretensão de ser verdadeiro, ou com o que é semelhante à verdade. Acrescente-se que também as definições de verdade que marcam a filosofia das escolas estoica, hegeliana, fenomenalista até os semioticistas de hoje, desservem à reflexão sobre o tema, porque, na epistemologia jurídica, o pensamento hermenêutico se faz a partir do processo jurídico-constutivo da lei e de sua vigência e incidência, e não de uma "realidade pressuposta" ou suposta (verdade causal) a-jurídica.

No entanto, se a verdade jurídica é uma verdade construída em benefício da matéria em apreciação, de modo que garanta o êxito da atuação do

advogado da causa, verifica-se a produção da semelhança sempre no eixo da plausibilidade. Buscando defender a associação entre jurídico e justo, o autor discute a verossimilhança tentando dar-lhe uma semântica jurídica especial, contudo, é o mesmo autor que afirma, no mesmo artigo, que:

A verossimilhança não é, em direito processual, o que se apresenta semelhante à verdade, mas o que se pode ver (inferir) pela similitude (conjectura sobre base físico-corroborativa - verossimilitude) das alegações condutoras dos conteúdos de materialidade da prova instrumentalizados e vistos (já existentes) nos autos do procedimento. [grifos nossos]

Tais argumentos reaproximam a *verossimilhança jurídica* da *verossimilhança textual comunicativa* em geral aqui proposta. Isto é, explora-se a noção de que a verossimilhança é uma verdade textual que pode persuadir o leitor por ser capaz de gerar imagens mentais que relacionem as ideias do texto à cosmovisão do intérprete, permitindo assim a construção de sentido pautada na plausibilidade da argumentação.

Condui-se esta seção com a definição de *verossimilhança como a maior semelhança de uma teoria com a verdade*. Não depende do intelecto humano, mas é uma característica atemporal, absoluta, independente do conhecimento. Uma teoria é ou não verossimil independentemente do esforço que faz a ciência em comprová-la ou refutá-la. A ciência trabalha com critérios de verossimilhança, uma vez que se tem a noção de que toda verdade afirmada é construída e relativa.

A doutrina da falibilidade (falseabilidade) não é uma doutrina pessimista sob o ponto de vista epistemológico. Nela Popper justifica que a sua teoria de demarcação da ciência não é uma doutrina pessimista. Para o filósofo, uma afirmação para entrar no rol da ciência deve estar sujeita à testabilidade que poderá refutá-la. Caso seja possível refutá-la, será aceita como uma verdade, com base na verossimilhança, ou seja, é algo que se aproxima o mais possível da verdade sem, todavia, ser a verdade última e derradeira.

Assim sendo, as verdades textuais nascem da plausibilidade sem que se proponham como solução última de um raciocínio.

Verossimilhança e semiótica

Relembrando que a presente pesquisa situa-se no âmbito da Comunicação e da Semiótica, cumpre esboçar o que nos estudos de comunicação distinguem-se duas grandes correntes de investigação, uma que entende a comunicação, sobretudo como um "fluxo de informação", e outra que entende a comunicação como uma "produção e troca de sentido". A primeira corrente é a escola processual da comunicação, e a segunda é a escola semiótica²⁴. É no eixo semiótico que foi inspirada essa pesquisa.

Ainda tentando situar o eixo de comunicação por onde se irá seguir, recolho do *Dicionário de Comunicação* (Rabaga & Barbosa, 2001) duas definições de comunicação que podem servir de base para elucubrações futuras por suas perspectivas semióticas:

Transmissão de informações, idéias, emoções, habilidades etc., por meio do uso de símbolos – palavras, imagens, gráficos etc. É o ato ou processo de transmissão que geralmente recebe o nome de comunicação (B. Berelson e G. Stiner).

Em sentido mais amplo, ocorre comunicação sempre que um indivíduo atribui significado a um estímulo interno ou externo (L. Thayer).

Observe-se que um e outro autor usam os termos *símbolo* ou *significado* para definir comunicação. Logo, a presença semiótica em suas visões parece patente.

Voltando à verossimilhança, verificar-se-á que uma comunicação será verossímil quando for suficientemente potente para gerar semiose, ou seja, signo, interpretação. Desta forma, um texto será dotado de potencial de verossimilhança quando a cadeia signica que o constitui provocar a mente leitora de tal modo que lhe seja possível compor imagens mentais inteligíveis. Vale dizer que a constatação da verossimilhança de um texto não implica a aceitação da "verdade textual", mas a aceitação da estruturação textual como coerente e eficaz. Ou seja, é possível discordar do que diz o autor, sem com isso invalidar a coerência estrutural e argumentativa do texto.

²⁴ Conforme distinção e caracterização das duas correntes desenvolvidas por John Fiske em *Introduction to Communication Studies*, London: Methuen, 1982.

Para entender melhor essa noção de verossimilhança, é indispensável perceber a visão semiótica do processo de comunicação. Veja-se o que diz Antonio Fidalgo:

O modelo semiótico considera inseparáveis o conteúdo e o processo de comunicação. Conteúdo e processo condicionam-se reciprocamente, pelo que o estudo da comunicação passa pelo estudo das relações signicas, dos signos utilizados, dos códigos em vigor, das culturas em que os signos se criam, vivem e actuam. Quer isto dizer que o significado da mensagem não se encontra instituído na mensagem, como que seu conteúdo, e independente de qualquer contexto, mas que é algo que subsiste numa relação estrutural entre o produtor, a mensagem, o referente, o interlocutor e o contexto. [Fidalgo -Web 1]

No modelo semiótico de comunicação, a ênfase é colocada na criação dos significados e na formação das mensagens a transmitir. Para que haja comunicação é preciso criar uma mensagem a partir de signos; mensagem que induzirá o interlocutor a elaborar outra mensagem e assim sucessivamente (uma mensagem se traduz em outra que se traduz em outra; é a semiose ilimitada). Para tanto, a construção dessa mensagem deverá engendrar os signos de modo que o intérprete seja capaz de perceber-lhes a trilha de produção da semiose. É neste ponto que se destaca a iconicidade textual, pois concordamos com a idéia de que "toda a linguagem icônica é resultado de uma estratégia significativa e como tal persuasiva (Bidarra - WEB)".

Na seção anterior, conduímos que a argumentação na linha da construção do verossímil toma-se capaz de gerar signos os quais, a seu turno, acionam espaços mentais que levam o intérprete a uma sensação de conforto, já que o signo construído estabelece relações de semelhança entre o que se diz e suas possíveis crenças. É, a princípio, um signo de base icônica.

Imagem e persuasão – da iconicidade à verossimilhança

Tomando o texto verbal escrito também como imagem visual e pensando com Peirce que o discurso verbal está permeado de imagens, de iconicidade, associamos o que se diz das imagens ao que pensamos do texto verbal escrito (texto-objeto-visual). Para reforçar esta posição e

adiantar o enfoque que pretendemos sobre a persuasão, recorremos ao que dizem Santaella & Nöth (2001: 195) sobre os persuasores ocultos nas imagens. Dizem os pesquisadores que as imagens vêm servindo de bodes expiatórios em certo domínio dos estudos sobre os meios de comunicação de massa, que focam o poder da imagem de manipular e enganar as massas. Isso se firma no potencial pictórico destinado a iludir. Gustave Le Bon, afirmava que:

"as massas... só podem pensar e ser influenciadas através de imagens; somente as imagens podem amedrontá-las ou persuadi-las, tornando-se as causas de suas ações [...] para elas, o irreal é quase tão importante quanto o real [...] elas possuem uma clara tendência para não fazer quaisquer distinções" (Le Bon 1895 In Santaella & Nöth (2001: 195).

Recordando o dado semiótico de que o objeto do signo não precisa ter existência real, pode ser uma idéia, um sonho, uma ficção, a imagem como signo também pode representar algo que só existe a partir dela mesma. Assim, o estudo ora em desenvolvimento sobre a produção de uma iconicidade textual que gere verossimilhança está perfeitamente ajustado à noção peirceana de objeto e representação.

Vale, no entanto, recordar algumas reflexões sobre verossimilhança na fotografia, por meio do que se discute a classificação da imagem fotográfica como índice ou ícone. Por considerar-se o texto escrito como uma imagem visual, é possível tratá-lo analogicamente à fotografia. Cumpre, contudo, observar-se que originalmente entendeu-se a fotografia como signo icônico. Mas observadas as intervenções do produtor (fotógrafo) sobre o produto (fotografia), verificou-se que este não representava imitativamente a realidade, senão a representava segundo certas condições e critérios que recriavam a realidade, fundavam nova realidade. Teorias se sucederam sobre a fotografia e, à luz da visão peirceana, trazemos então um trecho interessante para nossas reflexões sobre a produção da verossimilhança e sua condição signica:

... Por essas qualidades da imagem indicial, o que se destaca é finalmente a dimensão essencialmente pragmática da fotografia (por oposição à semântica): está na lógica dessas concepções considerar que as fotografias propriamente ditas quase não têm significação nelas mesmas: seu sentido lhes é exterior, é essencialmente determinado por sua relação efetiva com o seu objeto e com sua situação de enunciação (cf. os dêiticos e

"shifters" em linguística). Aliás, não é por esse motivo que Barthes não nos mostra a foto de sua mãe ainda criança no Jardim de Inverno, foto que motiva toda *La chambre claire*, mas que, para nossos olhos de leitores anônimos, não teria literalmente qualquer sentido?

(...) Esse panorama das teorias sobre a foto permitiu-nos portanto assinalar, em linhas gerais, três posições epistemológicas quanto à questão do realismo e do valor documental da imagem fotográfica.

1) A primeira dessas posições vê na foto uma reprodução mimética do real. Verossimilhança: as noções de similaridade e de realidade, de verdade e de autenticidade recobrem-se e sobrepõem-se bem exatamente segundo essa perspectiva: a foto é concebida como espelho do mundo, é um ícone no sentido de Ch. S. Peirce.

2) A segunda atitude consiste em denunciar essa faculdade da imagem de se fazer cópia exata do real. Qualquer imagem é analisada como uma interpretação-transformação do real, como uma formação arbitrária, cultural, ideológica e perceptualmente codificada. Segundo essa concepção, a imagem não pode representar o real empírico (cuja existência é, aliás, recolocada em questão pelo pressuposto sustentado por tal concepção: não haveria realidade fora dos discursos que falam dela), mas apenas uma espécie de realidade interna transcendente. A foto é aqui um conjunto de códigos, um símbolo nos termos peircianos.

3) Finalmente, a terceira maneira de abordar a questão do realismo em foto marca um certo retorno ao referente, mas livre da obsessão do ilusionismo mimético. Essa referencialização da fotografia inscreve o meio no campo de uma pragmática irredutível: a imagem foto torna-se inseparável de sua experiência referencial, do ato que a funda. Sua realidade primordial nada diz além de uma afirmação de existência. A foto é em primeiro lugar índice. Só depois ela pode tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo). (Dubois, 2006: 53)

Nesse estudo sobre a fotografia, o investigador conduziu sobre a condição indicial do signo fotográfico. Isso nos faz acentuar a idéia de que a atuação da fonte geradora sobre o signo gerado é definidora de sua condição representativa de uma verdade pontual e não reprodutora de um real prévio. No âmbito da produção verbal escrita, vê-se a construção de uma argumentação fundada na produção do verossímil como sendo uma

marca epistemológica de interpretação, assim como o fora outrora entendida a mimese como imitação da natureza pela arte. Hoje, sabe-se da impossibilidade de imitação em sentido restrito em função da operação dos agentes sobre os objetos consideradas as condições de produção e seus efeitos sobre os intérpretes que, por sua vez, estão sujeitos a condições específicas de recepção. Logo, entender o potencial de verossimilhança de um texto, a nosso ver, é captar seu potencial icônico diagramático, por meio do qual se formam as imagens interpretativas que darão plausibilidade ao texto.

Segundo Lopes (in "Verossimilhança e poder", junho - 2005), a mídia atualmente prefere o verossímil.

Nos tempos que correm, o verossímil, isto é, aquilo que parece ser verdadeiro, é a tônica do exercício midiático. Não há uma oposição entre o verdadeiro - pode haver mais de uma verdade - e o que parece ser. A verossimilhança é uma construção argumentativa que não é compreensível no diálogo pobre entre as noções de verdades e mentiras. Estas dependem dos interesses e das posições dos sujeitos que as proferem.

Essa afirmação coincide com o que pensamos sobre a comunicação hodierna. Entendemo-la como comprometida não com uma verdade consuetudinária, mas com uma verdade pontual e convincente. Este modo de construir a opinião é universal, com variações e mutações adaptadas às exigências maiores ou menores dos sujeitos envolvidos na produção do convívio (cf. Lopes, op. cit.).

Temos que a semelhança é condição da verossimilhança. Porque é pela associação entre idéias similares que se constrói a plausibilidade, e o intérprete é persuadido a acreditar no texto. Cabral (2003), em artigo sobre narrativa etnográfica, discorre sobre implicações culturais do fenômeno da tradução. Em virtude de entender a leitura entre os processos de tradução intersemiótica, transiro a idéia de Cabral sobre tradução em sentido restrito para o âmbito da semiótica. A leitura é uma tradução intersemiótica mesmo quando não faz transferência de códigos. Entendemos que a interpretação do texto é a produção de novo texto pelo intérprete, e este opera com sua cosmovisão, buscando nas idéias do texto conteúdos assemelháveis aos que já detém com vista a produzir sentido. Assim, nas margens da plausibilidade, o intérprete traduz os signos do texto em novos signos que devem manter com aqueles uma relação de semelhança. Esta por sua vez gerará o que apresentamos

como *iconicidade textual diagramática sintagmática*, por meio da qual as formas da língua se articulam e constroem um mapa que conduz o leitor.

Texto e verossimilhança: uma questão semiótica

Com Kristeva (2005: 134), recorda-se polêmica relativa à criação da ciência da literatura em função da definição da literatura como seu objeto formal. Na acepção usada pela autora, literatura englobava o discurso político, o jornalístico, saindo do espaço restrito da literatura-arte e do escrito. Em seu radiodínio, entendia o discurso como um substitutivo do real. A partir dessa idéia de *discurso substitutivo* emerge a questão do *verossímil*. Lembra a autora que esse conceito trazido da Antiguidade Clássica atravessa historicamente as questões literárias, passando, de certo modo a integrar a configuração da literatura (arte). Aqui, afastadas as relações entre literatura e consumo que norteavam o radiodínio da autora nessa fase, busca-se elucidar sobre a extensão dessa verossimilhança ao texto comum, como uma característica imanente da produção humana. A produção signica não recria o real, mas pode simulá-lo.

As observações de Kristeva se enquadram num tempo em que o consumo literário e a ciência literária não contemplam a produtividade textual, restringindo-se a interpretar os produtos literários segundo modelos sócio-históricos validados previamente. Ao discutir essa relação, Kristeva traz à tona a questão da literatura como discurso alterado, resultante de máscaras indispensáveis à construção discursiva.

Avançando nas reflexões, Kristeva condui que o verossímil (discurso literário) é um segundo grau da relação simbólica de semelhança. Então se pergunta: por que só no discurso literário e não no discurso em geral? As máscaras acontecem em qualquer produção discursiva. O sujeito do discurso é a máscara pela qual se explanam as idéias em um texto, e na máscara residem as defesas prévias, sempre que argumentos usados geram choque com idéias preestabelecidas.

Assim sendo, o verossímil não mais é característica específica do literário, mas de qualquer produção discursiva. O ato de dizer é relativo, parcial. Logo, buscar verdades universais no dizer é buscar agulha no palheiro. Era necessário corrigir o percurso.

Na trilha do pensamento husserliano, a semioticista búlgara, encaminha a noção de verossímil para a construção do discurso em si, para a trama signíca. Afasta do verossímil tudo o que é externo ao discurso, realçando o *fingir-ser-uma-verdade-objetiva* (Kristeva, 2005, 137) como o fundamento da verossimilhança. Ser verossímil prescinde de ser verdadeiro, sem deixar de produzir autenticidade. Dessa forma, a estudiosa, inicialmente, encaminha o verossímil para o âmbito da significação, uma vez que para ela ser verossímil é ter sentido (semântica ou sintaticamente). E é nesse ponto que se desenvolve nossa tese sobre uma relação entre verossimilhança e eficácia como emergente da iconicidade diagramática sintagmática.

Abrimos, no entanto, um parêntese para trazer ao texto as considerações de Todorov (2004, 52) sobre o verossímil. Em suas reflexões sobre o fantástico na literatura, o autor aponta a necessidade de soluções textuais voltadas para a plausibilidade. Segundo Todorov, o apelo ao sobrenatural é quase sempre uma saída estratégica para a constituição do verossímil sem chocar-se com o caráter fantástico da narrativa. Para o estudioso o fantástico é externo ao texto enquanto o verossímil integra o gênero.

Na perspectiva todoroviana, a obra se constitui em três aspectos: verbal, sintático e semântico. No plano sintático, diz Todorov que as partes da obra se organizam sob três relações: lógicas, temporais e espaciais. E eu entro a dizer que o formalista russo também se pauta em relações triádicas (como as que perseguimos em Peirce) e crê na probabilidade como baliza de análise, fugindo de qualquer hipótese de verdade absoluta, afirmando ser esta uma contradição no vir-a-ser da ciência. Fecha-se então o parêntese, associando o pensamento de Todorov ao de Kristeva no que diz respeito à formação de sentido numa relação entre texto e leitor, garantida, no entanto pela estruturação do texto.

É ainda Kristeva que propõe a análise do verossímil (produção do sentido) em dois níveis: o semântico e o sintático. Define a autora que a verossimilhança semântica é o verossímil propriamente dito; é nela que se funda a semelhança. *É verossímil todo discurso em relação de similaridade de identificação, de reflexo com um outro* (op. cit. p. 137). A relação com um outro aqui se dá entre o discurso literário e o não-literário, designado pela estudiosa como *discurso natural*. Nessa ótica, a semântica do verossímil implica uma semelhança com a lei de uma dada sociedade num dado momento e o enquadra num presente histórico. Para tanto se exige uma semelhança entre o discurso (seus semantemas) e o princípio

natural humano: natureza, vida, evolução, finalidade. Logo fica claro o compromisso de similaridade com algo que preexiste ao texto.

Segundo Eco (2001:45), a linguagem é incapaz de apreender um significado único e preexistente. O autor apaga a distinção entre textos literários e textos comuns, assim como a diferença entre *textos como imagem do mundo* e *o mundo natural como um Grande Texto a ser decifrado* (op. cit. p. 30).

Prosseguindo, o verossímil semântico é um assemelhar-se, é um efeito. Assim sendo, o verossímil ocupa o lugar da eficácia (parecendo opor-se a ela) justamente por visar à eficácia. Portanto, o verossímil pode ser estendido a qualquer discurso, uma vez que para ser considerado discurso, o ato interacional deve ser eficaz.

O verossímil sintático, segundo Kristeva seria o princípio da *derivabilidade*. Desta decorre a possibilidade de derivar-se cada uma de suas seqüências da totalidade estruturada. Em outras palavras, por meio da verossimilhança sintática, partes estruturantes do texto derivam em outras que devem dar consistência ao processo argumentativo por meio da validação da lei retórica eleita pelo enunciador. Assim sendo, o verossímil de um texto depende de uma estrutura de normas de articulações particulares assentadas num sistema retórico preciso. Pode-se conduir que, pelo fato da verossimilhança fundar-se nas palavras e na organização gramatical da língua-base, todo enunciado gramaticalmente correto seria verossímil.

Seguindo esse caminho, Kristeva vai corrigir a idéia original de verossímil como aquilo que tem sentido, esclarecendo que o sentido é próprio da linguagem tomada como representação; o verossímil é o grau retórico do sentido, portanto é a máquina que investiga e representa a função capital da língua: a formação de sentido.

Propondo um diálogo entre o verossímil segundo Kristeva e a intenção do texto segundo Eco, busca-se, na presente tese, analisar textos não-literários - balizados por temas previamente definidos - produzidos por estudantes, portanto, enunciadores a princípio sem maestria, mas capazes de querer-dizer algo. Assim sendo, busca-se nos seus textos um potencial comunicativo afim da temática balizadora sem, contudo exigir-se dos textos conformidade exclusiva com certa opinião dominante. O que se quer dos textos-corpus é a identificação da estruturação signíca que lhe confira verossimilhança tanto no plano semântico quanto no plano

sintático, tentando assim extrair uma verdade textual que venha a traduzir a intenção do texto (*intentio operis* - Eco, 2001: 76), a que se propõe aqui designar como *projeto comunicativo*.

Algumas palavras sobre comunicação hoje

Todavia, antes de entrar na questão da iconicidade textual é importante fazer uma breve panorâmica da comunicação hodierna. Segundo (Eric Voegelin²⁵).

A comunicação entre os seres humanos é o processo pelo qual uma sociedade existe. No mundo contemporâneo certos procedimentos de comunicação são impróprios para a obtenção de um propósito moral ou são até destruidores da moralidade. Há três tipos de comunicação. A *comunicação substantiva* é fundamental para a ordem do homem e da sociedade. A *pragmática* preocupa-se apenas com a ordem do comportamento e da ação, insensível à sorte da ordem substantiva. A comunicação *intoxicante* serve para afogar a ansiedade de uma vida sem sentido.

Traduzindo em palavras simples os três tipos de comunicação propostos por Voegelin, ver-se-á que o tipo *substantivo* é aquele que os estudiosos da comunicação tratam como meio de interação entre os indivíduos, é esse tipo que apresenta uns aos outros e dá bases à formulação e reformulação do comportamento humano. Já o tipo *pragmático* é voltado para o utilitarismo, para o imediatismo, deixando de lado as questões substanciais da comunicação como processo formativo. Por fim, o tipo *intoxicante* é o mais fácil de ser identificado e exemplificado. Basta lembrar da atuação de veículos como a televisão e o rádio e verificar-se-á o bombardeio de dados que fazem com que os sujeitos se desorientem em meio a tanta informação de natureza variada apresentada simultaneamente. Assim sendo, os indivíduos intoxicados por essa massa de informações desordenadas transformam-se em "estações repetidoras", pois se afastam da capacidade de refletir sobre os temas e, por

²⁵ VOEGELIN, Eric. "Necessary moral bases for communication in a democracy". In: Problems of communication in a pluralistic society. (Papers delivered at a conference on Communication, the fourth in a series of Anniversary Celebrations, March 20, 21, 22 and 23, 1956). Milwaukee (Wis.): The Marquette University Press, 1956. pp. 53-68. Resumo: Antônio Raimundo dos Santos. Tradução e compilação: Francisco G. Heidemann. Comentário: Antônio Celso Mendes.

consequente, formular conclusões, opiniões etc. Em decorrência disso, sua textualização é também desordenada, e sua competência textual e interpretativa resulta mutilada.

Impõe-se então falar da iconicidade e da importância desta na produção textual, sobretudo quando se trata da comunicação técnico-científica.

No entanto, antes de entrar na iconicidade, é preciso situar o objeto de pesquisa – o texto acadêmico produzido por graduandos – no âmbito da comunicação.

Leia-se o excerto:

Há exatamente 20 anos, era defendida no Brasil a primeira tese sobre Jornalismo Científico numa universidade brasileira. Uma novidade porque, àquela época, praticava-se já por aqui o Jornalismo Científico, com grande competência, mas poucos eram os estudos e pesquisas desenvolvidos a respeito em nossas universidades (...) Pesquisa recente, divulgada no último Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico, realizado em outubro de 2004, em Salvador/BA, e coordenada pela profa. Graça Caldas (que hoje responde por esta linha de pesquisa na pós-graduação da UMESP, com os colegas Isaac Epstein e Beth Gonçalves), concluiu que somente 10% dos cerca de 200 cursos de Jornalismo em atividade no Brasil oferecem disciplinas com conteúdos afetos ao Jornalismo Científico e à Divulgação Científica. (In "Jornalismo científico é pauta na academia"²⁶).

Tem-se esparsas notícias de projetos que discutem a publicidade da produção acadêmica. E dessa ótica decorre a necessidade de discutirem-se as características desse texto como *veículo* (s.u. Rabaga & Barbosa) de comunicação, bem como de suas qualidades indispensáveis para dar conta de sua função social de divulgar os achados da ciência.

Se ora tratamos do texto acadêmico produzido na graduação, é claro que não é esse o objeto de que tratam, em primeira instância, os projetos com a rubrica de Jornalismo Científico ou Divulgação Científica. Tais projetos se reportam aos textos resultantes de pesquisas mais avançadas, mais desenvolvidas, sobretudo nos cursos de pós-graduação lato e stricto sensu. No entanto, as monografias produzidas na graduação deveriam ser

²⁶ In <http://www.jornalismocientifico.com.br/artigojcpautanaacademia.htm> (consulta em 23/04/06)

vistas como embriões daqueles relatos científicos que fazem avançar a ciência e a técnica, quando divulgados amplamente.

Para tanto, o graduando deverá ser instruído acerca da importância de seu trabalho monográfico (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC), para que este já possa reunir características que o induam no rol dos trabalhos de divulgação técnico-científica de qualidade. Essas características reúnem dados de ordem formal (lingüístico-diagramática) e conceitual (fidelidade com a ciência em circulação) de modo a fazerem jus ao status de veículo de divulgação técnico-científica, ou seja, ser incluído entre as mídias científicas disponíveis.

Retornando a dimensão semiótica deste estudo, busca-se de Santaella & Nöth (2004: 202) a tomada da "expressão *medium* de comunicação como sinônimo de signo, por cuja mediação algo do objeto pode alcançar ou influenciar uma mente interpretadora (MS 634:24)". Logo, para ser signo, o objeto-texto-acadêmico deverá ser capaz de promover a geração de novo(s) signo(s) na mente interpretadora, por meio dos quais a compreensão da mensagem se faça. Para tanto, há condições mínimas de legibilidade a serem preenchidas pelo texto, para que ele dê conta de veicular seu projeto comunicativo com eficácia. Entendo a iconicidade como condição de eficácia.

Iconicidade e legibilidade

Há várias posições teóricas sobre iconicidade. Nesse estudo, interessa a iconicidade projetada sobre o verbal e que, de acordo com Nöth (1995 - quando trata da semiótica lingüística de extração peirceana) se mostra no nível diagramático, principalmente. Isto porque o objeto observado (textos acadêmicos produzidos por graduandos) está sendo avaliado quanto ao seu potencial comunicativo inscrito na seleção lexical (plano paradigmático) e na estruturação dos enunciados (plano sintagmático). Diferentemente da lingüística saussureana, o enfoque paradigmático e sintagmático no eixo semiótico reporta-se às relações simbólicas possíveis extraídas da superfície textual e que servem de indutores da interpretação. Não se levam em conta aqui as relações *in prasentia* e *in absentia* tão relevantes para o pesquisador genebrino, uma vez que, na perspectiva semiótica aqui adotada, os signos produzem sua semiose a partir da relação imediata emergente de sua participação nos textos. Não se desprezam as inferências, ilações, implicaturas etc., mas a produção do

signo interpretador do signo interpretado brota do signo em contexto, uma vez que tudo pode ser signo de tudo.

Signo é tudo o que possa ser conhecido, tudo o que é reconhecível. Mas, para que um signo potencial possa atuar como signo, deve estar relacionado com um objeto, deve ser interpretado e produzir um interpretante na mente do sujeito implicado. Este processo interpretativo é denominado *semiose*. E a iconicidade que se ressalta neste estudo é a potencialidade de materializar nas mentes interpretadoras signos-referência, que deflagrem o processo interpretativo independentemente do código em uso.

Veja-se o que Peirce²⁷ diz dos signos, segundo Uxía Rivas (1999):

Há três classes de signos. Em primeiro lugar, há *semelhanças* ou ícones; que servem para transmitir idéias das coisas que representam simplesmente imitando-as. Em segundo lugar, há *indicações* ou índices; que mostram algo sobre as coisas por estar fisicamente conectados com elas. (...) Em terceiro lugar, há *símbolos*, ou signos gerais, que foram associados com seu significado pelo uso. Tais são a maior parte das palavras, e as frases, e o discurso, e os livros, e as bibliotecas. [tradução livre]

Agora em *Collected Papers*²⁸ (§3. Thought-Signs - 283):

(...) qualquer coisa que se nos apresenta é a manifestação de um fenômeno em si mesmo. Isso não pode evitar que ele seja um fenômeno independentemente de nós, assim como um arco-íris é a por sua vez a manifestação simultânea do sol e da chuva.

²⁷ Texto original da tradução espanhola: Hay tres clases de signos. En primer lugar, hay semejanzas o ícones; que sirven para transmitir ideas de las cosas que representan simplemente imitándolas. En segundo lugar, hay indicaciones o índices; que muestran algo sobre las cosas por estar físicamente conectados con ellas. (...) En tercer lugar, hay símbolos, o signos generales, que han sido asociados con su significado por el uso. Tales son la mayor parte de las palabras, y las frases, y el discurso, y los libros, y las bibliotecas.

²⁸ Texto original: (...) everything which is present to us is a phenomenal manifestation of ourselves. This does not prevent its being a phenomenon of something without us, just as a rainbow is at once a manifestation both of the sun and of the rain. When we think, then, we ourselves, as we are at that moment, appear as a sign. Now a sign has, as such, three references: first, it is a sign to some thought which interprets it; second, it is a sign for some object to which in that thought it is equivalent; third, it is a sign, in some respect or quality, which brings it into connection with its object.

Quando pensamos, então, nós mesmos, assim como somos naquele momento, aparecemos como um signo. Assim um signo tem, como tal, três referências: primeira, é signo para algum pensamento que o interprete; segunda, é signo de algum objeto ao qual equivale em uma mente; terceira, é um signo, em alguma circunstância ou qualidade, que o relaciona com seu objeto. [tradução livre]

Diferentemente de Saussure, para Peirce, um signo pode ser qualquer coisa, não necessariamente uma palavra escrita ou pronunciada. Na semiótica de Peirce, não é a linguística que se estende para abarcar outros tipos de códigos; é a semiótica que estuda todos os demais sistemas de signos, inclusive os linguísticos. Por isso, tenta-se dar ao signo verbal escrito um tratamento assemelhado ao que se dá a qualquer signo visual, ainda que ressalvadas as diferenças decorrentes da máxima convencionalidade do signo verbal.

Veja-se o que diz Fidalgo sobre as palavras:

Que uma palavra possa ser um sinal²⁹ parece claro. Para designar esses casos até existe um termo próprio, o termo de senha. Não há dúvida que certas palavras ditas em determinadas ocasiões, são sinais no sentido apurado atrás. Essas palavras são consideradas palavras-chave e o seu significado é estabelecido por um código. [Fidalgo - Web 2]

Fidalgo diz ainda que:

A aceção das palavras como sinais representa um considerável alargamento do universo dos sinais. Contudo, mesmo assim, o universo dos sinais ainda é maior. É que a definição de sinal "algo que está por algo para alguém" estabelece o sinal como algo formal, donde tudo aquilo que, não importa o quê, está por uma outra coisa é, por isso mesmo, um sinal. Assim, será sinal tudo aquilo pelo qual alguém se dá conta de uma outra coisa. [Fidalgo - Web 2]

Destarte, retoma-se a iconicidade e se lhe projeta sobre o potencial diagramático indispensável à produção de um texto, sobretudo do verbal

²⁹ O autor justifica a opção inicial pelo termo sinal como algo que aponta para os fenômenos semióticos como fatos cotidianos, e indica a passagem para o uso do termo signo no âmbito das elucubrações científicas semióticas propriamente ditas, como uma especialização do termo. [Fidalgo - Web - 2 - Na seção "Sinais e signos e a sua ciência"]

escrito. Não é novidade que os signos verbais sejam regulados por uma gramática. No entanto, o arranjo destes na produção dos enunciados muitas vezes transcende as normas gramaticais estabelecidas e gera novas possibilidades estruturais sem que com isso a gramática seja aviltada. Cumpre lembrar que as normas existem para regular um padrão de produção ao alcance da média de utentes. No entanto, há fórmulas não-previstas, às vezes surpreendentes, que enriquecem a expressão e amplificam o potencial semiótico do texto: ora pela escolha do item sócnico mais apropriado ora pelo arranjo mais estratístico dos signos.

Levando em conta essa flexibilidade original dos signos, traçamos em um de nossos estudos uma proposta de interpretação do potencial comunicativo do texto segundo a iconicidade de sua superfície. Eis a proposta:

A iconicidade, no processo da leitura e da redação, a nosso ver, pode manifestar-se de dupla forma: a) como *alta iconicidade* – qualidade por meio da qual o texto orienta o leitor à produção de sentido em função da apresentação estratégica de pistas de leitura; b) como *baixa iconicidade* – qualidade por meio da qual o texto se torna opaco, porque não oferece pistas suficientes ou eficientes para o desenrolar da leitura. Convém esclarecer que a alta iconicidade tanto se presta à construção da eficácia quanto à da falácia textual. Nesta o leitor é driblado pelas pistas do texto; naquela, o leitor é conduzido por elas. (Simões & Dutra, 2004: 41).

Como se vê, foi proposta uma classificação do texto segundo seu potencial icônico, entendendo este como sendo resultante de um conjunto de recursos usados pelo enunciator, destinados a gerenciar a ação do intérprete. Se o texto consegue atingir seus objetivos comunicativos, classificamo-lo como de *alta iconicidade*; caso contrário será um texto de *baixa iconicidade*.

A alusão à questão da eficácia e da falácia baseia-se em pressupostos usados por O M.Garcia (2004). Este autor opõe eficácia e falácia. Isso significa que sua posição está atrelada a condições de verdade e à relação com sentidos consuetudinariamente assentes. No entanto, nossa posição apresenta eficácia e falácia como dois tipos de objetivo comunicativo: *eficácia* – para conduzir a “verdades” gerais, aceitas pelo senso comum ou por uma dada área; *falácia* – para conduzir a uma verdade especial, específica, conveniente, gerada pelo enunciator a despeito das “verdades”

circulantes no seu contexto sócio-cultural. Mas sobre isso falar-se-á mais adiante.

Agora, está-se tratando da iconicidade.

Segundo Prates [Prates - Web 1], "a iconicidade de um signo funda-se no que Nöth chama de 'homologias estruturais', isto é, na semelhança entre *representâmen* e objeto". Estendendo isso ao plano da diagramação textual, propomos que se identifiquem alta e baixa iconicidade a partir de três dimensões: a) da escolha apropriada do léxico (signos verbais); b) da aplicação de estratégias estilísticas na produção dos enunciados; c) da possibilidade de desenhar com as palavras, tomando-as vetores semióticos, que orientariam (ou desorientariam) a leitura, dando cumprimento ao projeto comunicativo original.

Santaella (s/d) em um de seus estudos fala sobre a iconicidade de forma tão clara que aqui transcrevemos o trecho:

Embora não goze da mesma prioridade que a literatura lhe deu nos anos 1970, a relevância da semiótica para os estudos literários é até hoje indiscutível, o que pode ser medido pelo enorme volume de bibliografia existente em que a literatura é trabalhada tanto teórica quanto criticamente à luz de conceitos semióticos.

Tal é o caso, por exemplo, do conceito de iconicidade que encontra na literatura um campo privilegiado de manifestação. O ícone é, por excelência, um signo motivado que rompe com o princípio da arbitrariedade da língua. Na teoria dos signos de C. S. Peirce, responsável por ter notabilizado o conceito de iconicidade, o ícone é um signo que significa seu objeto porque apresenta semelhanças qualitativas com ele. Ora, um texto é tanto mais literário quanto mais a linguagem, ao manipular o potencial icônico da língua, é capaz de materializar nas próprias palavras aquilo sobre o que fala, transfigurando a convencionalidade em sentidos motivados que saltam à flor da pele das palavras. É sob o poder das analogias, no âmago da iconicidade, que a linguagem literária, na sua quinta-essência que é a poesia, chega a roçar as nervuras e os vinhos secretos das coisas e dos ritmos vitais.

Observe-se que, na definição de Santaella para iconicidade, consegue-se encontrar a tradução adequada para nossa idéia sobre essa qualidade signíca. Buscamos nos textos essa modelização plástica como meio de garantir legibilidade. Cremos que a plasticidade no verbal seja emergente da articulação dos signos na superfície do texto. Não que acreditemos num

desenho "figurativo" do tema por meio de palavras e expressões, mas na possibilidade de produção de signos icônicos deflagradores de processos cognitivos capazes de produzir imagens-tema indutoras da interpretação.

Mensagens, modelos, imagens.

Cada mensagem (e sua respectiva imagem textual), seja publicitária institucional, educativa, etc., esforça-se por convencer à sua maneira. São indivíduos com opiniões próprias que produzem essas imagens e revelam orientações subjetivas e únicas. Portanto, cada mensagem produzida cumpre um projeto comunicativo, a princípio, único, individual e que, por isso, deverá conter marcas que orientem ou desorientem o intérprete (ou leitor).

Ao inserir a idéia de desorientação, retoma-se a questão da falácia como um objetivo de projeto comunicativo. A organização de um texto evado de signos "desorientadores"³⁰ pode ser produto de uma ação deliberada do enuncrador para conduzir o intérprete a uma interpretação conveniente. Para ilustrar, vejamos as estratégias de substituição lexical presentes nos depoimentos da CPI dos Correios e do Mensalão: *caixa dois* passa a ser palavra proibida; a expressão *recursos não-contabilizados* entra em cena para escamotear o ilícito.

Sabe-se que há textos de baixíssima iconicidade, povoados de signos desorientadores, contudo não-resultantes de projeto tal ou qual, ou de astúcia enunciativa, senão da mais plena incompetência verbo-textual. Mas não é esse o caso.

Fala-se aqui da *alta iconicidade*. Nesta a seleção lexical e a organização dos enunciados devem conduzir o intérprete pelas malhas do texto, de modo a convencê-lo (no mínimo, persuadi-lo – cf. Perelman, 1996), quanto a uma verdade conveniente ao enuncrador (políticos, religiosos, profissionais da publicidade e da propaganda etc.) ou a uma circunstância (peças processuais, peças publicitárias, textos de ameaça – cf. de seqüestradores – etc., relatórios profissionais ou acadêmicos). Observe-se que essa verdade conveniente pode servir aos mais variados propósitos: desde um

³⁰ Aspeei o termo, porque de fato eles não desorientam, senão orientam numa direção inesperada, diferente da prevista pelo senso comum. O signos desorientadores de fato só aparecem nos textos mal escritos, aqueles em que não se consegue captar o que o enunciado quer dizer.

simples ganhar tempo até o aliciamento imoral de outrem. Por um ou outro propósito, trata-se de texto faladioso, pois está enganando alguém. No entanto, estará cumprindo seu projeto comunicativo, logo, atingirá a eficácia por meio da falácia.

Eis então perguntas de pesquisa, que se reportam à relação entre a construção da iconicidade e da verossimilhança, pois preciso manter acesas estas idéias na mente do leitor.

- Qualquer projeto comunicativo deverá resultar na produção de um texto verossímil?
- Será essa verossimilhança captável nos dados da superfície textual?

Cremos já ser possível adiantar respostas para tais indagações. Uma vez assentado que a verossimilhança corresponde à soma da legibilidade com a plausibilidade, verifica-se que a vontade de dizer é a célula-mãe do texto, é seu projeto original. A intenção de produzir um texto nasce de uma necessidade comunicativa que, por sua vez, será a manifestação de uma idéia sobre algo. Logo, em linhas gerais, o projeto de texto é condição para a verossimilhança de um texto: é preciso ter o que dizer sobre algo, assim como saber definir previamente a quem se destina esse dizer.

No entanto, a possibilidade de captação da verossimilhança na superfície textual demanda habilidades discursivo-textuais com que o enunciador selecionaria e arranjaría os signos de modo a gerar a esperada iconicidade. Isto é, as competências lexical e semântico-sintática são condições semióticas fundamentais para a produção da legibilidade textual, porque possibilitará a percepção de ícones e índices na superfície do texto. Tais signos, quando estruturados estrategicamente, conduzem a leitura e estimulam a cognição, que pode ser lida como sinônimo de semiose, uma vez que da leitura espera-se a produção de sentido.

A produção da iconicidade: estratégias textuais

A iconicidade e os símbolos verbais

A princípio, considerada a arbitrariedade do signo lingüístico e a sua flexibilidade semântica, parece impossível pensar em iconicidade produzida pelo signo verbal. Como produzir imagem por meio de signos simbólicos e, por isso, sujeitos a interpretações de alta subjetividade? No entanto, caso se leve essa questão às últimas consequências, cremos que se poderia chegar à conclusão da impossibilidade de interação por meio dos textos verbais. Se o que é para um não o é para outro, como chegar à compreensão interacional?

Sabe-se que essa subjetividade interpretativa é controlada pelas codificações sociais. A partir disso, toma-se possível pensar o texto como um construto que pode conter sinais que conduzam o intérprete a certa semiose. Se assim não fosse, os textos eminentemente informativos, de função administrativa, não seriam textos possíveis. A despeito disso, há as leituras inadequadas dos textos informativos, administrativos, e seus intérpretes acabam por praticar ações inadequadas. Logo, o texto, independentemente de sua função pragmática, tem de ser inteligível. E quanto maior for a expectativa comunicativa projetada sobre o texto, mais forte tem de ser a presença de signos orientadores em sua superfície, ou seja, a iconicidade deverá ser mais alta.

Ainda que o objeto desse estudo seja o texto acadêmico, é necessário passar-se por outras modalidades de textos de natureza predominantemente informativa, para que se possa chegar a conclusões generalizáveis em mais amplo espectro. O texto jornalístico, por exemplo, teria por meta principal a divulgação de dados para o esclarecimento da população, por isso, no espaço reservado aos textos informativos, podem ser reunidos gêneros textuais diversos, que se distinguirão segundo os seus objetivos principais, aqueles que caracterizam o gênero (quando se toma como referência os usos sociais dos textos). Em outras palavras, há textos informativos de gêneros variados, cuja distinção se faz a partir da função utilitária diversificada, como: jornalísticos, instrucionais (bulas, manuais de instrução etc.), legislativos (leis, decretos, regulamentos, regimentos, deliberações etc.), administrativos (ofícios, memorandos, ordens-de-serviço etc.), entre outros. Observe-se que cada um desses

gêneros terá características formais particulares, embora a estruturação linguística, a princípio, siga um padrão básico qual seja uma seleção lexical e uma organização frasal que, a princípio, garantam a legibilidade e, por conseguinte, a funcionalidade desses textos.

Iconicidade e gêneros textuais

Convém acrescentar que há vários estudos sobre iconicidade. No âmbito da linguística, por exemplo, Givón (1995) ocupa-se, dentre outras coisas, das estruturas gramaticais, buscando-lhes relações isomórficas entre a marcação sintática e semântica. Segundo o autor, cláusulas que são mais complexas semanticamente também tendem a ser mais complexas sintaticamente. Ainda que não nos perfilhemos à teoria de Givón e seus discípulos, hemos de convir que essa isomorfia sintático-semântica se aproxima do que tratamos como construção de imagem textual. É dano que, por seguir teorias distintas, os instrumentos de análise também serão diferenciados, contudo, há qualidades perseguidas que confluem, a saber: *transparência* e *opacidade*, embora de modo também diverso, uma vez que estas indicariam graus de *iconicidade* em vez de oporem-se à última.

Há ainda uma semelhança fundadora entre a teoria givoniana e a visão semiótica que orienta este estudo. O autor,

sustenta a tese segundo a qual o aparato neurológico específico para o processamento da linguagem humana é um desenvolvimento evolucionário do sistema de processamento de informação visual. O processo, em cada instância, supõe a passagem de um sistema mais natural, icônico, para um sistema mais arbitrário, simbólico. (Vôtre & Oliveira, 1997).

No excerto, encontra-se um paralelo entre a evolução sógnica segundo Peirce (da qualidade até a convenção), ainda que em Givón não se fale da passagem do sistema de linguagem pelo estado indicial. Contudo, ao reconhecer o desenvolvimento dos sistemas sógnicos do ícone ao símbolo, percebe-se que o teórico tangencia a iconicidade no sentido peirceano.

Então, quando nos referimos a características formais particulares, inicia-se a consideração da iconicidade textual. Isto porque persegue-se uma iconicidade por meio da qual o texto comunique antes mesmo de ser lido em profundidade. Comece a comunicar pela sua aparência visual. Segundo nossa experiência com leitura dinâmica (ou em alta velocidade),

as palavras-chave usadas no texto para garantir a unidade temática atuam como ícones e índices que ciceroneiam a leitura.

Diagramação e gênero

É de conhecimento do leitor que há um número significativo de textos em que a disposição diagramática de seu conteúdo verbal já atua como ícone do gênero. Não se confundem textos como *bula de remédio* e *requerimento*, por exemplo. À primeira vista, a distribuição do conteúdo desses textos por si mesma produz uma imagem específica para cada um. Da mesma maneira temos a possibilidade de identificação de palavras-chave e construções-chave que promovam a diagramação verbal dos enunciados e, por consequência, gerem a iconicidade do texto.

Para recordar, definimos a iconicidade textual como o potencial gerador de imagens emergente do texto, por força das palavras e expressões nele atualizadas, potencial este que é elemento garantidor da consecução do objetivo comunicativo do texto.

Cumprir lembrar que a consecução do objetivo do projeto comunicativo está intimamente ligada à organização dos signos na superfície do texto, quer seja ele oral quer escrito. Contudo, a comunicação oral, por contar com a complementaridade de outros códigos (gestos, tom e timbre de voz, entonação etc.) além do verbal, dispensa estratégias sofisticadas exigidas na produção do texto verbal escrito, que tem de complementar-se a si mesmo, sem a participação de outros códigos coadjuvantes, sobretudo nos gêneros informativos mencionados.

Iconicidade imagética e diagramática

Segundo Nöth (1995: 134), a iconicidade para Peirce pode manifestar-se de três modos: *imagética*, *diagramática* e *metafórica*. Como o objeto em foco é um texto de natureza informativa – o texto acadêmico – fica de fora a iconicidade metafórica. Serão consideradas apenas a iconicidade imagética, por sua força plástica, e a diagramática, por favorecer a relação com conteúdos intra- e extratextuais.

Quando se pensa na disposição objetiva dos conteúdos de um texto verbal, distribuídos em itens, seções, capítulos etc., automaticamente se vai considerar dados de natureza diagramática. A distribuição dos dados numa *carta-comercial* é diferente da que se faz numa *ordem-de-serviço*. Logo, não é artificial afirmar que tais textos têm imagens objetivas

(formais, pela distribuição de sinais sobre uma superfície) distintas. A distribuição paragrafática, a organização em seções e subseções, espaços, margens, grifos, são recursos visuais que servem para distinguir modelos textuais específicos.

Partindo da premissa de que o objeto do signo verbal icônico não é de modo algum qualquer parte da realidade, senão algo que se constrói na própria semióse (cf. Nöth, 1995: 133-4), a imagem resultante da iconicidade apurada no texto não terá necessariamente existência prévia ao texto. Via de regra, emergirá do texto.

Na dimensão diagramática, a iconicidade se realiza por meio de relações internas ou externas ao código. Assim como palavras sinônimas se relacionam endoforicamente num texto, grafemas podem ser interpretados por referências exofóricas, como o V da Vitória, a escada em U, a curva em S etc.

A diagramação endofórica ou sintagmática resulta da articulação dos signos verbais em enunciados legíveis. Tanto no nível frásico quanto no transfrásico, essa iconicidade estará assentada nos mecanismos gramaticais de coesão. Portanto, sua interpretação adequada implica domínio da gramática normativa da língua.

Ainda que a gramática normativa, a despeito do adjetivo que a caracteriza, deva ser tomada como ponto de partida, como referência estrutural, há de se convir que existem estruturas básicas pré-normativas que não podem ser ignoradas, como a ordem lógica SVO na estrutura da oração. Entretanto, dependendo da competência gramatical do usuário, essas estruturas podem ser ignoradas ou alteradas de tal modo que o texto venha a tornar-se ininteligível.

A diagramação exofórica ou paradigmática decorre do diálogo entre os signos do texto e o mundo extratextual (observe-se que o extratextual aqui se refere ao mundo extralinguístico, das experiências de vida). Logo, a iconicidade nessa dimensão se estabelece a partir da referência ao mundo objetivo ou ao mundo subjetivo, ambos extratextuais.

Lembrando Morris (1976), a sintaxe é o mais desenvolvido dos ramos da semiótica. Nesse plano, consideram-se duas classes de regras de relacionamento entre os signos: *regras de formação*, que determinam as combinações independentes permissíveis de membros do conjunto, formando as frases; e *regras de transformação*, que determinam as frases

que podem ser obtidas de outras frases. A sintaxe é, pois a consideração de signos e combinações de signos segundo as regras de estruturação a que se submetem.

Avançando nessa perspectiva, verifica-se ainda em Morris que, sem fugir ao ponto de vista formal, foi possível provar e demonstrar a existência (de) e a distinção entre signos lógicos e signos descritivos; definir signos sinônimos e frases equivalentes, caracterizar o conteúdo de uma frase, tratar dos paradoxos lógicos, classificar certos tipos de expressão e esclarecer as expressões modais de necessidade, possibilidade e impossibilidade.

Refinando o foco e situando o interesse imediato na relação da sintaxe com a semiótica além de, obrigatoriamente, ajustá-la à nossa pesquisa, verifica-se que essa sintaxe (especialmente no texto escrito) se mostra mais fácil de desenvolver, por estudar as relações dos signos uns com os outros como determinadas por regra, do que caracterizar as situações existenciais, sob as quais certos signos são empregados, ou o que acontece no intérprete quando um signo está funcionando. Cumpre, no entanto, acrescentar a importância de considerar-se nessas investigações as dimensões semântica e pragmática, uma vez que há diálogo indispensável entre o espírito e o método dessas ciências, sobretudo no que concerne à observação do signo e suas consequências socioculturais.

Vale dizer que tratamos da sintaxe geral, já que a sintaxe lógica (cf. Carnap – Apud Morris, op. cit.) não cuida de problemas sintáticos dos signos perceptuais, estéticos; do uso prático dos signos etc. Como nosso interesse é textual, verbal, escrito e visa a focalizar e discutir efeitos semântico-pragmáticos da semióse, é preciso considerar cuidadosamente a estrutura linguística e sua organização sintática.

Partindo da premissa de que os signos se combinam e recombinaem de formas diversas, produzindo assim efeitos semióticos distintos, Morris propôs uma classificação tripartite para os signos que, a nosso ver, não é senão referendo à teoria triádica de Peirce, quanto às categorias e à funcionalidade dos signos tanto na relação com seus objetos (coisas representadas) quanto na relação com seus intérpretes. Isto porque a sintaxe em si mesma já vai se constituir em signo da forma como se pensa algo, ordenando os elementos da expressão de certa forma em detrimento de outra(s), indicando assim o caminho trilhado pelo pensamento. A sintaxe pode indicar a trilha da semióse.

Iconicidade, semiose e cognição.

A partir do momento em que entendemos a percepção como um processo ativo, próprio ao ser humano, não podemos deixar de parte a relação existente entre estruturas cognitivas e o espaço onde estas atuam³¹.

A epígrafe nos incentiva a começar a falar da relação entre a cognição e a semiose. As concepções triádicas da cognição reconhecem o papel e a relevância da mediação na cognição. Isto porque a cognição é uma operação que se realiza por meio de modelos mentais; e o interpretante do signo peirceano, em última análise, é um modelo mental.

Quando se chama a esse relato a gramática normativa como ponto de partida modelar para a estruturação dos textos, está-se recorrendo a uma referência linguística. Esta define a diagramação dos signos nos enunciados com vistas a propiciar a produção de uma imagem icônica emergente do texto. Assim sendo, a diagramação carrega a função indicial, e esta favorece a construção da iconicidade que, na minha ótica, decorre da seleção apropriada do léxico textual associada a uma estruturação frasal estratégica: gramatical e estilística a um só tempo.

Segundo Simões & Dutra (2004):

(...) a astúcia e a perícia do enunciador na representação verbo-visual de suas idéias funcionarão (ou não) como elementos diretores das estratégias de leitura. Quando a malha signíca é construída decididamente com a meta de conduzir o leitor a um sentido xis, o produtor do texto terá o cuidado de selecionar as palavras com apuro e combiná-las sintaticamente, protegendo o leitor das ambigüidades, dos equívocos, das plurissignificações. O contrário disto se nota quando o texto é produzido com a intenção de despistar o leitor ou mesmo de desorientá-lo em relação a determinada idéia, determinada informação, determinado conteúdo.

Em síntese: se a astúcia enunciativa se volta para a produção de pistas orientadoras, o texto apresentará o que denominamos de alta iconicidade; caso contrário, a baixa iconicidade (do ponto de vista do intérprete) se

³¹ In Imagem, Comunicação e Realidade - <http://www.univ-ab.pt/~bidam/hyperscapes/video-grafica-195.htm> (consulta em 23/04/06)

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

manifestará pela abundância de pistas desorientadoras, sejam deliberadas³² sejam equivocadas.

Sautchuk (2003: 22) chama atenção para os níveis de organização *macroestrutural* e *microestrutural*. Segundo a autora, a macroestrutura concerne aos componentes (predominantemente extralingüísticos) que possibilitam a organização global do sentido do texto e são responsáveis por sua significação. Esse plano organizacional possibilita o planejamento, a compreensão e a memorização das idéias do texto. É o nível que constrói (ou não) a coerência textual.

Coerência e cognição

Considerando-se que a apreensão num texto de dados extralingüísticos está intimamente ligada à cognição que, por sua vez, será tão mais rica quanto maior a experiência de vida do intérprete, parece possível inferir que a seleção dos signos a serem atualizados no texto está proporcionalmente ligada a essa competência social, pragmática dos interlocutores (enunciador e intérprete).

O entendimento fica visivelmente comprometido quando se trata do enfrentamento de textos que tratem de assuntos alheios ao repertório do intérprete. Também o enunciador terá grandes dificuldades na produção de seu texto, quando o tema não lhe for suficientemente familiar, a ponto de produzir argumentos que sustentem sua tese. Ademais, a competência pragmática deverá ser enriquecida pelo domínio de informações linguístico-endopédicas que constituiriam a visão de mundo ou cosmovisão dos interlocutores. Uma vez deficitárias essas capacidades e habilidades, o processo cognitivo que sustenta a compreensão dos textos e a comunicação resultará prejudicado.

Numa perspectiva pragmática, verifica-se que o posto (o texto de superfície) deve permitir a produção de inferências e implicaturas (no plano dos pressupostos) por meio das quais o intérprete poderá construir um sentido para o texto. Quando não há margem de levantamento de pressupostos, talvez se venha a conduir da inexistência de *textualidade*.

³² No caso da construção deliberada de pistas desorientadoras, a partir de astúcias do enunciador com vistas a dar conta de seu projeto comunicativo (então enganador), do ponto de vista do enunciador o que se tem é a alta iconicidade também. Contudo, o intérprete, por ficar perdido na busca do sentido do texto, tê-lo-á como de baixa iconicidade.

Esta, por sua vez, é a propriedade de um texto formar um todo de sentido, independentemente dos signos com que construa sua superfície e seja esta sonora (texto oral) ou visual (texto escrito).

Considerando estudos de Beaugrande e Dressler (1981 – cf. Koch e Travaglia, 1995: 31), a coerência textual – base da textualidade – decorre da continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelos signos atualizados na produção textual e que deve ser percebida na produção (cf. leitor interno – v. Sautchuk) como na compreensão (cf. intérprete – v. Peirce). Logo, texto coerente é o que *faz sentido* para seus usuários. Para tanto, o posto deve ser capaz de ativar mecanismos cognitivos que amplifiquem a cooperação (cf. Charolles, 1987 – apud Koch op. cit) entre os interlocutores de modo a subsidiá-los a descoberta de sentidos subjacentes ao texto-objeto em leitura (seja oral, seja escrito).

Coesão e cognição

Combinando as idéias sobre coerência e cognição com as de coesão textual, verificar-se-á, em última instância, que as operações cognitivas implicadas na produção e na leitura do texto distribuem-se no nível semântico-pragmático quando da aferição da coerência, e no nível morfosintático-funcional na construção da coesão. Uma e outra operação gerenciam a organização dos signos no processo comunicativo, uma vez que têm o conhecimento de mundo como meio balizador da interação. Assim sendo, grosso modo, a coerência atua nas macroestruturas, e a coesão nas microestruturas.

A microestrutura, seguindo Sautchuk, decorre da estruturação linguística do texto, mediante um sistema de instruções textualizadoras de superfície, organizadoras da construção linear do texto a partir da articulação de palavras e frases como elementos responsáveis pela coesão.

Os mecanismos linguísticos de coesão manifestam-se de modos diversos. Não é exclusiva das palavras gramaticais (preposições, conjunções e pronomes relativos) a combinação das idéias e a definição de seus valores. Também as palavras lexicais (verbos, substantivos, adjetivos, advérbios, numerais e pronomes) atuam como elementos coesivos, dispensando algumas vezes a presença de um conectivo propriamente dito. É justo nesse âmbito que vimos observando os textos dos estudantes. Verificando-lhes a habilidade para selecionar palavras e expressões

ajustadas ao projeto de dizer, de modo a garantir a coesão textual, e, ao mesmo tempo, abrir espaço para leituras coerentes.

Esse enfoque procura relacionar a semiose com a semântica e a pragmática, pois a competência linguística é condição de comunicatividade verbal. Isto porque a organização microestrutural do texto seria, a princípio, um garantidor da veiculação eficiente da mensagem. Schmidt (1978: 33) dizia pertencerem à pragmática os componentes comunicativos da competência linguística, definindo-a como habilidade do usuário de uma língua natural para adaptar seus enunciados às situações de comunicação, buscando uma comunicação eficaz. E nessa linha de raciocínio, buscamos rastrear a organização dos signos no texto e relacioná-los com as situações de comunicação, com vistas a pôr em xeque a estruturação textual em si e o projeto comunicativo subjacente.

Assim sendo, a inabilidade gramatical acaba por comprometer a estruturação textual; e daquela decorre a inclusão não-deliberada de signos desorientadores na superfície do texto e a dificuldade de compreensão da mensagem. Nos textos escolares, a presença de signos dessa natureza é significativa; e a incipiência (ou mesmo insipiência) gramatical dos autores não lhes permite localizar os problemas estruturais, uma vez que, mesmo quando em situação de discussão do texto com o professor, os autores lêem o que supõem estar escrito e não o que está efetivamente escrito.

Observado o objeto deste estudo – textos acadêmicos – e sua função pragmática no contexto técnico-científico, conduzi-se da necessidade da máxima clareza em tais textos, uma vez que veiculam achados científicos ou informações técnicas que devem ser compreendidas com a menor margem de dúvida possível.

Ora, se o texto está “mal costurado”, ou seja, se a coesão não foi bem tecida, a informação que deveria atravessar o texto sofrerá as consequências dessa desarticulação lógico-sintática. Então, a resultante semântico-pragmática possivelmente será desastrosa: quer pela incompreensão total do texto quer por uma compreensão exótica deste.

A compreensão exótica seria resultante de um processo cognitivo “conduzido” por signos desorientadores presentes na superfície do texto. Vale lembrar que, o uso deliberado de signos desorientadores (alta iconicidade faladosa) requer competência linguística, proficiência; enquanto o uso acidental, não-planejado, de signos desorientadores

(baixa iconicidade) decorre da falta de domínio linguístico e que, quando produz semiose, via de regra esta é inadequada ao projeto inicial de dizer.

Tese e argumento: processo cognitivo.

Partindo da idéia de que a comunicação é um processo que permite a veiculação de idéias entre sujeitos e de que subjaz ao projeto de dizer uma intenção de fazer-fazer (cf. Searle, 1984), impõe-se trazer à baila a questão relativa a *tese* e *argumento*. Isso porque o projeto de dizer, em última análise, é a apresentação e defesa de um ponto de vista, ou de uma tese sobre algo. Logo, a intenção originária de persuadir alguém a aceitar algo como válido e, por conta disso, passar a proceder de uma dada maneira, demanda a reunião de um arsenal de argumentos que venham não só a sustentar sua tese, mas, sobretudo, induzir o outro (seu interlocutor) a aceitar a verdade então construída como sua verdade.

Nessa ótica, a construção de teses alicerçadas por argumentos plausíveis seria o ingrediente indispensável à produção do que aqui se entende como verossimilhança. Opera-se com a idéia de que a verossimilhança seja uma verdade (via de regra pontual porque circunscrita a um dizer) emergente do texto. Nessa linha de raciocínio fica claro que a habilidade com o código será garantia de produção da verdade pretendida. Caso contrário, o tiro pode sair pela culatra, e a verdade textual resultante pode vir a trair o projeto comunicativo do enunciador.

Retornam-se aqui questões de pesquisa que ora exigem respostas, prefaciadas por algumas palavras sobre *texto*.

Segundo Halliday (2004: 3), quando alguém fala ou escreve, produz um texto. O termo *texto* se refere a qualquer instância de linguagem, em qualquer meio, que produz sentido para alguém que conhece a linguagem.

Eis as questões:

1. Até que ponto um projeto comunicativo pode ser considerado eficiente, levando-se em conta o suporte utilizado e as intenções do produtor da mensagem?

Percebe-se de pronto que a questão do suporte nesta tese fica restrita ao texto escrito verbal simples, sem aparatos ilustrativos não-verbais ou

efeitos resultantes de qualidade de papel, cores, fontes especiais, etc., já que se trata de um estudo sobre textos acadêmicos produzidos durante as classes ordinárias.

Quanto às intenções comunicativas, verificar-se-á a moldura contextual que exige dos enunciadores uma conduta típica: escrita em registro formal, texto com até duas laudas em tamanho A4 (mesmo quando manuscrito). Disso resulta a obrigação de demonstrar competência verbal e crítica, já que seu texto é resultado da leitura crítica de um texto-fonte que define o tema da produção.

2. Como avaliar a eficácia de um projeto desatrelando-a da veracidade?

Ao longo desta tese, tentamos definir a eficácia de um projeto de texto como a sua qualidade de dizer o que se propõe ser dito. Fez-se questão de ressaltar que a verdade textual resultante não tem obrigação de afinar-se com verdades circulantes, desde que o enunciador seja capaz de construir uma argumentação plausível. Ou seja, gerar um texto cuja mensagem possa não coincidir com as idéias prévias do intérprete, mas que sejam por este aceitas como uma interpretação alternativa para o tema.

3. Quais os mecanismos semióticos que podem ser estimulados para promover a produção de textos icônicos?

Na produção dos textos verbais acadêmicos, realçam-se as estruturas linguísticas como material a explorar pelos enunciadores. Por isso, tentou-se estabelecer relações entre léxico, semântica e sintaxe, no sentido de buscar a iconicidade diagramática sintagmática, ou seja, uma construção verbal capaz de levar o intérprete a formular imagens e ativar cognições que subsidiem a semiose do texto.

Nessa perspectiva, vale lembrar Koch (1997: 25): "à concepção de texto (...) subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele". Logo, esta construção dependerá de que se ponham disponíveis ao intérprete as peças necessárias, no caso, o material verbal.

4. Quais os mecanismos semióticos que podem ser estimulados para desenvolver a competência lexical dos estudantes?

Observada a atenção dada à seleção vocabular como base para a construção de textos eficientes em relação ao seu projeto original (no caso, a leitura crítica de um texto-fonte), nossa meta é demonstrar as consequências da escolha lexical como garantidora do texto eficiente. Logo, quer-se com isso acentuar a importância do enriquecimento do repertório dos estudantes, com vistas a ampliar-lhes a capacidade comunicativo-interacional, dando-lhes instrumentos para a escolha mais oportuna de palavras e expressões que possam representar a idéia em foco na situação de comunicação.

5. Quais os mecanismos semióticos que podem ser estimulados para evidenciar a verossimilhança como característica da eficiência comunicativa?

Parece claro que a eficiência da comunicação será decorrente da plausibilidade do texto, ou seja, de seu potencial de geração de uma verdade textual, mesmo que particular. Não entendemos como indispensável a consonância entre o que diz o texto e o que está assente e circula na comunidade discursiva em que se inserem enunciador e intérprete, ou mesmo só um desses sujeitos. Tanto um quanto outro podem manifestar opiniões ímpares sobre dado tema, sem, contudo perderem a coesão e a coerência na construção de seu texto.

A esta altura, impo-se chamar atenção dos docentes no sentido de afastarem do processo de avaliação dos textos discentes o viés ideológico que pode embaçar a leitura do texto e resultar em demérito para o estudante. O fato de não haver concordância entre pontos de vista (docente e discente, em especial) não significa obrigatoriamente que o estudante tenha desenvolvido raciocínio errado sobre o tema. Observe-se que é neste ponto que a verossimilhança ganha força, uma vez que, independentemente da coincidência entre a verdade do texto e verdade corrente, é possível identificar a produção de uma verdade textual dotada de plausibilidade, a qual emerge da legibilidade dos enunciados. Relembro aqui o *princípio da derivabilidade* apontado por Kristeva (2005: 139). Princípio este que emana da organização sintática do texto, por meio da qual os enunciados se vão derivando uns dos outros, gerando o que se veio a chamar na linguística textual de *coesão sequencial*, "procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (...) diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que faz o texto progredir" (Koch, 1992: 49).

Assim sendo, é possível atestar a eficácia do projeto comunicativo, a partir da identificação nos dados textuais (signos verbais em funcionamento icônico e indicial) de uma trilha de argumentos coesos sintática e semanticamente, a partir dos quais o texto se mostre legível. A legibilidade é condição de inteligibilidade, uma vez que dela brota a plausibilidade dos argumentos em defesa de dada tese. Esta tese não precisa ser coincidente com as verdades prévias do intérprete, mas deve mostrar consistência na tessitura textual. Deve possibilitar a correlação entre segmentos do texto que constituiriam um "traçado" semiótico-cognitivo capaz de gerenciar a interpretação do texto, a semiose, a produção de sentido.

Temos a configuração dos sintagmas verbais como traduções intersemióticas da experiência e entendemos que o trabalho docente deve orientar o estudante para a prática linguageira, como imagem representativa de sua cognição e, em consequência, desenvolver habilidades voltadas para a seleção dos signos linguísticos por meio dos quais manifestará sua experiência em forma de textos, da mesma forma que será capaz de ler e compreender os textos alheios (cf. Simões, 2005).

Seleção lexical e iconicidade sintagmática diagramática

Ainda que considere a importância de todos os estudos relacionados a coesão, coerência e cognição (alguns aqui citados), sentimos necessidade de explorar esses elementos (ou fundamentos discursivo-textuais) sob a égide da teoria da iconicidade. Nosso intento é objetivar a relação entre idéias e imagens mentais por intermédio da potencialidade signíca de gerar percursos textuais (ainda que virtuais). Com essa hipótese, vimos perseguindo a produção textual dos graduandos (da qual extrao o corpus desta tese) no sentido de analisar a competência verbal dos sujeitos quanto à representação verbal escrita inteligível de idéias.

Como se trata de texto acadêmico, a variedade padrão é condição de trabalho e os textos-produto brotam da leitura crítica de um texto-fonte. Logo, o vocabulário ativado no texto-fonte é ponto de partida para a produção do novo texto pelo estudante.

Entendemos que, com essa forma de trabalho, minimiza-se a falta de idéias e a falta de vocabulário sobre o tema a explorar. O texto-fonte manifesta a visão de um autor reconhecido sobre o tema em questão, e a

habilidade verbal desse autor deveria servir de modelo inicial para a produção do estudante.

Algumas dificuldades são observadas no início dos trabalhos em consequência da inabilidade de leitura de uma boa parte dos alunos. Uma falha pedagógica se manifesta na dificuldade de ler (seja em voz alta seja silenciosamente), do que resulta indisposição para o enfrentamento dos textos originalmente. Só após alguma insistência, às vezes até dramática e impositiva, é que os estudantes começam a descobrir sua capacidade de leitura e a ver o ato de ler como produtivo e prazeroso.

Alunos que numa primeira atividade tiveram de produzir quatro a cinco versões para um texto, mais à frente já conseguiam resolver a tarefa com apenas uma reescritura. A aquisição de habilidade e método de leitura fazia com que a absorção de vocabulário de estruturas sintáticas passasse a acontecer de forma mais espontânea, minimizava-se o sacrifício da leitura e da subsequente produção de textos.

A mostra de textos eleita para composição do corpus desta tese não obedeceu a critério outro senão o atendimento à proposta de trabalho: ler o texto-fonte, fichá-lo, selecionar-lhe as idéias-centrais e, por fim, produzir um texto crítico sobre o texto lido. Além da evasão natural que ocorre nas turmas, o critério indicado explica a diferença quantitativa de textos de cada tema ainda que no mesmo período letivo.

Automação na análise de dados

Diante de um quadro de trabalho docente caracterizado por dificuldades de ordem operacional (baixa remuneração e parcas condições de trabalho), procuramos agilizar o levantamento de dados do corpus com auxílio da informática. Os programas WordSmith Tools 4.0, Examine32 e TextNet32 foram ferramentas imprescindíveis na exploração do corpus.

Para melhor operar com o WordSmith Tools 4.0, buscamos apoio do professor-pesquisador Tony Berber Sardinha, que nos forneceu indicações bibliográficas valiosas, além de propiciar-nos a orientação direta da professora-pesquisadora Maria Cecília Lopes, ambos da PUC-SP-LAEL.

Segundo Sardinha (2004: 86),

o programa coloca à disposição do analista uma série de recursos que, bem usados, são extremamente úteis e poderosos na análise de vários aspectos da linguagem, como a composição lexical, a temática de textos selecionados e a organização retórica e composicional de gêneros discursivos.

Com auxílio do programa WordSmith Tools 4.0 (doravante indicado como WST), obtive listagens do vocabulário dos textos (ferramenta *WordList* - *lista de palavras*), o que permitiu a comparação dos itens léxicos ativados nos textos-fonte (textos técnicos – livros e artigos – que serviram de base para a produção textual em classe) com as das redações resultantes ou textos-corpus (leitura crítica dos estudantes, por escrito). O objetivo do confronto seria verificar a absorção de vocabulário demonstrada nos textos produzidos pelos estudantes.

Também se objetivava verificar a reapresentação de sintagmas seja por colagem (reutilização fiel da forma lida) ou por paráfrase (reapresentação da idéia com outra estruturação verbal). Essa análise foi também gerenciada pelo WST, por meio da ferramenta *concordância* (*concordance*), que permite (dentre outras coisas) a identificação das ocorrências lexicais em seus respectivos contextos frasais (análise do contexto).

O programa TextNet32 propicia o levantamento das sentenças nucleares dos textos, cujo resultado foi cruzado com as listagens produzidas pelo WST e com a busca lógica do Examine32.

Tudo isso visa a demonstrar (com tratamento o mais objetivo possível, por isso automatizado) a potencialidade icônica do texto-fonte, com a repetição (de alguma forma) de sua estruturação. A meu ver é aí que reside qualidade de verossimilhança do texto. Entendemos que a aceitação do dito no texto como “verdade plausível” faz com que sejam reutilizadas formas nele presentes; enquanto que serão repudiadas (ou ao menos evitadas) formas outras que possam produzir no leitor (segundo redator) inadmissibilidade de conteúdo, via de regra decorrente de defeito estrutural.

Quando falamos de problema estrutural, referimo-nos a uma projeção material verbal de dificuldade de organização dos argumentos necessários para a defesa de um ponto de vista. É freqüente nos textos de estudantes a inconsistência argumentativa, inicialmente originária de uma seleção lexical inadequada e decorrente do curto repertório. Ao eleger-se a prática

Darcília Simões, 2007

de produção textual a partir da leitura crítica de um texto a princípio bem escrito, pretende-se retomar uma premissa de O. M. Garcia que é *aprender fazendo o que se viu como se faz*. E se nossa hipótese é de iconicidade textual compromissada com um projeto prévio de dizer, a utilização de textos acadêmicos de circulação ampla e de autoria confiável (verbal e identicamente) visa a oferecer modelos prévios de solução textual que possam orientar a construção de novos textos com boa margem de eficiência.

Traremos a seguir a parte demonstrativa desta tese, em que o corpus servirá de comprovação para nossa hipótese de iconicidade e verossimilhança como características do texto eficiente, ou seja, do texto que atinge os objetivos de seu projeto comunicativo.

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

Parte II: APLICAÇÃO

Constituição técnica e apresentação do corpus

O levantamento e análise de dados verificaram-se sobre um corpus constituído por 180 (cento e oitenta) redações académicas, produzidas em classes regulares de 7º período do Curso de Letras (habilitações variadas), durante os anos letivos de 2003 a 2005.

Os textos-corpus foram produzidos a partir da proposta de leitura crítica dos seguintes textos-fonte e com a esta distribuição:

TEXTOS-FONTE		SEMESTRE	Nº DE TEXTOS	GRUPO
TXT 1-	O que é português brasileiro (Hildo Honório do Couto)	2003-1	17	1
TXT 2	Língua, nação, alienação (Celso Cunha)	2003-1	10	2
TXT 3	Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade? (Evanildo Bechara)	2003-1	26	3
TXT 4	Como falam os brasileiros (Dinah Callou & Ione Leite)	2004-1	14	4
TXT 5	O português popular escrito (Edith Pimentel Pinto)	2004-1	28	5
TXT 6	A importância do domínio da variedade da língua (Darcília Simões)	2004-1	26	6
TXT 7	Existe uma "língua brasileira"? (Sérgio Nogueira Duarte)	2005-1	20	7
TXT 8	Mas, afinal, como falam (ou deveriam falar) as pessoas cultas? (Dino Preti)	2005-1	17	8
TXT 9	O gigolô das palavras (Luís Fernando Veríssimo)	2005-1	22	9
TOTAL DE TEXTOS ANALISADOS			180	

Para compreensão do que está expresso nessa primeira tabela, eis o mapa de interpretação:

- A primeira coluna apresenta uma codificação que será utilizada para identificar os textos corpus pelo processo sequencial. Assim, o primeiro texto do Grupo 1 será nomeado como TXT 1.1, o segundo como TXT 1.2 e assim sucessivamente.
- A coluna 2 indica os textos que serviram de base para as redações discentes.

- A coluna 3 indica o semestre em que a atividade de produção foi realizada.
- A coluna 4 indica o número de textos aproveitado para discussão. Isto porque houve textos tão curtos que não permitiriam um processamento significativo. Estes foram desprezados.
- A última coluna apresenta os indicadores dos Grupos, com que serão identificados os conjuntos de textos-corpus gerados a partir do respectivo texto-fonte.

Crítérios para discussão dos dados do corpus.

Usando a ferramenta *Lista de palavras* (WordList³³ do WST), foi feito o levantamento de palavras presentes no corpus, com vistas a detectar as palavras-chave de cada texto e, em seguida, cruzar os dados dos textos-fonte com os dos textos-corpus.

O aproveitamento das listas geradas automaticamente para levantamento do vocabulário predominante nos textos-corpus apoiou-se nos seguintes critérios:

- Levantar substantivos e adjetivos
- Computar as flexões de gênero e número na condição de ocorrência³⁴ do *tipo*, aqui tomado como a forma básica do vocábulo.
- Computar formas de participio em uso adjetivo;
- Não computar formas verbais substantivados por oferecerem margem de erro junto às formas verbais homônimas;

³³ Esta ferramenta propicia a feitura de listas de palavras. O programa é pré-definido para produzir, a cada vez, duas listas de palavras, uma ordenada alfabeticamente (identificada pela letra 'A' entre parênteses) e outra classificada por ordem de frequência das palavras (com a palavra mais frequente encabeçando a lista). (Sardinha, 1999)

³⁴ Ocorrência: Manifestação (ou atualização) de um afado linguístico no discurso. Cada realização de um facto linguístico F, num enunciado qualquer, constitui uma ocorrência de F. (s.u. Galisson & Coste, 1983)

- Computar palavras com o mínimo de 5 ocorrências³⁵;

O número de ocorrências indica as palavra(s) mais freqüente(s)³⁶ no total de textos do grupo, bem como palavras de uso exdusivo em um dos textos do grupo.

Com tabelas como a seguinte, tentou-se demonstrar:

- a) a prevalência de determinado(s) item(ns) léxico(s) na formação temática do texto (3ª, 4ª e 5ª colunas);
- b) a individualidade de repertório na ativação de palavra em apenas um dos textos de cada grupo de textos (6ª coluna) e
- c) a lista de palavras-chave do texto-fonte, com destaque para as que foram reutilizadas pelos estudantes-redatores.

Nas tabelas a seguir, indica-se o número de ocorrências de determinados signos que estariam funcionando como balizas temáticas entre os textos-corpus (produzidos pelos graduandos) e os textos-fonte (livros e artigos técnico-científicos) que deram origem às redações.

Entendo que a lista de palavras-chave é o primeiro traço de iconicidade que se pode identificar num texto. Esse conjunto lexical garante semanticamente o desenrolar do tema no texto. Com tais palavras encadeiam-se as idéias que irão compor a cadeia argumentativa que sustentará a(s) tese(s) do texto.

Para complementar o levantamento de dados e oferecer possibilidades de cruzamento, operamos com o conjunto de sentenças básicas de cada texto, as quais foram extraídas com auxílio do programa TextNet32.

³⁵ Vale acrescentar ainda que para todo tipo de signo cabe uma distinção fundamental entre *type* e *token* (cf. – ocorrência – s.u. Dubois et al, 1978). Tenho que *type* é o *signo-tipo*, *original*; e *token* é cada atualização desse signo, e corresponde a *réplica* ou *ocorrência* (cf. Penco, 2006: 42).

³⁶ *Frequência*: Número de ocorrências (ou de aparecimentos) de uma mesmo facto linguístico ou de uma mesma unidade linguística num discurso de extensão determinada (texto gravado, texto escrito, etc.). (s.u. Galisson & Coste, 1983)

Antes de expor resultados, vejamos o que diz o programa sobre a extração de sentenças.

A opção da extração fornece uma exposição expressa e simples das sentenças que parecem ser as mais importantes na base da densidade de palavras freqüentes e de indicações positivas. Após cada sentença, sua contagem é incluída nos suportes quadrados. Esta opção trabalhará não obstante o texto esteja dividido corretamente em parágrafos e pode ser uma alternativa acessível (...) (TextNet32 – *Help* – *Extracting Sentences*)

Essas sentenças apresentam um resumo automático (sem intervenções subjetivas) de cada texto. Ainda segundo informações de ajuda do processador, as sentenças seriam correspondentes a conceitos explorados no texto.

Devo esclarecer que, para fins didáticos, nomeei cada conjunto de textos redigidos pelos estudantes a partir de um texto-fonte como Grupo. Assim sendo, como são 9 textos-fonte, tem-se 9 Grupos assim apresentados:

- Textos-corpus do Grupo 1
- Textos-corpus do Grupo 2
- Textos-corpus do Grupo 3
- Textos-corpus do Grupo 4
- Textos-corpus do Grupo 5
- Textos-corpus do Grupo 5
- Textos-corpus do Grupo 7
- Textos-corpus do Grupo 8
- Textos-corpus do Grupo 8

Exemplificamos aqui com dados dos Grupos 1 e 2.

Tabela 1 – textos-corpus do Grupo 1

Texto/Fonte	O que português brasileiro	Ocorrências Total de textos 17			
		(3)	(4)	(5)	(6)
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
	Palavras chaves por texto	14 textos	10 textos	9 textos	1 texto
TXT10	linguagem	língua			unidade
TXT1.1	linguagem linguística	língua	linguagem		usada
TXT12	língua falada	língua			falada
TXT13	língua portuguesa diferenças	língua		português	diferenças
TXT14	português brasileiro e língua da norma culta	língua		português	
TXT15	e linguagem o português		linguagem	português	
TXT16	linguagem dialeto norma língua	língua	linguagem		
TXT17	norma				
TXT18	língua norma culta e linguagem português brasileiro realidade social regras brasileiro portuguesa	língua	linguagem	português portuguesa	Realidade Social ensinar
TXT19	língua portuguesa norma padrão	língua		português	
TXT1.10	dialeto língua norma linguagem português culta	língua	linguagem	português	dialeto
TXT1.11	língua e linguagem português desses norma povo Brasil	língua	linguagem	português	Classes Povo Brasil erado
TXT1.12	língua falar norma e linguagem falar norma povo erado	língua	linguagem		
TXT1.13	língua e linguagem norma	língua	linguagem		
TXT1.14	português grupo e linguagem	língua	linguagem	português	grupo
TXT1.15	linguagem português norma dialeto social desses		linguagem	português	
TXT1.16	língua regras portuguesa sistema linguístico	língua		portuguesa	sistema linguístico
Palavras chaves do texto/Fonte em ordem de frequência	português língua e linguagem brasileiro realidade com unidade diferenças regras falas brasileiro e realidade Brasil norma e dialeto português parte com ensino português brasileiro desses e linguagem				
Comentário	Concordância das palavras chaves (grêdes) de maior frequência nos textos/Fonte com as mais usadas nos textos (colunas 3,4 e 5)				

Tabela 2 – textos-corpus do Grupo 2

Texto-fonte	Língua, nação e alienação	Ocorrências			
		Total de textos: 10			
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
	Palavras-chave por texto	10 Textos	4 textos	4	1

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

				textos	texto
TXT 2.0	língua língua Brasil realidade	língua			realid ade
TXT 2.1	português pidgín hipóteses monogenéticas língua crioulos	língua		português	pidgín hipóte ses mono genéti cas
TXT 2.2	língua materna linguística ensino	língua	ensino		
TXT 2.3	língua diacrónico	língua			diacrô nico
TXT 2.4	língua desenvolvime nto ensino norma	língua	ensino		desen volvim ento
TXT 2.5	língua ensino português estudo científico Brasil	língua	ensino	português	estud o científ ico
TXT 2.6	língua	língua			
TXT 2.7	língua unidade	língua			unida de
TXT 2.8	ensino português Brasil língua realidade linguística	língua	ensino	português	realid ade linguís tica
TXT 2.9	língua português	língua		português	
Palavras-chave do texto-fonte em ordem de frequência	língua linguística Brasil português ensino história idioma social dialeto fatos falar formas linguagem mundo realidade comunicação dialectologia exemplo expressão linguísticos metodologia norma normas variante ciência científico condições estudo forma grande indivíduo linguístico parte portuguesa sistema tempo América atual comunidade contrário cultura fato modalidade nacional países razão vida análise brasileira brasileiro campo caso casos conhecimento descrição espacial espanhol estudos indivíduos línguas país palavras passado século termo verdade vez				
Comentário	As palavras-chave de maior frequência no texto-fonte ainda coincidem com as reutilizadas pelos estudantes, contudo, não mais as três primeiras sequencialmente, mas das cinco primeiras do texto-fonte, a primeira, a quarta e a quinta palavras se mostram com as principais nos textos-corpus resultantes dessa atividade.				

Cumprе salientar que outras palavras do inventário - *palavras-chave do texto-fonte em ordem de frequência* - podem ser encontradas em algumas tabelas na coluna 6, cujos itens léxicos caracterizam textos individuais, isto é, são palavras cuja ocorrência se deu em apenas um texto de cada grupo.

É interessante ressaltar que os textos-fonte, independentemente de suas respectivas extensões, apresentam um inventário irregular de palavras-

chave com frequência mínima igual a 5. Digo irregular no que tange a uma possível proporção entre tais textos, considerando-lhes a proximidade temática. Convém lembrar que as palavras de mais alta frequência são os vocábulos gramaticais, por isso, nomes e verbos geralmente apresentam frequência inferior àqueles. Nos inventários produzidos automaticamente para estudo dos corpora (textos-fonte e textos-corpus) desta tese, verificou-se que, em ordem decrescente, a partir da frequência 5, os itens léxicos passavam a não representar tematicamente os textos. Daí a opção pela frequência 5 como referência.

Coesão e cotexto: observações sobre mecanismos icônicos

Retomando o compromisso com a iconicidade, recorremos ao funcionalismo (Halliday & Hasan, 1977: 282) no que concerne às relações lexicais e aos padrões coesivos. Dizem os estudiosos que a repetição de palavras com manutenção do referente é indicador de um padrão de coesão. Esse processo pode se dar pela reiteração da idéia também pela sinonímia, superordenação ou hiperonímia. Contudo, acrescentam que para que a coesão lexical se consolide eficientemente é preciso associá-la à referência gramatical. A meu ver aqui entra a relevância do *cotexto* (palavras que formam a vizinhança textual das palavras destacadas, ou palavras-chave).

Impõe-se um parêntese para explicitar que a noção de *cotexto* foi proposta por Bar Hillel (1970) para dar conta da intervenção das unidades verbais que fixam a significação das outras formas linguísticas presentes num mesmo texto. O cotexto é, portanto um dos principais processos de solução das eventuais ambigüidades ou da heterogeneidade de sentido dos enunciados. Distingue-se da noção de contexto, utilizada para designar as instâncias enunciativas e os elementos extralingüísticos relevantes para a compreensão de um texto ou de um discurso.

Fechado o parêntese.

O programa WST oferece uma opção de levantamento denominada *concordância* (*concordance*), com a qual se pode conhecer o contexto das *palavras-chave* (no programa WST denominadas palavras de busca ou *nóduo*).

Veja-se o excerto:

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

Concordância ('concordance'): Lista contendo uma palavra específica (chamada de palavra de busca ou nóduo) juntamente com parte do texto ao seu redor (o cotexto). (Sardinha, 1999)

A utilização dessa ferramenta permitiu que se chegasse a uma visão da estruturação diagramática sintagmática. Optei por operar em dois níveis: o do cotexto propriamente dito, e o dos agrupamentos lexicais (*clusters*), pois a ferramenta *concordância* gera imagens como (ilustrei com os textos-corpus do Grupo 1):

a) cotexto

Nº	Concordance	Set	Fas	Word #	os
1	BIQUE E PORTUGUÊS BRASILEIRO Aníbal	PORTUGUÊS	3	0 194	
2	BRASILEIRO (Hilário Honório do Couto) "Português é difícil demais", "O português	PORTUGUÊS	9	0 394	
3	Couto) "Português é difícil demais", "O português é a língua mais difícil do	PORTUGUÊS	14	0 294	
4	é difícil demais", "O português é a língua mais difícil do mundo", "Português	LINGUA	17	0 394	
5	é a língua mais difícil do mundo", "Português é matéria mais chata", etc.	PORTUGUÊS	22	0 194	
6	a todo instante por professores de português. São ditos não só por	PORTUGUÊS	39	0 194	
7	na universidade. Em síntese, nós, brasileiros, achamos que "a gente fala	BRASILEIROS	147	7 694	
8	Não é a sistematização de como o brasileiro usa a língua portuguesa. Tudo	BRASILEIRO	202	11 394	
9	de como o brasileiro usa a língua portuguesa. Tudo isso prova que	LINGUA	205	11 294	
10	de como o brasileiro usa a língua portuguesa. Tudo isso prova que há um	PORTUGUESA	206	11 094	
11	impor de cima para baixo como "português correto" e o que o povo	PORTUGUÊS	224	12 794	
12	de cima para baixo como "português correto" e o que o povo efetivamente usa,	CORRETO	225	12 994	
13	se preferirem) O próprio professor de português se sente perdido, pois se vê	PORTUGUÊS	261	13 094	
14	seus alunos. De outro, percebe que a realidade linguística concreta é bem	REALIDADE	297	15 694	
15	o desconforto de ouvir de uma aluna do ensino médio de São Paulo que gostava	ENSINO	314	16 694	
16	de No entanto, acrescento: "não gosto de português, é muito complicado". Como	PORTUGUÊS	342	17 394	
17	muito complicado". Como professor de português me senti bastante frustrado e,	PORTUGUÊS	349	18 694	
18	que se passara. Só hoje percebo que "português" para ela não era a língua em	PORTUGUÊS	367	19 994	
19	que "português" para ela não era a língua em que ela escrevia, por sinal até	LINGUA	373	19 794	
20	entre o que querem nos impingir como "português correto" e o português	PORTUGUÊS	398	20 694	
21	querem nos impingir como "português correto" e o português brasileiro real,	CORRETO	399	20 294	
22	impingir como "português correto" e o português brasileiro real, mesmo culto.	PORTUGUÊS	402	20 494	

As palavras destacadas em azul são os *nódulos* (segundo WST) ou *palavras-chave* (segundo minha proposta), estas vêm destacadas na coluna Set.

Optamos por inserir a ilustração por meio de figura, para possibilitar uma visão dos recursos do programa WST. Isso porque, como verá o leitor, quando transpomos as tabelas para um editor de texto (Word ou

Bloco de Notas), dá-se significativa alteração na posição dos elementos, do que pode resultar uma interpretação diversa da projetada pelo programa.

Observe-se que a lista³⁷ de cotextos é seguida por uma coluna em que as palavras-chave (ou núdulos) aparecem destacadas.

b) agrupamentos lexicais³⁸

WordSmith Tools 4.0 -- 22/10/2006		
N	Cluster	Freq.
1	É A LÍNGUA	15
2	EM SUA TOTALIDADE	13
3	A NORMA GERAL	12
4	A LÍNGUA USADA	12
5	O PORTUGUÊS BRASILEIRO	12
6	LÍNGUA DOS BRASILEIROS	11
7	USADA PELOS BRASILEIROS	10
8	BRASILEIROS EM SUA	10
9	PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO	8
10	A LÍNGUA DOS	8
11	LINGUAGEM DE UMA	7
12	BRASILEIRO COMO UMA	7
13	NORMA GERAL DO	7
14	ENSINO DE PORTUGUÊS	6
15	LÍNGUA USADA PELOS	6
16	A LINGUAGEM DE	6
17	PORTUGUÊS CORRETO E	6
18	CORRETO E O	6
19	COMO UMA TOTALIDADE	6
20	DE PORTUGUÊS NO	6
21	DOS BRASILEIROS EM	6
22	PELOS BRASILEIROS EM	6
23	DE UMA COMUNIDADE	6
24	O PORTUGUÊS CORRETO	5
25	COMO PORTUGUÊS CORRETO 5	
26	A LÍNGUA PORTUGUESA	5
27	COMO SE FOSSE	5
28	DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	5

³⁷ A exibição do material gerado pelos processadores digitais foi feita com auxílio das fontes Courier New 8 e Microsoft Sans Serif 10, para ficar o mais próxima possível do que se visualiza no interior das tabelas dos programas.

³⁸ Os resultados gerados pelas ferramentas digitais utilizadas nessa pesquisa estão em fonte Courier New 8, que é o padrão original destes programas.

Ambos os arquivos gerados são automaticamente e nomeados com as palavras de maior frequência, veja-se:

- PORTUGUÊS_LÍNGUA_LINGUAGEM_BRASILEIRO.ccn (para cotexto - concordance)
- PORTUGUÊS_LÍNGUA_LINGUAGEM_BRASILEIRO.ccl (para agrupamentos lexicais - clusters)

A discussão das imagens do cotexto e dos agrupamentos lexicais de cada lista de palavras-chave pode informar da capacidade do redator quanto aos mecanismos sintáticos de concordância, regência e colocação. Estes temas, ainda que muito estudados nos compêndios gramaticais e outras obras especializadas, não foram ainda considerados quanto ao seu potencial de iconicidade. Combinações malfeitas geram ruído na comunicação. Logo, os redatores devem estar atentos àqueles mecanismos sintáticos para garantirem a eficiência de seu texto, por meio da geração de cotextos apropriados.

Vejam-se as demonstrações.

Tabela de cotexto do texto-fonte 1³⁹:

Concordância	Nóduo
21 uma prova do divórcio existente entre o que querem nos impingir como "português correto" e o português brasileiro real, mesmo culto. Será que aprender "p	CORRETO
22 divórcio existente entre o que querem nos impingir como "português correto" e o português brasileiro real, mesmo culto. Será que aprender "português corr	PORTUGUÊS
23 xistente entre o que querem nos impingir como "português correto" e o português brasileiro real, mesmo culto. Será que aprender "português correto" é tão	BRASILEIRO
24 "correto" e o português brasileiro real, mesmo culto. Será que aprender "português correto" é tão difícil quanto aprender uma língua estrangeira como, po	PORTUGUÊS
25 e o português brasileiro real, mesmo culto. Será que aprender "português correto" é tão difícil quanto aprender uma língua estrangeira como, por exemplo,	CORRETO
26 Será que aprender "português correto" é tão difícil quanto aprender uma língua estrangeira como, por exemplo, o espanhol? Com efeito, construções como "	LÍNGUA
27 rtuguês correto" é tão difícil quanto aprender uma língua estrangeira como, por exemplo, o espanhol? Com efeito, construções como "Se vós não no-lo trouxerdes"	EXEMPLO
28 soam tão estranhas ao ouvido do menino da região urucuianá de Minas Gerais, por exemplo, como "Yo no lo quiero". Na realidade, o que está havendo é uma s	EXEMPLO
29 egião urucuianá de Minas Gerais, por exemplo, como "Yo no lo quiero". Na realidade, o que está havendo é uma série de distorções devidas a uma mentalidad	REALIDADE
30 alista, especialmente subdesenvolvida, em que uma pequena minoria a serviço das classes dominantes se arvora em juiz do "português correto". Em países como Alem	CLASSES

³⁹ Recorte da listagem – ver tabela completa no Anexo II.**Tabela de palavras-chave do texto-fonte 1:**

Palavra-chave	ocorrências	Palavra-chave	ocorrências
PORTUGUÊS	31	TOTALIDADE	9
LÍNGUA	28	BRASIL	8
LINGUAGEM	27	NORMA	8
BRASILEIRO	16	DISTORÇÃO	7
REALIDADE	13	CORRETO	6
COMUNIDADE	11	ENSINO	6
DIFERENCIAÇÕES	11	PORTUGUESA	6
GERAL	11	CLASSES	5
FATO	10	EXEMPLO	5
BRASILEIROS	9	USADA	5

Observa-se uma reiteração de sintagmas em que a palavra *português* (frequência 31) aparece como termo determinado. Considerado o tema do texto (*O que é o português brasileiro*), verifica-se que esse termo é base temática e argumentativa, uma vez que está sendo empregado como designativo do idioma falado no Brasil. O vocábulo *português* serve de elo entre as partes da argumentação, mantendo a unidade temática.

Em seguida, aparecem *língua*, *exemplo*, *realidade* e *classes* (considerando apenas os nomes substantivos desse fragmento) que, além de adequadamente cotextualizados do ponto de vista gramatical, engendram ambiente semântico oportuno para a progressão argumentativa. Esse modelo é perseguido nos textos-corpus como se pode ver na amostra a seguir que reúne em tabela única as preferências vocabulares dos redatores do grupo 1 (produção de textos com base em *O que é o português brasileiro*).

Tabela de palavras-chave do texto-corpus 1.0:

LÍNGUA	19
CULTURA	6
PORTUGUESA	5

Das três principais palavras-chave do texto-corpus 1.0, verifica-se que a que mais se aproxima das três mais frequentes no texto-fonte 1 é *portuguesa* (uma vez que se computaram as flexões). Contudo, das cinco ocorrências de *portuguesa* no texto-corpus, apenas quatro correspondem ao referente de *português* (texto-fonte), qual seja *língua*. A despeito disso, a palavra *língua* (que aparece num segundo nível de frequência no texto-fonte) é prioritária entre as palavras-chave do texto-corpus 1.0. Logo, conduziu-se que um e outro nomes (o substantivo *português*, o adjetivo *portuguesa* e o substantivo *língua*) seriam os itens léxicos fundamentais na estruturação desses textos. Confira-se tabela a seguir.

Tabela de cotexto do texto-corpus 1.1:

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

N	Concordância	Nóculo
1	A cultura europeia como modelo e influência na língua brasileira. Transformação da língua no tempo e no espaço. Identificação de correções gramaticais. Métodos	CULTURA
2	A cultura europeia como modelo e influência na língua brasileira. Transformação da língua no tempo e no espaço. Identificação de correções gramaticais. Métodos	LÍNGUA
3	cultura europeia como modelo e influência na língua brasileira. Transformação da língua no tempo e no espaço. Identificação de correções gramaticais. Métodos inc	LÍNGUA
4	e sua realidade particular. Dialeto sem fronteiras. A evolução da história da língua portuguesa. Divergências idiomáticas. Os padrões europeus foram considerados	LÍNGUA
5	realidade particular. Dialeto sem fronteiras. A evolução da história da língua portuguesa. Divergências idiomáticas. Os padrões europeus foram considerados c	PORTUGUESA
6	tas. Os padrões europeus foram considerados como um modelo de civilização e cultura. A cultura europeia chegou até nós de uma maneira influenciadora, então	CULTURA
7	padrões europeus foram considerados como um modelo de civilização e cultura. A cultura europeia chegou até nós de uma maneira influenciadora, então ao invés de	CULTURA
8	nós de uma maneira influenciadora, então ao invés de resgarmos nossa própria cultura, ficávamos esperando o que vinha de fora, porque achávamos que tinha mai	CULTURA
9	fora, porque achávamos que tinha maior valor. Qualquer aquisição nova de outra língua num primeiro momento é lucro, pois entra na língua para suprir uma defici	LÍNGUA
10	quer aquisição nova de outra língua num primeiro momento é lucro, pois entra na língua para suprir uma deficiência, e deixa de ser quando toma lugar de outra pa	LÍNGUA
11	uprir uma deficiência, e deixa de ser quando toma lugar de outra palavra na sua língua de origem. A redução no repertório dos indivíduos é consequência da entra	LÍNGUA
12	é consequência da entrada dos estrangeirismos deixando palavras pertencentes à língua e dando valor a palavras estrangeiras. A colonização portuguesa nã	LÍNGUA
13	rtencentes à língua e dando valor a palavras estrangeiras. A colonização portuguesa não investiu no quesito educação e cultura. Se por um lado alguns pai	PORTUGUESA
14	strangeiras. A colonização portuguesa não investiu no quesito educação e cultura. Se por um lado alguns países já possuíam colégios e universidades, no B	CULTURA
15	m voltados à educação, donde uma minoria teve acesso à educação. A evolução da língua em Portugal sofreu pouca influência, diferentemente do Brasil, que as cid	LÍNGUA

16	influência, diferentemente do Brasil, que as cidades não podiam influenciar na língua falada. Temos como exemplo no Brasil as cidades da Bahia e Rio de Janeiro	LÍNGUA
17	idades da Bahia e Rio de Janeiro que nunca constituíram centros irradiadores de cultura. Com a independência política que estava acontecendo no Brasil, as cidades	CULTURA
18	am oportunidades de acesso à literatura e as mudanças que vinham acontecendo na língua, tal como a valorização cada vez maior do ideal nacionalista e popular.	LÍNGUA
19	ngua, tal como a valorização cada vez maior do ideal nacionalista e popular. A língua sofreu transformações no decorrer do tempo e do espaço A língua brasileira	LÍNGUA
20	a e popular. A língua sofreu transformações no decorrer do tempo e do espaço A língua brasileira desejava quebrar as normas impostas seja pelos gramáticos seja	LÍNGUA
21	ialectologia horizontal e vertical completam-se na descrição do estado atual da língua e pode servir como estudo das variedades linguísticas. A linguagem tem c	LÍNGUA
22	z. Propõe-se uma estrutura com normas próprias sem haver a descaracterização da língua portuguesa. Para conservação da língua portuguesa, a memorização das no	LÍNGUA
23	õe-se uma estrutura com normas próprias sem haver a descaracterização da língua portuguesa. Para conservação da língua portuguesa, a memorização das normas é	PORTUGUESA
24	prias sem haver a descaracterização da língua portuguesa. Para conservação da língua portuguesa, a memorização das normas é inútil sendo proposto à reflexão s	LÍNGUA
25	em haver a descaracterização da língua portuguesa. Para conservação da língua portuguesa, a memorização das normas é inútil sendo proposto à reflexão sobre es	PORTUGUESA
26	não acabam com a unidade. A unidade deve respeitar a diversidade. "O livro " Língua portuguesa e realidade brasileira" mostra como a língua expandiu-se de fo	LÍNGUA
27	abam com a unidade. A unidade deve respeitar a diversidade. "O livro " Língua portuguesa e realidade brasileira" mostra como a língua expandiu-se de formas di	PORTUGUESA
28	versidade. "O livro " Língua portuguesa e realidade brasileira" mostra como a língua expandiu-se de formas diferentes e como começou a formação da consciência	LÍNGUA
29	desde da aquisição de palavras estrangeiras até o desejo de implantação de uma língua nacional. Celso Cunha exemplifica o tempo todo as suas idéias e transmit	LÍNGUA
30	pois dentre outros prejuízos, o indivíduo faz uma redução no repertório de sua língua.	LÍNGUA

Comparem-se as listagens de agrupamentos léxicos (*clusters*) do texto-fonte 1 e do texto-corpus 1.0. Dessa tabela é possível depreender a

confirmação de que, apesar da não-coincidência dos itens lexicais de maior frequência, a contextualização semântico-sintática promove a formação dos sintagmas icônicos do ponto de vista da diagramação.

O leitor pode indagar-se sobre a validade de uma análise com proposta semiótica pautar-se em tabelas geradas automaticamente, à luz de técnicas específicas da Linguística de Corpus. Explicamos: como o presente estudo visa a subsidiar a produção textual, pretende-se fornecer a docentes e discentes condições objetivas de avaliação dos textos. Encontramos na informática um recurso garantidor do afastamento de subjetividades e vieses ideológicos na análise de dados dos textos-corpus. Com isso não incorremos no risco de entender que toda a descrição da língua já esteja resolvida e, por conseguinte, minimizar a relevância do estudo de caso projetado sobre textos reais, produzidos por estudantes.

O auxílio de estratégias da Linguística de Corpus se pauta na terceira área de concentração que é a transposição de metodologias de pesquisa acadêmica para a sala de aula. É é nesse espaço que se dá a exploração das ferramentas de concordância e de listas de palavras. O primeiro é o mais aplicado com a finalidade de solução de problemas pontuais de emprego de palavras específicas, ou mesmo para questões de ordem sociolinguística, por exemplo.

Também é possível causar estranhamento a ausência de análises sintáticas no modelo convencional (identificação e classificação de termos da oração), uma vez que a proposta é observar a iconicidade diagramática sintagmática. Esclarecemos então que, para o presente estudo, bastou-nos observar a priorização de itens léxicos e a subsequente apreciação de sua atualização em dados contextos frasais. Esses dados pareceram-nos suficientes para esse primeiro estágio de estudo da iconicidade na eficácia comunicativa, considerando-se que o vemos como um estudo fundador.

No que tange à questão da argumentação, por ora também nos bastou observar a articulação entre itens léxicos priorizados (de maior frequência e ocorrência) e sua função indicial ou icônica quanto à manutenção temática. Isso porque é frequente rejeitarem-se redações discentes com o critério *fuga ao tema*. Todavia, parece faltar ao docente um instrumental técnico-teórico que lhe possibilite instruir o novo redator para que corrija o problema apontado e que lhe resultou em reprovação. Impõe-se aqui a retomada do critério da verossimilhança.

Busca-se uma verdade textual que propicie a formação de um sentido para o texto. Para tanto, é preciso que a tessitura do texto atenda os critérios mínimos de seleção lexical adequada e estruturação sintagmática conforme a norma padrão (pois a produção em questão é o texto acadêmico, é formal). Logo, o mapeamento propiciado pelas ferramentas digitais – WordSmith Tools4.0, Examined32 e TextNet.32 – tende a facilitar o trabalho docente no que tange a demonstrar objetivamente ao estudante-redator os problemas ou as qualidades materiais de seu texto.

Léxico e iconicidade

Examinando a lista de concordância com base na palavra-chave (ou nóculo) *gramática* em "Gigolô das palavras" (texto do Grupo 9), temos:

N	Concordância	classe	Significado
1	se eu considerava o estudo da Gramática indispensável para aprender e usar a nossa língua	s.	Conjunto de normas
2	Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis.	s.	Conjunto de normas
3	Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com a Gramática).	s.	Conjunto de normas
4	A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas	s.	Esqueleto (fig.)
5	É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua mas sozinha não diz nada, não tem futuro.	s.	Esqueleto (fig.)
6	As múmias conversam entre si em Gramática pura.	s.	Idioma
7	E adverti que minha implicância com a Gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo	s.	Conjunto de normas
8	a intimidade com a Gramática é tão dispensável que eu ganho a vida escrevendo,	s.	Conjunto de normas
9	A Gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.	s.	Escrava (fig.)

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

N	Concordância	classe	Significado
1	se eu considerava o estudo da Gramática indispensável para aprender e usar a nossa língua	s.	Conjunto de normas
2	Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis.	s.	Conjunto de normas
3	Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com a Gramática).	s.	Conjunto de normas
4	A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas	s.	Esqueleto (fig.)
5	É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua mas sozinha não diz nada, não tem futuro.	s.	Esqueleto (fig.)
6	As múmias conversam entre si em Gramática pura.	s.	Idioma
7	E adverti que minha implicância com a Gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo	s.	Conjunto de normas
8	a intimidade com a Gramática é tão dispensável que eu ganho a vida escrevendo,	s.	Conjunto de normas
9	A Gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.	s.	Escrava (fig.)

Observe-se que o autor faz um jogo com a palavra *gramática* empregando-a, ora denotativa ora conotativamente. Desses empregos, pode-se deduzir uma linha argumentativa humorística em função da sinuosidade das definições; o tom irônico do texto sugere uma leitura múltipla da gramática: ora como conjunto de regras a seguir ou mesmo esqueleto (fig.) da estruturação linguística ora como um idioma exótico, extravagante que deve ser tratado como escravo para prestar-se às intenções comunicativas do falante.

Nos textos-corpus do Grupo 9, encontram-se 81 ocorrências de *gramática*, contudo, há uma predominância do significado *conjunto de normas*. Para comprovação desses usos, optamos por mostrá-los em figura, para manter o colorido usado pelo programa WST quando da identificação dos cotextos que envolvem a palavra-chave em observação: *gramática*.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	f	os	% os	% f
1	É impossível observar que na fala a gramática não precisa ser respeitada à			15	0	1%	0	5%
2	que muitas vezes desvia dos rigores da gramática , também pode apresentar			69	3	9%	0	3%
3	vezes é alcançada ao marginalizar a gramática , visto que esta limita o ato de			88	4	2%	0	5%
4	Veríssimo, a relação do falante com a gramática deve ser a menor possível.			11	0	9%	0	8%
5	Já é o suficiente (ressalte-se que a gramática a qual o autor se refere é a			36	1	8%	0	5%
6	a gramática a qual o autor se refere é a gramática normativa). Veríssimo não			45	1	7%	0	1%
7	Veríssimo: "Muita implicância com a gramática não certo se devia a mim.			12	0	5%	0	7%
8	Os passivos tendo em mente que a gramática é algo? Falar é como os			54	4	3%	0	1%
9	Falar é acima de tudo comunicar-se. A gramática não auxilará sim.			64	6	3%	0	7%
10	determinada língua não domine a gramática , mas domine o modo com			96	8	4%	0	5%
11	Maia A existência de mais de uma gramática - a do falante e a normativa,			9	0	8%	0	3%
12	A relação entre falante e gramática é, portanto, mais estreita do			116	5	4%	0	5%
13	escólia, não percamos de vista, é a Gramática . Ela não sujeita o falante à			238	9	0%	0	2%
14	acerca da relação entre o falante e a gramática , ou seja, o uso linguístico que			51	1	1%	0	0%
15	das regras prescritivas da Gramática de nossa língua. Nesse			97	2	2%	0	0%
16	ligado diretamente ao conhecimento da Gramática em si, mas a uma Gramática			311	11	5%	0	4%
17	da Gramática em si, mas a uma Gramática interna, natural, aprendida			317	11	6%	0	5%
18	língua que não seja cabível abolir toda a Gramática - insistir em cobrar modelos			457	18	8%	0	4%
19	Cóelho Um falante deve fazer uso da gramática , mas não se tomar escravo			9	0	0%	0	4%
20	deixa isso bem claro, quando diz que a gramática precisa apanhar todos os dias			42	2	0%	0	8%
21	será compreendido. A importância da gramática e da norma padrão devem sim			109	4	5%	0	4%
22	fazer com que o conteúdo eninado da Gramática se insira no contexto			155	5	9%	0	2%

As 81 ocorrências seriam visíveis em quatro figuras como essa. Contudo, julgamos desnecessário induzi-los, uma vez que a intenção dessa apresentação é só possibilitar ao leitor uma visão dos recursos do programa digital usado e de sua contribuição na indicação dos contextos a estudar.

É possível ainda tirar “prova dos nove” desse quantitativo com a ferramenta *termos colocados (collocate)* – WST – por meio da qual o número de ocorrências é reiterado em 81.

Em função disso, percebe-se que a linha argumentativa dos textos-corpus apresenta um tom crítico diferente do texto-fonte, uma vez que, sendo este uma crônica, explora requintes estruturais disponíveis para o texto literário; o que não é o caso dos textos-corpus. Assim sendo, a variedade de significados possíveis para *gramática* no texto-fonte pode funcionar como índice desorientador da leitura, possibilitando a dúvida acerca da necessidade ou não de domínio da gramática; enquanto nos textos-corpus, a univocidade de *gramática* como conjunto de regras, faz com que o processo argumentativo seja inequívoco, seja apoiando o domínio da gramática seja redemandando dela. Logo, os textos-corpus conseguem uma iconicidade satisfatória nesse quesito.

Iconicidade diagramática sintagmática

Ainda que não tenhamos a intenção de apresentar demonstrativos exaustivos neste estudo, pretendemos dar ao leitor instrumentos de apreensão da organização textual, perseguindo as escolhas léxicas e suas combinações, verificando-lhes o potencial icônico, ou seja, o conteúdo que possa produzir imagens mentais orientadoras da leitura. Essas imagens deverão conter dados dos argumentos fundamentais dos textos, com os quais o enunciador teria produzido uma verdade enunciativa que deveria ser reconstruída no ato de leitura, com as devidas intervenções do intérprete.

Segundo o funcionalismo no que tange às *relações lexicais como padrões de coesão* (Halliday & Hasan, 1977: 284), é possível verificar no material em análise que o vocabulário atualizado nos textos-corpus, em sua maior parte coincide com o que está presente nos textos-fonte. Isso pode significar uma estratégia dos estudantes-redatores no sentido de, uma vez mantida a seleção vocabular, garantir a manutenção temática. Recorrem ainda os autores dos textos-corpus à regularidade de co-ocorrência de itens afins. É o processo de reiteração.

Veja-se o quadro-mostra abaixo em que as palavras destacadas em maiúsculas nos enunciados do texto-fonte do Grupo 7 se reapresentam na coluna da direita (palavras-chave no meu jargão, nódulos no do WST).

N	Concordância	Set	Sintagma
1	u tentar responder objetivamente e com a maior simplicidade possível. Aqui no BRASIL, nós ainda falamos a língua portuguesa. Temos, na minha opinião, um falar	BRASIL	No Brasil
2	ente e com a maior simplicidade possível. Aqui no Brasil, nós ainda falamos a LÍNGUA portuguesa. Temos, na minha opinião, um falar brasileiro, que seria um	LÍNGUA	Língua portuguesa
3	no Brasil, nós ainda falamos a língua portuguesa. Temos, na minha opinião, um FALAR brasileiro, que seria um modo brasileiro de usar a língua portuguesa.	FALAR	Falar brasileiro
4	sil, nós ainda falamos a língua portuguesa. Temos, na minha opinião, um falar BRASILEIRO, que seria um modo brasileiro de usar a língua portuguesa. É import	BRASILEIRO	Falar brasileiro
5	a portuguesa. Temos, na minha opinião, um falar brasileiro, que seria um modo BRASILEIRO de usar a língua portuguesa. É importante lembrar o que afirmaram a	BRASILEIRO	Modo brasileiro de usar a língua portuguesa
6	na minha opinião, um falar brasileiro, que seria um modo brasileiro de usar a LÍNGUA portuguesa. É importante lembrar o que afirmaram alguns estudiosos: o p	LÍNGUA	Língua portuguesa
7	que afirmaram alguns estudiosos: o professor Antenor Nascentes não falava em LÍNGUA brasileira, e sim em "idioma nacional"; o mestre Gladstone Chaves de Me	LÍNGUA	Língua brasileira
8	eira, e sim em "idioma nacional"; o mestre Gladstone Chaves de Melo falava em LÍNGUA comum e variantes regionais; e o grande filólogo Serafim da Silva Neto	LÍNGUA	Língua comum
9	"idioma nacional"; o mestre Gladstone Chaves de Melo falava em língua comum e VARIANTES regionais; e o grande filólogo Serafim da Silva Neto afirmou que o	VARIANTES	Variantes regionais
10	s; e o grande filólogo Serafim da Silva Neto afirmou que o português culto do BRASIL é quase igual ao português culto de Portugal. Isso significa, portanto,	BRASIL	Português culto do Brasil
11	o afirmou que o português culto do Brasil é quase igual ao português culto de PORTUGAL. Isso significa, portanto, que as diferenças maiores estão na linguag	PORTUGAL	De Portugal

12	quase igual ao português culto de Portugal. Isso significa, portanto, que as DIFERENÇAS maiores estão na linguagem do dia-a-dia. O jornalista Barbosa L	DIFERENÇAS	Diferenças maiores
13	tão na linguagem do dia-a-dia. O jornalista Barbosa Lima Sobrinho, no livro A LÍNGUA portuguesa e a unidade do Brasil , resume bem: "Em poucas palavras, exi	LÍNGUA	Língua portuguesa
14	O jornalista Barbosa Lima Sobrinho, no livro A língua portuguesa e a unidade do BRASIL , resume bem: "Em poucas palavras, existe unidade na variedade de norma	BRASIL	Unidade do Brasil
15	ngísticos. E isso porque, se os morfemas gramaticais permanecem os mesmos, a LÍNGUA não mudou, a despeito de qualquer variação de pronúncia, de vocabulário	LÍNGUA	a língua não mudou
16	pronúncia, de vocabulário ou mesmo de sintaxe." O que existe na verdade são VARIANTES linguísticas: - variantes geográficas: nacionais (Brasil, Portugal,	VARIANTES	variantes linguísticas
17	ou mesmo de sintaxe." O que existe na verdade são variantes linguísticas: - VARIANTES geográficas: nacionais (Brasil, Portugal, Angola...) e regionais (fala	VARIANTES	variantes geográficas
18	te na verdade são variantes linguísticas: - variantes geográficas: nacionais (BRASIL, Portugal, Angola...) e regionais (falar gaúcho, mineiro, baiano, perna	BRASIL	Brasil, Portugal, Angola...
19	rdade são variantes linguísticas: - variantes geográficas: nacionais (Brasil, PORTUGAL, Angola...) e regionais (falar gaúcho, mineiro, baiano, pernambucano.	PORTUGAL	Brasil, Portugal, Angola...
20	- variantes geográficas: nacionais (Brasil, Portugal, Angola...) e regionais (FALAR gaúcho, mineiro, baiano, pernambucano...); - variantes socio-econômica	FALAR	falar gaúcho

Observe-se que, mesmo em sendo uma mostra das primeiras 20 ocorrências, há uma constante na produção dos sintagmas que funciona como garantidora temática e que vai se repetir nos textos-corpus.

Pela repetição de palavras-chave apuradas nos textos-corpus e nos textos-fonte, toma-se possível perceber a preocupação dos jovens-redatores no sentido de reutilizar não só as palavras-chave, mas cotextos

que se representam na estruturação sintagmática em que tais palavras são reiteradas nos textos.

É possível observar ainda que o padrão de coesão criado pela seleção lexical atua como ativador de espaços mentais (cf. Fauconnier & Turner, 2002) que nortearão a interpretação do texto. Esses padrões são enriquecidos à medida que se desenvolvem em estruturas sintagmáticas, gerando os cotextos que aproximam ou afastam linhas de radiódio desenvolvidas sobre um dado tema.

Nossa observação centrou-se nesses dois níveis: na seleção lexical e na estruturação sintagmática. Por isso, o levantamento de dados (cf. Anexos) buscou demonstrar as coincidências apuráveis entre textos-fonte e textos-corpus. Por meio desses dados – da adequação lexical e sintagmática, busquei observar a construção da verdade textual (plausibilidade ou verossimilhança), tomando os temas textuais (obtidos nos textos-fonte) como um projeto de dizer a ser perseguido pelos estudantes-redatores.

Por que esse foco? Pelo simples fato de estar patente a preocupação docente com a formação de redatores eficientes e, para tal, a necessidade de domínio do vernáculo, sobretudo no que tange ao repertório. Considerando que este se constitui também de expressões (estruturas sintagmáticas) e não apenas de formas vocabulares simples (lexemas ou lexemas + afixos) centramos a análise nos substantivos e adjetivos uma vez que os vemos como formas nucleares do dizer: os substantivos por serem designativos; os adjetivos por serem modificadores dos substantivos. E esse conjunto como constitutivo de uma base semiótico-semântica capaz de, a partir do verbal, gerar imagens mentais que, por sua vez, ativariam espaços mentais que produziram a interpretação dos signos textuais, dando-lhes sentido.

Logo, para que isso se tome possível, deverá haver na superfície dos textos um encadeamento lógico mínimo, no que tange às cadeias lexicais e às cadeias semânticas. Estas duas redes significativas se tornarão tanto mais comunicativas quanto mais bem estruturadas se apresentarem nos textos. Para tal, convém perseguirem-se as relações temáticas que gerenciam a produção dos textos e, a partir daquelas avaliar a atualização de itens e expressões lexicais nos textos.

Na perseguição da verossimilhança (ou plausibilidade) do texto, fica claro que a trama semiótico-semântica deverá ser burlada a partir da exploração de fatos semânticos como a sinonímia, a antonímia, a

metáfora e a metonímia, entre outros. Isso porque quanto mais dados os dados textuais, maior é a possibilidade de compreensão e interpretação do texto. Essa objetividade é construída no próprio texto a partir da argumentação.

Entendendo que um texto crítico (como é o caso dos textos-corpus) discute uma tese. Para tanto precisa apresentar argumentos que persuadam o leitor a partilhar de seu ponto de vista sobre o tema, ou, no mínimo, entender sua lógica, mesmo que não concorde com ela. Logo, a verdade de um texto resulta da potencialidade significativa dos dados textuais em relação ao tema focalizado.

Tomamos por base as idéias de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2002) acerca da relação da persuasão e dos auditórios. A presente análise ausculta os textos deixando de fora a pretensão de convencimento de um auditório universal. Isso porque, a nosso ver, essa hipótese dispensaria tratar-se da verossimilhança, uma vez que só cuidaria de verdades indiscutivelmente aceitáveis por qualquer ser racional.

Caminhamos noutra direção e perseguimos estratégias de persuasão simples dirigidas a auditórios particulares, os quais estariam comprometidos com o entendimento das mensagens em curso. Assim sendo, opera-se com uma predisposição dos interlocutores (enunciador e intérprete – ou leitor) para a interação comunicativa por meio do texto.

Vamos então ver se é possível reunir conclusões úteis.

Parte III: CONCLUSÕES PARA FINS DIDÁTICOS

Sobre a fundamentação e metodologia

Este livro traz um suporte teórico e metodológico que reúne características inovadoras para a abordagem de problemas relativos ao ensino-aprendizagem do vernáculo e, em especial, no que concerne à leitura e produção de textos.

A aplicação de pressupostos semióticos peirceanos à investigação dos processos de leitura e produção textual no Brasil tem ficado restrita à tríade *ícone, índice e símbolo* como classificadores de manifestações textuais variadas, sem que se perceba contribuição efetiva desse suporte teórico na compreensão do processo de produção textual e de leitura.

Assim sendo vimos nos ocupando com a tentativa de construir esquemas aplicativos que se acomodem ao objeto de estudo de modo a propiciar o intercâmbio proficiente de dados entre os dois sistemas: o teórico semiótico e o textual verbal, no caso.

Temos tentado criar materiais técnico-teóricos dos quais possam brotar paradigmas de análise de alta produtividade, no que tange ao entendimento do processo de apreensão dos fenômenos e sua subsequente tradução intersemiótica, em textos. Isto porque os textos, em última análise, materializam nossos pensamentos, que são interpretação dos fenômenos que se nos apresentam.

Segundo Peirce, não há pensamento sem signos, Santaella (2001, 32) acrescenta que os raciocínios empregados nos métodos científicos demandam um estudo de todos os tipos de signos, suas misturas e o modo como evoluem. Na tese que gerou este livro apontamos para a indispensabilidade desse modo de observação profunda dos signos na investigação da tessitura textual, uma vez que o objeto-texto não se apresenta acabado e será reconstruído a cada leitura, demonstrando de modo pleno o que se chama tecnicamente de *semiose ilimitada*.

O problema dessa pesquisa foi a comprovação ou não da possibilidade de, a partir de uma seleção lexical apropriada, garantir-se a realização do projeto comunicativo do texto, administrando seu potencial de verossimilhança. Esse pode ser traduzido como a investigação da possibilidade de construir com palavras signos verossímeis a despeito das condições de verdade preexistentes no contexto de produção.

Nossa averiguação se iniciou apropriando-se de palavras de Plaza (1987:91) e afirmando que a expressão de nossos pensamentos é circunscrita pelas limitações da linguagem; que ao povoar o mundo de signos, dá-se um sentido ao mundo, o homem educa o mundo e é educado por ele, o homem pensa com os signos e é pensado por eles. Concordei com Ransdell (Apud Plaza op.cit.) ao dedarar que "O homem propõe, o signo dispõe", e concluímos que, se o texto é signo, está sujeito à mesma dinâmica e mutabilidade das funções e valores carreados pelos signos e deles emergentes segundo o momento de produção de leitura.

Os textos verbais são construídos com palavras. Por isso, as hipóteses perseguidas foram:

1. Classificar as palavras-chave de um texto como sendo as âncoras textuais (palavras e expressões gerenciadoras de sentido – senhas, segundo Fidalgo).
2. Classificar as palavras-chave como signos icônicos ou indiciais, considerando seu grau de transparência ou opacidade (cf. Ullmann, 1977).
3. Indicar itinerários de leitura por meio da seleção lexical.
4. Tipificar os textos como mais (ou menos) dotados de iconicidade.
5. Subsidiar técnica e teoricamente para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem da redação.

Operacionalizando, traduzimos *iconicidade textual* como sendo uma potencialidade de gerar imagens na mente interpretadora, a partir das quais seja possível aproximar-se do projeto comunicativo inscrito no texto. Disso deduzimos que palavras e expressões funcionam como signos icônicos ou indiciais segundo características que neles se inscrevem na trama textual de que participam. O potencial icônico, qualitativo, do signo estaria condicionado à facilidade de acionar esquemas mentais e, por conseguinte, estimular a produção de imagens que gerenciam a interpretação; enquanto o potencial indicial resultaria da facilidade de induzir radiônios, provocar inferências e implicaturas. O signo indicial funciona como um vetor que indica caminhos possíveis na trilha textual.

Segundo essa iconicidade, o potencial gerador de imagens emergentes do texto, por força das palavras e expressões nele atualizadas, é elemento

garantidor da consecução do objetivo comunicativo do texto, pois conduzirá a interpretação segundo determinados parâmetros, mediante os quais o intérprete poderá ler o texto com alguma margem de segurança.

A iconicidade ganha relevo no âmbito da cognição. Entendida como qualidade de um signo que busca representar uma idéia, de algum modo e com fundamento plástico, destacar-se-á entre as características textuais observáveis como sendo algo mais aproximado dos processos analógicos de interpretação de dados, o que dá suporte à análise por meio digital.

Associou-se iconicidade e verossimilhança com a intenção de ler o que está no texto e não nas molduras ideológicas, políticas, religiosas, etc. Por isso, buscou-se nos textos dos alunos uma probabilidade de verdade como consecução de um projeto comunicativo. A solução eficiente do projeto demanda a produção de uma superfície textual que reúna material capaz de gerar a iconicidade perseguida: aquela que se produz por meio das escolhas e combinações ajustadas dos signos.

Portanto, essa iconicidade teria duas faces: a da distribuição/classificação gramatical e a decorrente da organização diagramático-sintagmática desses signos no texto. Nesse cenário, observa-se o engendramento signico como um mecanismo regulador da verossimilhança.

Entendemos que cada texto constrói uma verdade peculiar, uma verdade textual. Buscamos, portanto, analisar os textos-corpus à luz dos temas, teses e argumentos inspiradores (presentes nos textos-fonte), com vistas a identificar a plausibilidade do dito. Como o objeto de estudo é o texto acadêmico, analisou-se a potencialidade de organização textual de modo a construir uma verossimilhança e conduzir o leitor até ela ou a outras análogas, afins.

Por isso, nesse estudo procurou-se a verossimilhança nos textos com base na capacidade léxico-sintática dos redatores, levando em conta transformações verbais (flexões, conotações, etc.) como demonstrativos da capacidade inventiva dos sujeitos, assim como o domínio do código por eles utilizado.

Consideradas as idiosincrasias idiomáticas (abarcando o histórico, o geográfico e o social) e individuais, explora-se a noção de que a verossimilhança é uma verdade textual que pode persuadir o leitor, já que aquela é capaz de gerar imagens mentais que relacionem as idéias do

texto com a cosmovisão do intérprete, permitindo assim a construção de sentido pautada na plausibilidade da argumentação.

Sabe-se que toda verdade afirmada é relativa, assim, a verossimilhança é uma qualidade textual que aproxima o texto o mais possível da verdade sem, todavia, comprometê-lo com ser a verdade última e derradeira.

Uma comunicação será verossímil quando for suficientemente potente para gerar semiose, ou seja, signo, interpretação. Logo a cadeia signica que constitui o texto deve provocar a mente leitora de tal modo que lhe seja possível compor imagens mentais inteligíveis a partir da aceitação da estrutura do texto como coerente e eficaz, ou seja, da coerência estrutural e argumentativa do texto.

Para que haja comunicação é preciso criar uma mensagem a partir de signos, mensagem que induzirá o interlocutor a elaborar outra mensagem e assim sucessivamente (uma mensagem se traduz em outra que se traduz em outra; é a semiose ilimitada). Para tanto, a construção dessa mensagem deverá engendrar os signos de modo que o intérprete seja capaz de perceber-lhes a trilha de produção da semiose. E é neste ponto que se destaca a iconicidade textual, pois concordo com a idéia de José Bidarra de Almeida de que "toda a linguagem icônica é resultado de uma estratégia significativa e como tal persuasiva".

O signo construído estabelece relações de semelhança entre o que se diz e suas possíveis crenças. É, a princípio, um signo de base icônica. Mesmo reconhecendo que o objeto do signo não precisa ter existência real (pode ser uma idéia, um sonho, uma ficção) a imagem como signo também pode representar algo que só existe a partir dela mesma. O texto gera uma imagem de si mesmo. Portanto, esta tese sobre a produção de uma iconicidade textual que gere verossimilhança está perfeitamente ajustada à noção peirciana de objeto e representação.

Entender o potencial de verossimilhança de um texto é captar seu potencial icônico diagramático, por meio do qual se formam as imagens interpretativas que darão plausibilidade ao texto. Esta, por sua vez, se ajustará epistemologicamente, junto com a inserção dos sujeitos nas molduras semiótica do mundo.

Segundo Lopes (2005), hodiernamente, o verossímil, ou o que parece ser verdadeiro, é a tônica do exercício midiático. Está em baixa a oposição entre o verdadeiro e o que parece ser verdadeiro. Pode haver

mais de uma verdade. Portanto, a verossimilhança é uma construção argumentativa que não opera entre as noções de verdades e mentiras, por serem estas subjetivas. Logo, o texto verossímil será dotado de iconicidade que levará o intérprete a admitir como verdade o dito, independentemente de concordar ou discordar dele. Basta que o dito esteja claro, coeso e coerente em si mesmo.

Se a interpretação do texto é a produção de novo texto pelo intérprete, e este opera com sua cosmovisão, buscando nas idéias do texto conteúdos assemelháveis aos que já detém com vista a produzir sentido. A busca da plausibilidade faz com que o intérprete traduza os signos do texto em novos signos que devem manter uma relação de semelhança, que gerará o que se apresenta nesta tese como *iconicidade textual diagramática sintagmática*: articulação das formas da língua que resulta num mapa que conduz o leitor.

A produção signica não recria o real, mas pode simulá-lo. Por isso a verossimilhança é qualidade textual possível, uma vez que cada texto seria a expressão de um projeto de dizer; e quem diz algo manifesta uma verdade. Se essa verdade é particular (ou mesmo discutível) cabe no espaço dos simulacros, das criações humanas.

Assim sendo, o verossímil não mais é característica específica do literário, mas de qualquer produção discursiva. O ato de dizer é relativo, parcial. Logo, buscar verdades universais no dizer é buscar agulha no palheiro. Era necessário corrigir o percurso. Ser verossímil prescinde de ser verdadeiro, sem deixar de produzir autenticidade. Ser verossímil é ter sentido (semântica ou sintaticamente). E é nesse ponto que se desenvolveu essa tese sobre uma relação entre verossimilhança e eficácia como emergente da iconicidade diagramática sintagmática.

A princípio, pelo fato da verossimilhança fundar-se nas palavras e na organização gramatical da língua-base, todo enunciado gramaticalmente correto seria verossímil. Mas é preciso ir além.

Imagine-se diante de uma frase como: *Pelé ganhou a Fórmula Ford por três anos consecutivos*. Se a inferência *Pelé é o Rei do Futebol* ocorrer, tende-se a invalidar a afirmação. Contudo, Pelé pode ser designativo de outro sujeito que não aquele, logo, a frase pode ser validada em sua verdade imediata.

O verossímil é o grau retórico do sentido, portanto, é a máquina que investiga e representa a função capital da língua: a *formação de sentido*. Então, buscou-se nos textos-corpus identificar a estruturação *signica* que lhes confira verossimilhança tanto no plano semântico quanto no plano sintático, tentando assim extrair uma verdade textual que viesse a traduzir a intenção do texto, a que designamos *projeto comunicativo*.

O processo interpretativo é denominado *semiose*. E a iconicidade que se ressalta neste estudo é a potencialidade de materializar nas mentes interpretadoras signos-referência, que deflagrem o processo interpretativo independentemente do código em uso. Por isso, tenta-se dar ao signo verbal escrito um tratamento assemelhado ao que se dá a qualquer signo visual, ainda que ressalvadas as diferenças decorrentes da máxima convencionalidade do signo verbal.

Estendendo isso ao plano da diagramação textual, é possível examinar a alta e a baixa iconicidade a partir de três dimensões: (a) da escolha apropriada do léxico (signos verbais); (b) da aplicação de estratégias estilísticas na produção dos enunciados; (c) da possibilidade de desenhar com as palavras, tomando-as vetores semióticos, que orientariam (ou desorientariam) a leitura, dando cumprimento ao projeto comunicativo original. Isso porque a plasticidade no verbal é emergente da articulação dos signos na superfície do texto. Não que acredite num desenho "figurativo" do tema por meio de palavras e expressões, mas na possibilidade de produção de signos icônicos deflagradores de processos cognitivos capazes de produzir *imagens-tema* indutoras da interpretação.

Portanto, cada mensagem produzida cumpre um projeto comunicativo, a princípio, único, individual e que, por isso, deverá conter marcas que orientem ou desorientem o intérprete.

Uma vez assentado nesta tese que a verossimilhança corresponde à soma da legibilidade com a plausibilidade, verifica-se que a vontade de dizer é a célula-mãe do texto, é seu projeto original. A intenção de produzir um texto nasce de uma necessidade comunicativa que, por sua vez, será a manifestação de uma idéia sobre algo. Logo, em linhas gerais, o projeto de texto é condição para a verossimilhança de um texto, ou plausibilidade e legibilidade do texto.

As competências lexical e semântico-sintática são condições semióticas fundamentais para a produção da legibilidade textual, porque possibilitará a percepção de ícones e índices na superfície do texto. Tais signos, quando

estruturados estrategicamente, conduzem a leitura e estimulam a cognição, a semiose ou produção de sentido.

Há um número significativo de textos cuja disposição diagramática de seu conteúdo verbal já atua como ícone do gênero. Não se confundem textos como *bula de remédio* e *requerimento*, por exemplo. A primeira vista, a distribuição do conteúdo desses textos por si mesma produz uma imagem específica para cada um. Da mesma maneira buscou-se identificar palavras-chave e construções-chave que gerassem a iconicidade do texto.

Reiteramos a definição de iconicidade textual como o potencial gerador de imagens emergente do texto, por força das palavras e expressões nele atualizadas, potencial este que é elemento garantidor da consecução do objetivo comunicativo do texto.

Uma forma de materializar a iconicidade é a diagramação endofórica ou sintagmática. Esta resulta da articulação dos signos verbais em enunciados legíveis. Tanto no nível frásico quanto no transfrásico, essa iconicidade estará assentada nos mecanismos gramaticais de coesão. Portanto, sua interpretação adequada implica domínio da gramática normativa da língua. Isto porque a sintaxe em si mesma já vai se constituir em signo da maneira como se pensa algo, ordenando os elementos da expressão de certa forma em detrimento de outra(s), indicando assim o caminho trilhado pelo pensamento. A sintaxe pode indicar a trilha da semiose.

Quando se chama a esse relato a gramática normativa como ponto de partida modelar para a estruturação dos textos, está-se recorrendo a uma referência linguística. Esta define a diagramação dos signos nos enunciados com vistas a propiciar a produção de uma imagem icônica emergente do texto. Assim sendo, a diagramação carrega a função inicial, e esta favorece a construção da iconicidade que decorre da seleção apropriada do léxico textual associada a uma estruturação frasal estratégica: gramatical e estilística a um só tempo. Logo, a seleção dos signos a serem atualizados no texto está proporcionalmente ligada à competência sócio-pragmática dos interlocutores (enunciador e intérprete). Uma vez deficitárias essas capacidades e habilidades, o processo cognitivo que sustenta a compreensão dos textos e a comunicação resultará prejudicado.

A estruturação do posto nos textos deve permitir o levantamento de pressupostos; caso contrário, a textualidade teria sido prejudicada. Esta, por sua vez, é a propriedade de um texto formar um todo de sentido,

independentemente dos signos com que se construa sua superfície e seja esta sonora (texto oral) ou visual (texto escrito).

É justo nesse âmbito que vimos observando os textos dos estudantes. Verificando-lhes a habilidade para selecionar palavras e expressões ajustadas ao projeto de dizer, de modo a garantir a coesão textual, e, ao mesmo tempo, abrir espaço para leituras coerentes. Busca-se, dessa forma, rastrear a organização dos signos no texto e relacioná-los com as situações de comunicação, com vistas a pôr em xeque a estruturação textual em si e o projeto comunicativo subjacente.

Nessa linha de raciocínio conduímos que a habilidade com o código será garantia de produção da verdade pretendida - a verossimilhança textual.

Tendo a eficácia de um projeto de texto como a sua qualidade de dizer o que se propõe ser dito, conduímos que a verdade textual resultante não tem obrigação de afinar-se com verdades circulantes, desde que o enunciador seja capaz de construir uma argumentação plausível. Ou seja, gerar um texto cuja mensagem possa não coincidir com as idéias prévias do intérprete, mas que sejam por este aceitas como uma interpretação alternativa para o tema.

Na produção dos textos verbais acadêmicos, realçam-se as estruturas linguísticas como material a explorar pelos enunciadores. Por isso, tentou-se estabelecer relações entre léxico, semântica e sintaxe, no sentido de buscar a iconicidade diagramática sintagmática, ou seja, uma construção verbal capaz de levar o intérprete a formular imagens e ativar cognições que subsidiem a semiose do texto.

Buscou-se nesse livro demonstrar as conseqüências da escolha lexical como garantidora do texto eficiente. Logo, quer-se com isso acentuar a importância do enriquecimento do repertório dos estudantes, com vistas a ampliar-lhes a capacidade comunicativo-interacional, dando-lhes instrumentos para a escolha mais oportuna de palavras e expressões que possam representar a idéia em foco na situação de comunicação.

Levando em conta a finalidade didático-pedagógica deste livro, impõe-se um alerta para o processo de avaliação dos textos discentes: o viés ideológico pode embaçar a leitura do texto e resultar em demérito para o estudante. Por isso a ênfase na verdade textual, plausibilidade. O raciocínio diversificado sobre um mesmo tema deverá ser materializado na

superfície textual de modo a garantir a validade dos enunciados e de sua concatenação, do que resulta o tecido textual.

Interpretamos a configuração dos sintagmas verbais como traduções intersemióticas da experiência. E o trabalho docente deve orientar o estudante para a prática linguageira, como imagem representativa de sua cognição. Por conseguinte, promover atividades que desenvolvem habilidades voltadas para a seleção dos signos linguísticos, por meio dos quais o enunciador manifestará sua experiência em forma de textos, da mesma forma que será capaz de ler e compreender os textos alheios.

Sobre o projeto didático gerador do corpus

Nosso objeto é o texto acadêmico, portanto, a variedade linguística padrão é condição de trabalho. Para operar sobre a capacidade verbal dos estudantes (alunos de 7º período de Letras), é proposta a cada semestre a leitura crítica por escrito de textos-fonte (textos técnico-científicos atinentes aos assuntos da disciplina em curso). Logo, o vocabulário ativado no texto-fonte é ponto de partida para a produção do novo texto (texto-corpus) pelo estudante, ao mesmo tempo que o munida para a subárea de estudos.

Operando com a retextualização, alunos que numa primeira atividade tiveram de produzir quatro a cinco versões para um texto, mais à frente já conseguiam resolver a tarefa com apenas uma reescrita. A aquisição de habilidade e método de leitura fazia com que a absorção de vocabulário de estruturas sintáticas passasse a acontecer de forma mais espontânea, minimizava-se o sacrifício da leitura e da subsequente produção de textos.

Uma vez obtido o corpus (textos discentes), formulado o projeto de pesquisa, construída a fundamentação teórica, atravessou-se um impasse quanto ao levantamento e análise dos dados textuais sem que as subjetividades mascarassem os resultados da pesquisa. Por sorte, na avaliação de um projeto de pesquisa como consultoria ad hoc, tomamos conhecimento da existência de uma ferramenta digital que seria utilizada pelo autor do projeto, o que nos aguçou a curiosidade.

Buscamos o programa digital citado e, de posse de uma versão-teste, achamos que talvez tivesse sido encontrado o caminho. Contudo, diante de dificuldades operacionais primeiras, pesquisamos sobre o tema e descobrimos professores-pesquisadores já especializados nesse tipo de

trabalho. O grupo de Linguística de Corpus. E foi neles que fomos buscar ajuda técnica.

Tony Berber Sardinha e Maria Cecília Lopes (PUC-SP-LAEL), instruíram-nos quanto ao uso do programa WordSmith Tools 4.0 (WST); produzimos listagens do vocabulário dos textos (ferramenta Lista de palavras), o que permitiu a comparação dos itens léxicos ativados nos textos-fonte com as dos textos resultantes ou textos-corpus. O objetivo do confronto seria verificar a absorção de vocabulário demonstrado nos textos produzidos pelos estudantes.

No andamento das análises, retomamos dois outros programas digitais – Examine32 e TextNet32 – que passaram a dialogar com o WST, no levantamento e classificação dos dados do corpus.

Com isso pretendia-se demonstrar a potencialidade icônica do texto-fonte, com a repetição (de alguma forma) de sua estruturação. A nosso ver, é aí que reside qualidade de verossimilhança do texto. A aceitação do dito no texto como “verdade plausível” faz com que sejam reutilizadas formas nele presentes; enquanto serão repudiadas (ou ao menos evitadas) formas outras que possam produzir no leitor (segundo redator) inadmissibilidade de conteúdo, via de regra decorrente de defeito estrutural.

Ao eleger-se a prática de produção textual a partir da leitura crítica de um texto a princípio bem escrito, pretende-se retomar uma premissa de O. M. García que é *aprender fazendo o que se viu como se faz*. Já que nossa hipótese é de iconicidade textual compromissada com um projeto prévio de dizer, a utilização de textos acadêmicos de circulação ampla e de autoria confiável (verbal e cientificamente) tem por meta oferecer modelos prévios de solução textual que possam orientar a construção de novos textos com boa margem de eficiência.

A lista de palavras-chave é o primeiro traço de iconicidade que se pode identificar num texto. Esse conjunto lexical garante semanticamente o desenrolar do tema no texto. Com tais palavras encadeiam-se as idéias que irão compor a cadeia argumentativa que sustentará a(s) tese(s) do texto.

Após isso, a discussão das imagens do cotexto e dos agrupamentos lexicais de cada lista de palavras-chave pode informar da capacidade do redator quanto aos mecanismos sintáticos de concordância, regência e

colocação (temas que não foram explorados ainda quanto ao seu potencial de iconicidade). Combinações malfeitas geram ruído na comunicação. Logo, os redatores devem estar atentos àqueles mecanismos sintáticos para garantir a eficiência de seu texto, por meio da geração de cotextos apropriados.

Como visamos a subsidiar a produção textual, pretende-se fornecer a docentes e discentes condições objetivas de avaliação dos textos. A informática mostrou-se-nos um recurso garantidor do afastamento de subjetividades e vieses ideológicos na análise de textos. Com isso não incorremos no risco de entender que toda a descrição da língua já esteja resolvida e, por conseguinte, minimizar a relevância do estudo de caso projetado sobre textos reais, produzidos por estudantes.

No que tange à questão da argumentação, por ora também foi bastante observar a articulação entre itens léxicos priorizados (de maior frequência e ocorrência) e sua função indicial ou icônica quanto à manutenção temática. Isso porque é frequente rejeitarem-se redações discentes com o critério *fuga ao tema*. Todavia, parece faltar ao docente um instrumental técnico-teórico que lhe possibilite instruir o novo redator para que corrija o problema apontado e que lhe resultou em reprovação. Impõe-se aqui a retomada do critério da verossimilhança.

Busca-se uma verdade textual, que propicie a formação de um sentido para o texto. Para tanto, é preciso que a tessitura do texto atenda os critérios mínimos de seleção lexical adequada e estruturação sintagmática conforme a norma padrão (pois a produção em questão é o texto acadêmico). Logo, o mapeamento propiciado pelas ferramentas digitais – WordSmith Tools 4.0, Examine32 e TextNet.32 – tende a facilitar o trabalho docente no que tange a demonstrar objetivamente ao estudante-redator os problemas ou as qualidades materiais de seu texto.

Mesmo sem apresentar demonstrativos exaustivos neste livro, cremos dar ao leitor instrumentos de apreciação da organização textual perseguindo as escolhas léxicas e suas combinações, verificando-lhes o potencial icônico, ou seja, o conteúdo que possa produzir imagens mentais orientadoras da leitura. Essas imagens deverão conter dados dos argumentos fundamentais dos textos, com os quais o enunciador teria produzido uma verdade enunciativa que deveria ser reconstruída no ato de leitura, com as devidas intervenções do intérprete.

A repetição de palavras-chave apuradas nos textos-corpus e nos textos-fonte pode representar icônica (se tomadas em blocos) ou indicialmente (se observadas item a item) a preocupação dos jovens-redatores no sentido de reutilizar não só as palavras-chave, mas cotextos que se representam na estruturação sintagmática em que tais palavras são reiteradas nos textos.

É possível observar ainda que o padrão de coesão criado pela seleção lexical atua como ativador de espaços mentais que orientam a interpretação do texto. Esses padrões são enriquecidos à medida que se desenvolvem em estruturas sintagmáticas, gerando os cotextos que aproximam (ou afastam) linhas de raciocínio desenvolvidas sobre um dado tema.

A preocupação docente com a formação de redatores eficientes e, para tal, a necessidade de domínio do vernáculo gera a necessidade de ampliação de repertório. Este se constitui de palavras e expressões, porém, centrei minha análise nos substantivos e adjetivos com vistas a dar uma mostra inicial do modelo de análise então construído.

Sobre a iconicidade do projeto em si

É preciso, a esta altura, retomar as principais questões de pesquisa em torno das quais se desenvolveram todas as análises que deram origem a este livro.

Qualquer projeto comunicativo deverá resultar na produção de um texto verossímil?

A primeira questão demanda as seguintes considerações:

- a) a vontade de dizer é a célula-mãe do texto, é seu projeto original;
- b) o projeto do texto é condição para a verossimilhança: é preciso ter o que dizer sobre algo, assim como saber definir previamente a quem se destina esse dizer;
- c) a verossimilhança é uma verdade construída no texto, portanto emergente da trama sónica que deve possibilitar a produção de imagens que ativarão espaços mentais e viabilizarão a interpretação;

- d) a verossimilhança resultará de um projeto de dizer possível de ser aceito pela comunidade leitora a que se destina;
- e) uma comunicação será verossímil quando for suficientemente potente para gerar semiose, ou seja, signo, interpretação.
- f) neste estudo, o texto-fonte foi tomado como projeto comunicativo a ser perseguido pelos estudantes-redatores.

O texto que não produzir verossimilhança não fará jus a ser considerado texto, pois não terá eficácia, não dará cumprimento a um projeto comunicativo?

- a) a eficácia textual depende de sua força comunicativa;
- b) a verossimilhança é virtual, uma vez que depende das condições de produção de leitura;
- c) a virtualidade da significação do texto faz com que a classificação de algo como texto seja relativa e condicionada às condições de produção de enunciação e de leitura;
- d) no processo de produção de leitura é que se poderá aferir a eficácia comunicativa do texto;
- e) no caso dos textos-corpus então apreciados, por serem textos acadêmicos, a virtualidade se torna limitada pelo âmbito temático e pelo tipo de receptor (intérprete);
- f) a produção da verossimilhança, portanto, não será fator determinante para a classificação de um texto como tal.

Uma vez definida a relação entre verossimilhança, projeto de texto e eficácia comunicativa, impõe-se a pergunta capital desse projeto:

Como orientar estudantes de graduação na construção de argumentos convincentes a partir do uso estratégico do léxico português?

Creio ter podido demonstrar com as tabulações produzidas automaticamente que há processos cognitivos que operam a seleção vocabular em consonância com a proposta temática do texto. Percebe-se nesse material a necessidade de um treinamento tático dos falantes no

sentido de tomarem-se aptos a identificar os signos e seus matizes significativos, para que as escolhas léxicas se façam adequadas.

O domínio lexical implica:

- g) Saber o grau de probabilidade de encontrar essa palavra na fala ou na escrita. Esse item diz respeito a dois tipos de conhecimento: frequência e colocabilidade. Por exemplo, a palavra *língua* coloca-se com *portuguesa*, *nacional*, *difícil*; a palavra *falante* coloca-se com *nativo*, *estrangeiro*;
- h) Conhecer os condicionamentos de seu uso de acordo com variações de função e de situação, ou variações de registro;
- i) Pressupor conhecimento de sua forma subjacente e de suas possíveis derivações e flexões;
- j) Conhecer suas propriedades gramaticais e estruturais.
- k) Conhecer a rede de associações com outras palavras da língua ou suas relações paradigmáticas. Por exemplo, a palavra *gramática* está associada a *norma*, *uso*, *fala*, *falante*, dentre outras;
- l) Conhecer suas potencialidades semânticas nos planos denotativo e conotativo.

No âmbito do desenvolvimento lexical, é preciso considerar que um falante médio domina umas 20.000 palavras no seu vocabulário ativo e passivo. Observar que o emprego das unidades léxicas depende de alguns fatores: (1) o registro usado (língua oral ou escrita, formal ou informal, etc.); (2) o tópico tratado (culinária, botânica, astronomia, etc.); (3) o gênero utilizado (linguagem literária romanesca, dramática, poética, jornalística, técnica, científica). Logo, a relação entre um projeto de texto e sua comunicabilidade (ou eficácia comunicativa) implica pôr os falantes em contato com o maior número possível de textos, a partir dos quais ele absorverá itens lexicais para suas produções. Em seguida, instruir os falantes quanto à seleção dos signos em relação ao projeto comunicativo que, por sua vez, decorre de uma proposta temática associada a um receptor determinado.

Observe-se que a escolha lexical será balizada pelo tema e pela futura plateia (ou auditório), logo operará como filtro na produção da argumentação. Em se tratando de texto acadêmico, há de se convir que o

uso do léxico demanda especialização terminológica em função da área em que se insere o projeto comunicativo.

A iconicidade do texto ficará dependente da propriedade com que se construirão os sintagmas, uma vez que cada área de conhecimento apresenta uma moldura prévia em que devem se enquadrar os textos produzidos. Logo, na produção do texto acadêmico, o uso apropriado do jargão técnico é relevante na avaliação da eficácia comunicativa. Essa resultará da verossimilhança textual que, a seu turno, depende da coincidência entre imagens evocadas e espaços mentais ativados.

Tanto maior será a plausibilidade do texto quanto mais bem engendradas forem as representações nele presentes.

Segundo Santaella (1996), O texto verbal é um objeto complexo, detectável na linguagem, passível de interpretação e detentor de um modo de organização específico em função do que nele está representado. Nessa linha de raciocínio, a autora diz que a dissertação induz conceituações, estabelecimento de leis gerais, formulações abstratas. Por isso, o modo de organização da dissertação corresponderia ao nível simbólico nas categorias peirceanas. Logo, trata-se de um gênero textual resultante de operações mentais que traduzem as ocorrências que se repetem e se tomam hábito em leis e tipos gerais. Em decorrência, a dissertação demanda maiores habilidades verbais que, segundo Kristeva, propiciem o atendimento ao princípio da derivabilidade em que enunciados se desdobram em outros enunciados correlatos ao longo do texto; ou, de acordo com Halliday & Hasan, atendam aos princípios de coesão lexical e sequencial segundo parâmetros funcionais.

Ainda com Santaella, tem-se que a dissertação é a linguagem das fórmulas genéricas. Por isso, a despeito de tantas complexidades, torna-se mais exequível construir-se um projeto de dissertação que o de uma narração ou de uma descrição.

O projeto de dissertação vai seguir uma formulação prévia em que determinados ingredientes não podem faltar. Persegue-se num texto dissertativo uma sucessão de traduções de uma mesma ideia que vai crescendo ao longo do texto até desabrochar numa conclusão. Assim sendo, constrói-se um plano básico para o texto em que uma tese deverá ser discutida e arrazoada para que seja validada ou negada ao final do processo.

O texto deverá produzir ícones e índices que permitirão ao leitor compreender o raciocínio do enunciador. Uma vez conduzido, transformase em símbolo preferencialmente aplicável na leitura de outros objetos similares.

Dessa forma, pode-se conduzir que a preparação do estudante para a produção de textos acadêmicos – dissertações – eficientes, demanda a convivência efetiva com a língua e seus enquadres, assim como a observação dirigida do processo de produção signica: a semiose.

Uma vez compreendida a relatividade dos signos e das significações, será possível desenvolver no estudante o compromisso com a expressão, de modo a buscar cada vez mais a iconicidade. A necessidade de comunicação se impõe a cada instante, e os sujeitos precisam instrumentalizar-se para a produção de textos que dêem conta de seus projetos de dizer.

Finalizando, traduzimos a verossimilhança como plausibilidade; a iconicidade lexical como a potencialidade semântica dos signos na produção de imagens evocativas de significações; a iconicidade diagramática sintagmática como a combinação ajustada dos signos (exemplificados neste estudo com substantivos e adjetivos) na expressão de idéias em busca da especialização dos sentidos. Logo, um texto terá atingido seu projeto comunicativo, quando for legível, interpretável; e o estudante-redator será considerado apto para dissertar quando for capaz de produzir textos que representem a formulação de idéias afinadas com o tema básico, materializadas na seleção e combinação adequadas das unidades léxicas.

Referências bibliográficas.

- BAHKITIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAR-HILLEL, Jehoshua, *Aspects of Language*, Jerusalem: The Magnes Press, Hebrew Univ. & Amsterdam: North-Holland, 1970
- BRAIT, Beth (org.). *Bahktin – Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BUNGE, Mário. *Teoria e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- COSTA, Lígia Militz da. *A poética de Aristóteles. Mimese e verossimilhança*. 1ª. ed. 4ª. impressão. São Paulo: Ática, 2006.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto* (vol. 1). São Paulo: Ática, 1995.

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FAUCONNIER, Gilles, TURNER, Mark. *The Way We Think: Conceptual Blending and The Mind's Hidden Complexities*. Cambridge University Press, 2002.
- GARCIA, O M. *Comunicação em prosa moderna*. 24ª ed. FGV, 2004.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.
- HALLIDAY, MA.K & HASAN, Ruqaya, *Cohesion in English*. 1ª ed, 2ª imp. London: Longman, 1977.
- HALLIDAY, MA.K. *An introduction to functional grammar*. 3ª. edition. Oxford University Press Inc., 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, Ingedore V. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editores, 1995.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LAKOFF, G. and JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, Georg and TURNER, Mark. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- MORRIS, Charles W. *Fundamentos da teoria dos signos*. Rio de Janeiro: Eldorado/ São Paulo: EdUSP, 1976.
- NÖTH, Winfried. *A semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, 1995.
- PEIRCE, Charles Sanders. (1931-58). *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce* - electronic edition - reproducing Vols. I-VI ed. Charles Hartshorne and Paul Weiss (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935), Vols. VII-VIII ed. Arthur W. Burks (same publisher, 1958)
- PENCO, Carlo. *Introdução à Filosofia da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- PERELMAN, Chaïm. *Tratado de argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- _____. *A teoria geral dos signos. Como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- _____. *Matrizes da linguagem e pensamento. Sonora, visual e verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- SANTAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried. *Comunicação & Semiótica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

Darcília Simões, 2007

_____. *IMAGEM. Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. *Produção de linguagem e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da Letra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

SAUTCHUK, Inez. *A produção dialógica do texto escrito: um diálogo entre escritor e leitor interno*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

SEARLE, John. *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina, 1984.

SCHMIDT, F. *Reading*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

SIMÕES, Darcília & Vânia Lucia R. Dutra. "A iconicidade, a leitura e o projeto do texto". In *Linguagem & Ensino*. [ISSN 1415-1928]. Volume 7. Número 2. Jul/Dez. Pelotas: UCPel. 2004.

SIMÕES, Darcília. "Vozes e argumentos na arquitetura do texto". Comunicação na mesa-redonda *Produção textual: pesquisa e ensino* no IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, CIEFIL/UERJ –ago-2005.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva. 2004.

ULLMANN, Stephen. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

VÔTRE, Sebastião Josué & OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Resenha de GIVÓN, T. (1995) *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. In DELTA vol.13 n.2 São Paulo. Aug. 1997.

Outras fontes:

BIDARRA DE ALMEIDA, José. Imagem, Comunicação e Realidade Disponível em <http://www.univ-ab.pt/~bidarra/hyperscapes/video-grafias-195.htm> (consulta em 23/04/06)

CABRAL, João de Pina. Semelhança e verossimilhança: horizontes da narrativa etnográfica. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132003000100006&lng=en&nrm=iso>. Consultado em 14/9/2006 14:07)

DORNELAS, Sabrina Rosa de Souza. "A mimese no sermão da montanha". Cadernos do CNLF, Série VIII, nº01 (RESUMOS). (Disponível em <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/resumos/amimesinosermaoda.htm> - Consultado em 14/9/2006 14:18).

FIDALGO, Antonio. "A semiótica e os modelos de comunicação". Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-semiotica-modelos.html#anchor4791> [Fidalgo -Web 1]

_____. Sinais e Signos. "Aproximação aos conceitos de signo e de semiótica". Disponível em <http://ubista.ubi.pt/~comum/fidalgo-sinais-signos.htm> (consultado em 17/04/2006) [Fidalgo -Web 2]

LEAL, Rosemiro Pereira. "Verossimilhança e inequivocidade na tutela antecipada em processo civil". Revista da Fch Fumec, Belo Horizonte/MG,

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

p. 20-37, 2000. Disponível em <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=874> (consultado em 17/04/2006)

_____. Verossimilhança e Inequivocidade na Tutela Antecipada em Processo Civil, 2004. In: "A priori", INTERNET. Disponível em <<http://www.apriori.com.br/cgi/forum/posting.php?mode=newtopic&f=22>>. Consultado em 14/9/2006 14:26.

LOPES, Luís Carlos. "Verossimilhança e poder". *La Insignia*. Brasil, junho de 2005. (http://www.lainsignia.org/2005/junio/soc_020.htm - Consultado em 14/9/2006 13:39).

MORO, Rolando Raul. "Requisitos da antecipação de tutela e uma nova visão do *periculum in mora*". Disponível em http://www.tex.pro.br/wwwroot/04de2005/requisitosdaantepacao_roland_oraulmoro.htm (consultado em 17/04/2006)

PEIRCE, Charles Sanders. *¿Qué es un signo?* (1894) - Traducción castellana de Uxia Rivas (1999) Disponível em <http://www.unav.es/gep/Signo.html> (consultado em 27/02/2006)

PRATES, Eufrasio. Semiótica: uma suave introdução. Disponível em <http://www.geocities.com/Eureka/8979/semiotic.htm> (consultado em 17/04/2006) [Prates - Web 1]

SANTAELLA, Lucia.. A semiótica e os estudos literários. In Com ciência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. In <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=11&id=81> (consulta em 23/04/06)

SARDINHA, Tony Berber. Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem. In DIRECT Papers 40, 1999. (in lael.pucsp.br/direct/DirectPapers40.pdf (consultas várias).

Dicionários

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI*, versão 3.0 – Lexikon Informática e Nova Fronteira. 1999.

GALLISSON, R & COSTE, D. *Dicionário de didáctica das línguas*. Coimbra: Almedina, 1983.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão digital. 2001.

WOODFORD, Kate & JACKSON, Guy. *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 (Version 1.1.)

RABACA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. 2ª ed. ver. e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

Outras obras da autora

1. SIMÕES, Darcilia. *Iconicidade e verossimilhança*. Semiótica aplicada ao texto verbal. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007, v. único. p.110.
2. SIMÕES, Darcilia. *Considerações sobre a fala e a escrita* (Fonologia em nova chave). São Paulo: Parábola Editorial, 2006, v.1. p.119.
3. SIMÕES, Darcilia. *Semiótica & ensino: reflexões teórico-metodológicas sobre o livro-sem-legenda e a redação*. CD-Rom. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006, v.1. p.160.
4. SIMÕES, Darcilia. *Fonologia em nova chave*. Considerações sobre a fala e a escrita. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2005, v.1. p.132.
5. SIMÕES, Darcilia. *Novos Estudos Estilísticos de I-Juca-Pirama*. (Incursões semióticas). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2005, v.1. p.210.
6. SIMÕES, Darcilia. *Trabalho acadêmico. O que é? Como se faz?* Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004, v.1. p.100.
7. SIMÕES, Darcilia. *Fonologia em nova chave: considerações metodológicas sobre a fala e a escrita*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2003, v.1. p.150.
8. SIMÕES, Darcilia. *Semiótica & ensino: reflexões teórico-metodológicas sobre o livro-sem-legenda e a redação*. Rio de Janeiro: UERJ/Dialogarts, 2003, v.1. p.200.
9. SIMÕES, Darcilia. *Leitura, velocidade e estudo eficiente*. Rio de Janeiro: DIALOGARTS, 1998, v.1. p.90.
10. SIMÕES, Darcilia, BRANDÃO, A. C. R., SANTOS, E. F., SOUZA, R. C. A *estilística singular de I-Juca-Pirama*. Rio de Janeiro: DIALOGARTS, 1997, v.1. p.157.
11. SIMÕES, Darcilia. *Estudos fonológicos: a língua portuguesa no plano dos sons e da grafia*. Rio de Janeiro: DIALOGARTS, 1997, v.1. p.80.
12. SIMÕES, Darcilia. *TRAVESSIA - Contos de pressa*. Rio de Janeiro : DIALOGARTS, 1997, v.1. p.10.
13. SIMÕES, Darcilia, CALDEIRA, A. M., CHERMONT, M. L. S. M., DINIZ, I., DINIZ, D., ZACCUR, Edwiges. *Fragmentos de nós*. Niterói - RJ: Centroarte, 1988, v.1.

Livros organizados

1. SIMÕES, Darcilia, KAROL, Luiz, SALOMÃO, Any Cristina. *Português se aprende cantando*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007, v. único. p.266.

Iconicidade e verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal.

2. SIMÕES, Darcilia, KAROL, Luiz, SALOMÃO, Any Cristina. *Língua e estilo de Elomar*. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2006, v.1. p.150.
3. SIMÕES, Darcilia, HENRIQUES, Claudio Cezar (orgs.) *A Redação de Trabalhos acadêmicos. Teoria e prática*. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2005, v.1. p.120.
4. SIMÕES, Darcilia, HENRIQUES, Claudio Cezar (orgs.) *Língua portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2005, v.1. p.328.
5. SIMÕES, Darcilia, HENRIQUES, Claudio Cezar (orgs.) *A Redação de Trabalhos Acadêmicos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, v.1. p.120.
6. SIMÕES, Darcilia. *Estudos semióticos*. Papéis avulsos. Edição digital. Rio de Janeiro : Dialogarts, 2004, v.1. p. 160.
7. SIMÕES, Darcilia, HENRIQUES, Claudio Cezar. *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004, v.1. p.328.
8. SIMÕES, Darcilia, HENRIQUES, Claudio Cezar (orgs.) *A Redação de Trabalhos Acadêmicos: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, v.1. p.120.
9. SIMÕES, Darcilia, HENRIQUES, Claudio Cezar (orgs.) *A Redação de Trabalhos Acadêmicos: Teoria & Prática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, v.1. p.118.
10. SIMÕES, Darcilia. *A produção de monografias*. Rio de Janeiro: DIALOGARTS, 1999, v.1. p.100.
11. SIMÕES, Darcilia (org.) *Semiótica & Semiologia em questão*. Rio de Janeiro: DIALOGARTS, 1999, v.1. p.130.
12. SIMÕES, Darcilia (org.) *A produção de monografias*. Rio de Janeiro: DIALOGARTS, 1998, v.1. p.80.